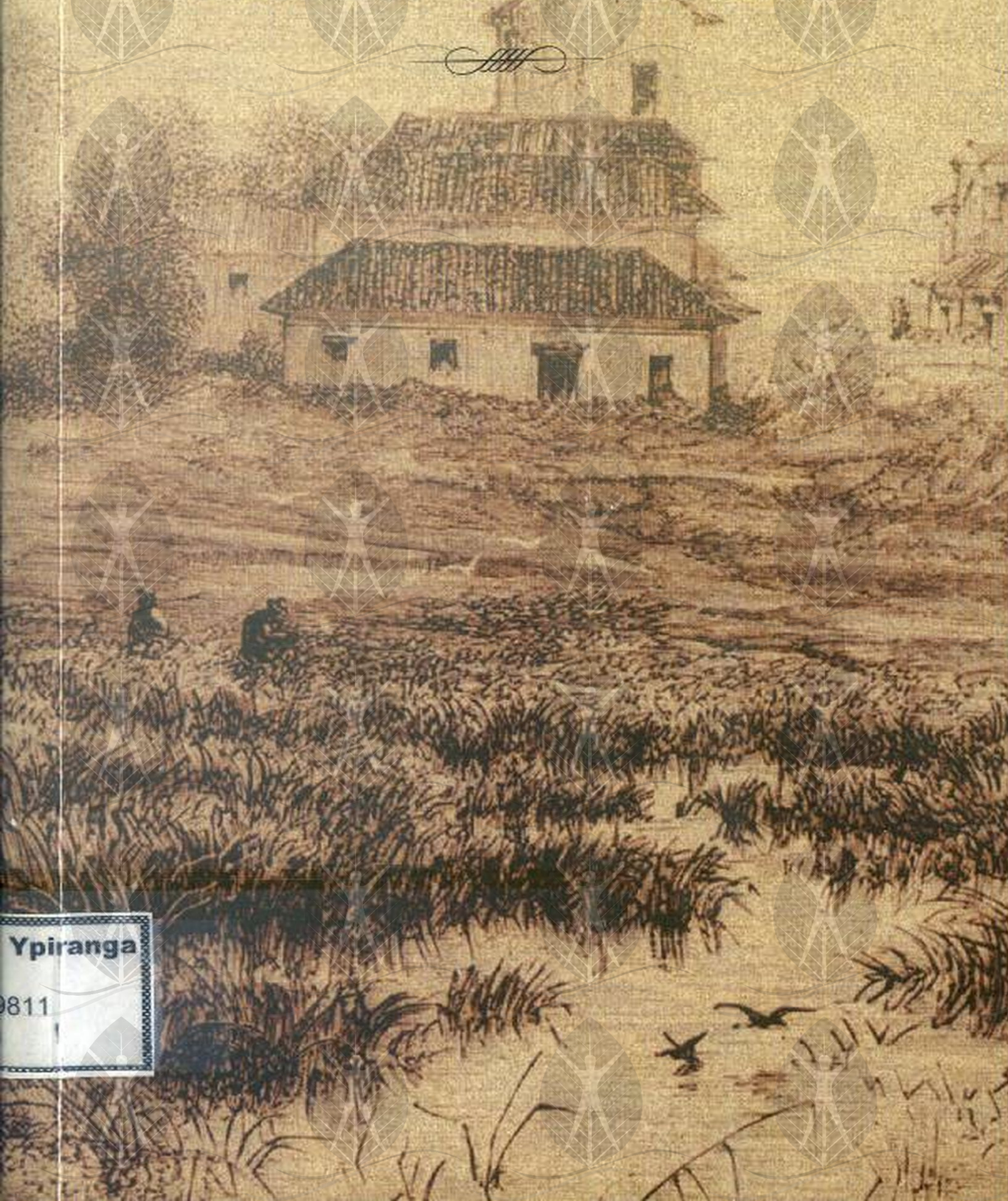


coleção  poranduba

— DJALMA BATISTA —

Amazônia Cultura e Sociedade

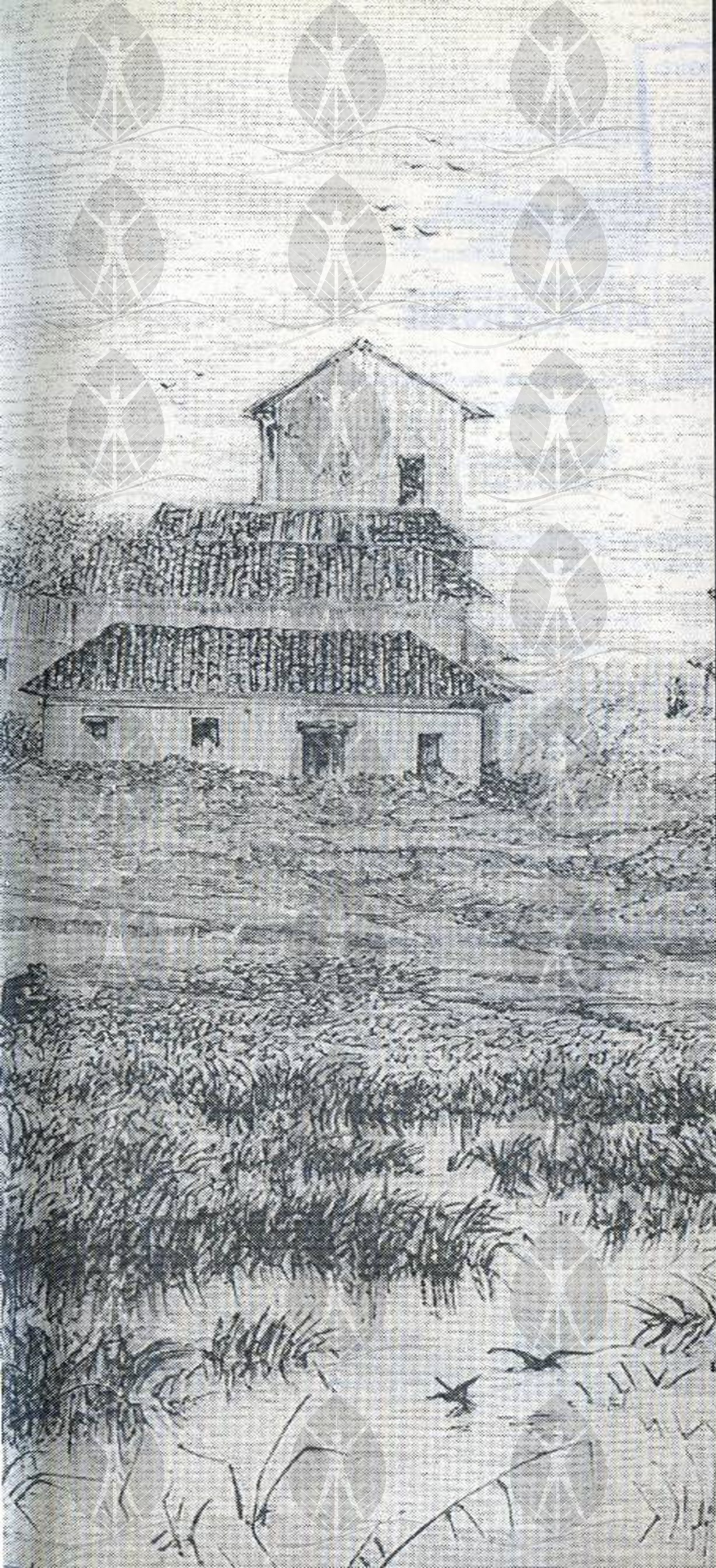


Ypiranga
9811



Amazônia – Cultura e Sociedade





coleção poranduba

AMAZÔNIA – CULTURA E
SOCIEDADE

Coordenação
Tenório Telles

Bt. Mário Ypiranga Monteiro

Registro: 00 104

Folha:

Date



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

Governador do Estado do Amazonas
Eduardo Braga

Vice-Governador
Omar Aziz

Secretário de Estado da Cultura
Robério dos Santos Pereira Braga

Secretário-Executivo
Arlindo Júnior

Assessor de Edições
Antônio Auzier Ramos

Co-edição
Governo do Estado
Editora Valer

Universidade Federal do Amazonas

Reitor/Ufam
Hidembergue Ordozgoith da Frota

Editor/Edua
Renan Freitas Pinto

Djalma Batista



AMAZÔNIA – CULTURA E SOCIEDADE

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas



Amm
301.09811
B333a



Copyright © (desta edição) Editora Valer, 2003

EDITOR

Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Tenório Telles

PROJETO GRÁFICO

Marcicley Rego

(Capa – ilustração (detalhe) de M. Biard,
1858-1859 – Museu Amazônico)

EDITORAÇÃO

Heitor Lopes

Revisão

Cynthia Teixeira

Marcos Sena

Sergio Luiz Pereira

PESQUISA

Geraldo dos Anjos

NORMALIZAÇÃO

Ycaro Verçosa

B326a Batista, Djalma.

Amazônia – Cultura e Sociedade. / Djalma Batista; organização de Tenório
Telles – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Editora da
Universidade Federal do Amazonas, 2003.

182 p. (Coleção Poranduba)

ISBN 85-7512-097-2

1. Amazônia – Estudo sociocultural I. Título II. Série.

CDU 316.722 (811)

2003

Editora Valer

Rua Ramos Ferreira, 1195

69010-120, Manaus-AM

Fone: (0xx92) 633-6565

E-mail: editora@valer.com.br

Editora da Universidade Federal do
Amazonas

Rua Monsenhor Coutinho, 724 – Centro

69.010-110, Manaus-AM

Telefax: (0xx92) 231-1139

E-mail: edua@fua.br

Sumário

Apresentação	7
Letras da Amazônia	11
Cultura amazônica	67
Idéias gerais sobre a ecologia do homem amazônico	99
Da habitabilidade da Amazônia	113
Branco e índios na formação da Amazônia	159

Homem de instrução clássica, Djalma Batista publicou crônicas em que tanto destacava a produção de conhecimentos, arte e literatura sobre a Amazônia quanto a necessidade da continuação dessas atividades, conforme lemos na dedicatória do autor no livro *O complexo da Amazônia*.

Esta coletânea que ora se publica, *Amazônia – cultura e sociedade*, formada de textos dispersos em revistas e brochuras, abrange o pensamento de Djalma Batista como amazonólogo e amazônida. Correspondendo a uma síntese das “letras da Amazônia” no sentido da produção do conhecimento até então realizada sobre a região, os textos fazem referência a pesquisadores consagrados por leituras e análises aprofundadas, bem como àqueles que precisam ter seus estudos mais divulgados, todos importantes para a compreensão do mundo amazônico. No

* Rita de Oliveira é Mestra em Literatura Brasileira e professora da Universidade Federal do Amazonas.

texto que abre o livro, “Letras da Amazônia”, a realidade regional é considerada em sua riqueza natural e humana, embora o autor discorde de alguns procedimentos equivocados dos quais a região e autores que sobre ela escreveram foram alvo.

A coletânea inclui ainda os ensaios interpretativos intitulados *Cultura amazônica*, publicados na *Revista da Academia Amazonense de Letras*, em 1955, nos quais o autor realiza análise histórico-sociológica da região, discutindo as implicações da divisão política da Amazônia naquele momento e suas idiossincrasias culturais.

A biografia de Djalma Batista respalda sua postura de cientista da Amazônia em inúmeras publicações e cursos que realizou, tanto na área de saúde como de humanidades. Afinal, a primeira está intrinsecamente ligada à segunda.

Considerando a idéia de que na Amazônia tudo estava por fazer no sentido de ser preciso registrar as informações sobre ela e assim inscrevê-la na História e na Ciência, o pensamento de Djalma Batista, nos artigos desta coletânea, instiga o leitor a refletir muito mais sobre como fazer com todos esses conhecimentos de modo a transformar o amazônida em verdadeiro construtor de sua História e Ciência, caso ele não tenha agido assim desde sempre nas pequenas comunidades.



AMAZÔNIA – CULTURA E SOCIEDADE

Letras da Amazônia*

Falar da Amazônia, em qualquer dos aspectos – fisiográfico, social, intelectual – é aventurar-se alguém a enfrentar senão o infinito, pelo menos o indefinido.

É a terra mais nova do planeta, recendendo ainda o cheiro embriagador da sua infância geológica, e é a menos conhecida das regiões da Terra, nos paradoxos de sua natureza desnorteante, ante a qual ruem os postulados das ciências naturais. Em sua história, porém, já se escreveram capítulos extraordinários, tais a confederação ameríndia de Ajuricaba, a Cabanagem, a conquista do Acre e o ciclo do ouro negro, o qual lhe ensejou, nos primórdios deste século, uma situação privilegiada e de destaque ante as demais regiões brasileiras.

* Ensaio publicado em 1938, pela Gráfica César.

Não é de admirar, portanto, que na Amazônia e à margem da Amazônia se tenha criado todo um notável movimento cultural, que representa hoje um panorama largo e surpreendente nos quadros intelectuais do Brasil e quiçá de todo o mundo. Porque a ele estão ligados, indissolivelmente, grandes nomes da literatura e da ciência modernas, de La Condamine a Wallace, de Martius a Bates, de Humboldt a Agassiz, para só falar em seis figuras de projeção internacional.

Não me proponho – como é óbvio – empreender o temerário objetivo de situar a Amazônia intelectual no cenário intelectual pátrio, nem muito menos no universal – que me falecem meios para tanto e nem tanto o Centro de Estudos Amazônicos exigiria de seu obscuríssimo associado, que só lhe pode trazer, nesta palestra desalinhavada, o concurso, inútil porque vazio, desprezioso porque sincero, de sua mocidade, formada no culto devocional e no amor afervorado pela terra e pelo homem amazônicos: *terra* feiticeira e boa, portentosa e triste, que encerra o futuro da humanidade no seu seio carinhoso – no recesso ignoto de suas florestas, onde corre a seiva fecunda de uma botânica intrincada e nova, e toda uma zoologia que assombra e fascina; na trama vascular de seus caudalosos rios; no sistema nervoso de suas cidades, vilas e povoados, vibrando ao toque mágico de suas convulsões potâmitas, geológicas e econômicas; – *homem*, novo e vigoroso, impressionante pelo seu heroísmo e pelos seus aparentes contrastes, vivendo uma vida própria, na assimilação fatal das condições mesológicas especialíssimas de toda a Amazônia.

Tenho bênçãos, neste instante, para o seringueiro dos altos rios, plantador de cidades e de ossadas – que trezentas mil foram as absorvidas na colonização do vale – cujo poema “ainda não foi escrito –, mas o seu fulgor, como o luar das geleiras, espadanando Himalaias de chamas, cai sobre nós à maneira de um opulento *gulf-stream*, que nos traz do passado, das idades remotas, a coragem e o calor para a beleza e para a glória!”¹ Benditos também os cultuadores das letras amazônicas, seus intérpretes e seus pensadores, artistas e cientistas, em cuja obra, no passado ou no presente, luminosa a de ontem, grande e tenaz a de hoje, está acesa uma das mais refulgentes e gloriosas páginas da inteligência brasileira.

Vou tentar resumir, em abono das minhas assertivas, algumas considerações em torno das colunas mestras da intelectualidade no extremo norte, sem que as minhas palavras envolvam um sentido de crítica, mesmo de boa crítica: apenas impressões das minhas viagens através da bibliografia amazônica, do que eu conheço dos homens de letras e de arte da Baricéa, presentes todos eles, sempre, na minha lembrança e na minha admiração fervorosa.

Primeiros cronistas

A primeira referência tem que ser, pelo imperativo da ordem e da justiça, aos primeiros cronistas – padres quase todos eles –, partícipes das aventuras heróicas dos pioneiros

¹ MAIA, Álvaro. “Canção de fé e esperança”.

das entradas, feitas umas sob a bandeira da Espanha, de oeste para leste, outras, Amazonas acima, sob o pavilhão português.

Frei Gaspar do Carvajal foi o Pero Vaz Caminha, do Amazonas, passando-lhe a respectiva "certidão de idade", para servir-me da magnífica expressão de insigne escritor nosso: foi ele o cronista da primeira expedição que singrou as águas do Amazonas, chefiada por esse extraordinário Francisco Orellana, que enfrentou, na sua viagem, rio abaixo, a partir do Coca, desde a fome e a guerra da indiada presa de espanto ante a audácia do desvirginador do mundo amazônico, até o desânimo dos companheiros de jornada, e inclusive a pecha de haver abandonado à sorte a outra parte da expedição, com Pizarro à frente, que lá ficara, nos lindes do País da Canela. Tudo isso está descrito na *Relação* de Carvajal, juntamente com a recepção belicosa das guerreiras da foz do Nhamundá, a quem Orellana cedeu o nome, que até então era o seu, ao rio grande descoberto, chamando-o de rio das Amazonas.

O padre Cristóbal Acuña foi quem nos deu o relato da viagem de Ursúa, trágica e grotesca, com impiedosa matança do chefe e a criação de um fantasmagórico império nas terras descobertas, confiado, de início, a D. Fernando de Gusmão, sacrificado à sanha de Lopo de Aguirre, que se tornou, desde então, o "quixotesco monarca do Deserto", do verso de Humberto de Campos.

Seguiram-se-lhes outras, cujas narrações são hoje a luz esplendorosa que ilumina aquela época de novos argonautas, culminados na figura estupenda de Pedro Teixeira.

Deixaram-nos também os catequistas – padres a cuja obra, desde a primeira hora, se uniram os destinos da planície –, relatos surpreendentes, em que eram fixados quadros da natureza amazônica, traços vigorosos da psicologia do ameraba, de par com a história acidentada das reduções. Salienda-se dentre todos – dentre jesuítas, carmelitas e mercedários, revividos hoje na justiça dos historiadores – o vulto singular de Samuel Fritz, soldado valoroso de Cristo e de Loyola, a quem devemos, entre mil outras coisas, o levantamento do primeiro mapa da região.

Exploradores e naturalistas

Do século 18 em diante, quando já tinha ecoado na Europa o troceno anunciador das grandezas amazônicas, começou a procissão dos viajantes e naturalistas, curiosos de entender o Mundo Novo, deslumbrados ante aquele recanto impressionante da “eterna oficina” do Criador. Veio Charles Marie de la Condamine, para medir os graus terrestres; mediu-os e voltou à França, apresentando à Academia de Ciências de Paris, um bloco de goma elástica, que à sua acuidade de sábio despertara o máximo interesse e para a qual profetizou a significação que um século mais tarde ela teria na economia amazônica.

Alexandre Rodrigues Ferreira lá esteve, por nove anos, e seu nome se acha ligado a curiosas investigações, no campo da história natural, da antropologia, da etnografia e da geografia na Híléia. Era um sábio, na mais lata significação do termo e dele já se disse, com razão, que é o “Humboldt brasileiro”. Suas “notí-

cias” e “memórias”, de tão numerosas, são incontáveis, destacando-se, porém, o *Diário da viagem filosófica pela Capitania de São José do Rio Negro*, repositório de observações preciosas.

Perlustrou, em seguida, as regiões equinociais, adentrando pelo vale amazônico, o consagrado expoente da ciência moderna – Alexander von Humboldt – que não regateou palavras de assombramento pelo que vira.

Martius e Spix, enleados na flora e na fauna, realizaram explorações notáveis, reunindo depois os seus estudos em obra definitiva. Castelnau, entomologista de fama mundial, esmerilhou a meteorologia na Amazônia. Wallace, criador da zoogeografia, experimentou o “terror cósmico” em face da grandeza amazônica e se debruçou, maravilhado, sobre os problemas científicos da jangla. Walter Bates, “assistiu mais de um decênio na Amazônia, realizando descobertas memoráveis, que estearam o evolucionismo nascente”.² Chandless levou a efeito importantes explorações no Purus, no Juruá e no Abacaxis, legando-nos, de par com o seu nome, conferido a um rio da bacia, vigoroso estudo que se encontra nos Anais da Sociedade de Geografia de Londres. Frederico Hartt foi um naturalista que, envolvido com a geologia, deu mais tarde a Euclides da Cunha, a impressão de ter escrito uma obra de “ másculo lirismo”. Com Agassiz foi ao Amazonas a mais luzida expedição científica até então: seu livro *Viagem ao Amazonas*, está agora incorporado à língua portuguesa, e seus estudos lhe valeram o título de “pai da geologia e da ictiologia amazonenses”.³

2 CUNHA, Euclides da. Prefácio do *Inferno verde*.

3 BITTENCOURT, Agnello. *Corografia do Amazonas*, p. 261.

Vieram outros mais, e numerosos – Emilio Goeldi, Jacques Huber, Koch-Grünberg, Mme. Coudreau –, até o Dr. Hamilton Rice, o mais recente dos exploradores (1924-1925), “de citação indispensável quando se trata de explorações geográficas no extremo norte do Brasil”.⁴

Entre os nossos, destaca-se o velho e eminentíssimo Barbosa Rodrigues, que “escreveu importantes trabalhos sobre arqueologia, etnografia, hidrografia, botânica, tendo descoberto e descrito, neste ramo das ciências naturais, muitas espécies novas”.⁵ Destaca-se também o pe. Dr. José Monteiro de Noronha, cujo *Roteiro* é um estudo completo da região percorrida.

É de mister, também, não esquecer os nomes fulgentíssimos de Xavier Sampaio, Tavares Bastos, Silva Coutinho e do sertanista admirável que foi Pereira Labre. E, contemporaneamente, alinham-se na galeria brilhantíssima, pelos trabalhos que têm realizado, explorando corajosamente a hinterlândia e registrando em documentos preciosos o que hão visto e feito – os insignes Cândido Rondon, Braz Dias de Aguiar, Temístocles Brasil e José Guimard o primeiro desbravador titânico da “Rondônia”, e os outros membros eminentes das Comissões de Limites com os nossos vizinhos do setentrião.

Há um homem que se tornou, modestamente, em nossos dias, um grande naturalista. É o velho George Huebner, plantado nas cercanias de Manaus, e cuja vida tem sido consagrada à botânica do vale, ora revendo paciente e honestamente a

4 CASCUDO, Luís da Câmara. *Em memória de Stradelli*, p. 40.

5 JOBIM, Anísio. *A inteligência no extremo norte*, p. 27.

obra dos fitólogos que palmilharam a *selva selvaggia*, ora produzindo trabalhos originais – às voltas sempre com as palmeiras e as orquídeas. A ele se deve o estudo e a divulgação da *Sohnregia excelsa*, rutácea caprichosa, cuja vida se desenrola dentro de um ciclo admirável, em que se observa, consoante a descrição de Aurélio Pinheiro: *o duplo aspecto de graça cândida e de inconfundível nobreza: graça de silhueta que se desabotoa no feitio do ramalhete simétrico, como se o armassem as mãos sutis de algum gênio da selva; nobreza, que lhe emprestam a imensa altura, o talhe delicado e o espetáculo inédito das palmas que se curvam, que se dobram ao longo do fuste oferecendo maior realce à coroa florida.*⁶

Folcloristas

Passemos agora para outro grupo – o dos folcloristas da Amazônia –, demósofos, como se quer modernamente.

Avulta dentre todos esse destemeroso e desventurado Ermanno Stradelli, nobre italiano que consagrou quase 50 anos em aventuras no Amazonas. Foi um fascinado pela terra cabocla e sua memória, jamais esquecida nas bandas de lá, acha-se hoje perpetuada, em definitiva, graças à excelente monografia que lhe dedicou o ilustre Sr. Luís da Câmara Cascudo, mandada editar pelo Estado do Amazonas, quando do décimo aniversário do passamento de Stradelli. Sua biografia é acidentada e singular: do conforto e da bonança nobiliárquica passou de um salto às explorações penosíssimas pelos rios da

6 PINHEIRO, Aurélio. *À margem do Amazonas*.

grande bacia, de máquina fotográfica, microscópio e lápis em punho – lápis principalmente –, observando, estudando, recolhendo material precioso. A bibliografia, reflexo de sua peregrinação audaciosa, é longa e brilhante: “o valor (de sua obra) é literário, evocador, descritivo, amoroso das terras e da vida que o absorveu para sempre. Seu cuidado é não perder o material humano que se chamaria folclore”. Nele, “o etnólogo supera ao geógrafo”.⁷ Escreveu relatos de viagem, em “estilo fotográfico” como o batiza Câmara Cascudo; recolheu lendas, abeirou-se do segredo das pedras pintadas: “é o cronista da mata, enamorado dos segredos profundos, sedutores e envolventes como certos cipós que se cobrem de flores para fingir fragilidade”.⁸ Onde culmina, porém, a sua obra notável é no *Vocabulário da língua geral*, verdadeira “enciclopédia ameraba”, em que está concentrado o seu trabalho de meio século: negou-lhe o destino até a alegria de ver o seu *Vocabulário* em letra de forma, morto que foi três anos antes de seu aparecimento na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*.

Companheiro de Stradelli nas longas jornadas pela hinterlândia, senhor do segredo de suas lendas e do mistério de suas selvas, depara-se-nos à admiração o vulto surpreendente de Max J. Roberto, descendente da mais pura linhagem amazônica – lembrado com carinho e entusiasmo no livro interessantíssimo do notável escritor potiguar, que lhe resumiu a vida nestas palavras: “Entendia a fala da mata, dos rios e dos pássaros. Descobridor do filão luminoso, viveu distribuindo o ouro de que só ele conhecia o invisível roteiro.

7-8 CASCUDO, Luís da Câmara. *Em memória de Stradelli*.

Ignorada e gigantesca inteligência, simples e generosa, forte e solitário em seu sonho misterioso e absorvedor”.⁹

Pedro Luiz Sympson estudou a língua tupi-guarani, sobre a qual escreveu uma gramática e um dicionário, com cerca de 10.000 palavras, inédito.¹⁰

Outra figura de relevo entre os folcloristas amazônicos é a do pe. Constantino Tastevin, da Congregação do Espírito Santo, que perlustrou a Hyloe em sentidos diversos, nos seus misteres religiosos, dando asas assim às tendências aventureiras de seu espírito. Escreveu, entre outras coisas, uma *Gramática da língua tupi*, tida pelos entendidos como uma obra de muito valor.

Inscrevem-se também neste grupo os Srs. Raimundo Moraes, autor de vários livros, encerrando lendas, costumes, cenas da gleba, destacando-se o *Na planície amazônica*, premiado pela Academia Brasileira e adotado nas escolas do Amazonas e do Pará –, e Jorge Hurley, grande sabedor dos assuntos pertinentes à diluviândia, que publicou a *Amazônia ciclópica*. José Veríssimo é também um folclorista notável – notável como o foi na crítica – escrevendo *Cenas da vida amazônica* e um estudo sobre as “Populações indígenas e mestiças da Amazônia”: em suas páginas há flagrantes expressivos, anotações curiosas, de par com descrições extraordinárias, tais a do lago, a da pesca e a do duelo entre o tapuio e a sucuriju, para não falar no retrato estupendo da mameluca, que “tem a felicidade de ser desgraçada”, em cuja vida há um “romance humilde,

9 CASCUDO, Luís da Câmara. *Em memória de Stradelli*.

10 BITTENCOURT, Agnello. *Corografia do Amazonas*.

singelo, simples, ao princípio, mau no fim”, e que “vive entre as quatro melhores coisas do mundo: perfumes e amores, doces e flores”.¹¹

Há um outro escritor, para esta galeria, o Sr. Peregrino Júnior, em cuja bibliografia existem três livros sobre a Amazônia. Foi o homem o que mais o atraiu: há tipos deveras interessantes, nos seus contos, em que se descrevem costumes mui característicos. Seu estilo é o mesmo das suas crônicas ligeiras, que todos nós estamos acostumados a ler nas revistas da metrópole, todas as semanas – transportado também esse mesmo estilo às publicações médicas, abundantes e substanciais, do mesmo Peregrino Júnior.

E por fim – Osvaldo Orico, com o seu recente *Vocabulário das crendices amazônicas*, fica bem entre os nomes da etopéia no extremo norte. Escrevendo o romance *Seiva*, ele por certo não desejou entrar para o grupo dos amazonólogos. Outros livros já lhe abriram as portas da Academia Brasileira.

Reveladores da Amazônia

Os reveladores da Amazônia – seus intérpretes – contam-se por dezenas. Dentre todos, sobressai pelo seu porte majestático, um nome que ocupa a primeira plana nas letras nacionais: Euclides da Cunha. Quem lhe perlustre a obra, sentirá, através da “orquestração de sua neológica e arrebatadora linguagem”, os enleios da Amazônia a vibrarem nas suas

¹¹ VERÍSSIMO, José. *Cenas da vida amazônica*, p. 365.

observações e deduções estupendas. No capítulo de “Impressões Gerais”, esculpe com tanto vigor os panoramas da “Terra sem história” que nele se distingue a mais poderosa síntese que já foi possível fazer da Amazônia, completada, depois, com o prefácio notável do *Inferno verde*. Antes dele, a “terra mais nova do mundo”, era conhecida consoante a sua própria expressão –, aos fragmentos. São suas estas palavras: “A literatura científica amazônica, amplíssima, reflete bem a fisiografia amazônica: é surpreendente, preciosíssima, desconexa”.¹² Foi Euclides quem lhe deu nexos, traçando diretrizes seguras aos estudos amazônicos, depois de enfrentar, vitoriosamente, como já o fizera magistralmente com os sertões, “o maior dos problemas fisiográficos” e revelar de – “entre as magias daqueles cenários vivos...” – quem lhe pareceu ser – “um ator agonizante, o homem”.¹³

A Amazônia de Euclides é a dos primeiros tempos da formação social, vista sob o influxo dos trabalhos dos naturalistas que o precederam na região – Jacques Huber, principalmente, que foi o “poeta” sem metro nem rimas, que lhe transmitiu “a nova impressão verdadeiramente artística”, com que prosseguiu a viagem de Belém em diante.¹⁴ Foi, entretanto, uma visada profunda, de traços eminentemente pessoais, a sua, que ainda hoje assombra e entusiasma, quando já se constituiu, dispersa na desproporção territorial, porém unida nos mesmos laços de ventura e de desgraça, a sociedade amazônica, vincu-

12 CUNHA, Euclides da. *À margem da História*.

13 Idem, prefácio do *Inferno verde*.

14 CUNHA, Euclides da. “Discurso de posse na Academia de Letras”. In: *Contrastes e confrontos*, p. 341.

lada ao solo, que lhe parecera “a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis”.¹⁵ A análise do “caucheiro” é impressionante e fixa para sempre a história de uma época de devastação e de escravatura – da “castilloa” uma, e a outra, dos “mais interessantes aborígenes sul-americanos”, sob o guante daquele “homúnculo da civilização”. “Judas Asvérus” é um capítulo que resume todo o desespero penoso do seringueiro: *de bubuia*, “a figura desengonçada e sinistra”, sob o furor das descargas, desce a apregoar “o seu infortúnio, o seu exaspero cruciante, a sua desvalia, o seu aniquilamento iníquo”...¹⁶ Dando forma ao projeto de Alexandre Haag, na “Transacreana”, escreveu Euclides uma página profética, firmada em sólidos argumentos de ordem civilizadora, econômica, administrativa e visando a defesa nacional: não se assentaram os trilhos da ferrovia que abarcaria a “circunvalação desmesurada Madre de Dios–Ucaiali”. Mas o traçado estupendo será em breve aproveitado pela aviação, que unirá, definitivamente, os municípios acreanos, ligandô-os, em três dias apenas, ao coração do Brasil.

Enfim: “as páginas fragmentárias que escreveu sobre a Hyloe são, indiscutivelmente, o primeiro monumento que se vislumbra no horizonte literário amazônico”. Di-lo Péricles Moraes, qualificando Euclides de – “um clássico da Amazônia”.¹⁷

Sob o influxo das idéias e seguindo a mesma trilha de suas deduções, apareceram outros amazonólogos, entre os quais sobressaem dois nomes aureolados: Alberto Rangel e Alfredo Ladislau.

15 Idem, prefácio do *Inferno verde*.

16 CUNHA, Euclides da. *À margem da História*, p. 91.

17 MORAES, Péricles. *Legendas e águas-fortes*.

Em *Inferno verde*, Rangel traçou quadros magistrais, registrou episódios palpantes, numa pompa verbal admirável. Sem dúvida é “O Tapará”, sob o ponto de vista descritivo, o mais belo capítulo do livro, com justiça assaz celebrado: “O lago imenso volta-se para um e outro lado, qual a unhada de um gigante, afastando a mataria e cavando forte a terra, até dar n’água porejante”, encerrando “no cavado do valo, a animação da fauna aparente como na gravura que representasse um pedaço da terra, na parte última do primeiro capítulo do Gênesis, ilustrado pelo buril ingênuo de velhos gravadores”: “lago que é o refúgio seguro do amazonense”.¹⁸

Uma face do problema humano na Amazônia, deu-nos Alberto Rangel escrevendo “Obstinação”, em que se retrata a figura do potentado absorvente – “um apuizeiro social” – e do caboclo estóico, a quem três gerações ligavam à terra de que foi espoliado, nela preferindo morrer, soterrado voluntariamente, “no seu derradeiro e sugestivo gesto, o de um avaro surpreendido e agarrando um tesouro”. E que dizer da “Terra caída”, fenômeno da geologia dinâmica que, passando do livro de Rangel à musa do nosso inspiradíssimo Catulo, se tornou conhecido de toda gente? Não resisto à suavidade dos versos de Catulo, descrevendo a figura brejeira de Maibi (nome tomado a um outro belo capítulo do *Inferno verde*) – Maibi de quem se desprendia

*...esse ôrôma que se sente,
do chêro da terra quente,
quando começa a chuvê*

18 RANGEL, Alberto. *Inferno verde*, p. 35-36.

e cujos

*...óio, que tinha o fogo
das tarde, quando se intona,
tinha no fundo a beleza
de toda aquela tristeza
que tem o rio Amazona*

– arrematado o poema com a glorificação da saudade, que só ela tem vida, porque

*Saudade é a terra caída
de um coração que sonhou...*¹⁹

Alfredo Ladislau, com *Terra imatura*, construiu o mais bonito poema em prosa que já se fez sobre a Amazônia. “Livro que é uma verdadeira introdução à natureza amazônica, nele, Alfredo Ladislau, em impressivas águas-fortes, desenvolve a ondulante perspectiva do panorama amazônico, nos seus contornos desordenados e nas sombrias tragédias que lhe convulsionam as forças cosmológicas”. Eis aí a síntese, encerrando o melhor elogio, que de *Terra imatura* fez Péricles Moraes.²⁰

Ninguém que conheça a Amazônia saberá ao certo se a verdadeira concepção dos seus problemas está com Aiúna ou com Arianda – dois amazônidas que, no pórtico da *Terra imatura*, desdobravam idéias antagônicas, à hora do sol-poente, cujo esplendor dava “a impressão de que toda a luz se

19 CEARENSE, Catulo da Paixão. *Meu sertão*.

20 MORAES, Péricles. *Legendas e águas-fortes*, p. 17.

concentrara no ocaso” e de que “os dois imensos rios” (o Tapajós e o Amazonas) “recebendo de chapa os reflexos flavos da luz crepuscular, eram dois indômitos dragões doirados, rosando suas cóleras no seio das águas revoltas”.²¹ Arianda é o símbolo dos que vêm no abandono a que foi votada a Amazônia um crime da nacionalidade. Para Aiúna, todavia, “não há propriamente ninguém responsável pelo atraso da Amazônia”, resultando “precipuamente, desse desequilíbrio entre o coeficiente do nosso povo e o próprio mundo amazônico – vastíssima região impúbere, terra ainda imatura, e por isso refratária ao proveitoso equilíbrio das culturas eficientes”.²² Efetivamente entre esses dois pólos gira a dúvida de todos nós, com especialidade nas horas torvas como as que vive agora a Amazônia.

Na “Conquista da Selva” celebra Ladislau a epopéia do povoamento, e em “Mongo-malaios e sertanejos” o destemor heróico dos colonizadores e a resistência extraordinária dos caboclos, cujos antagonismos de constituição e temperamento analisa com a percuciência de um biotipologista.

A “Psicologia dos lagos”, sendo como que uma continuação do “Tapará” de Rangel, possui todavia aspectos de todo em todo pessoais, encerrando uma página estupenda de poesia. É que o lago, para Ladislau, “condensa toda a riqueza estética da paisagem” e “sumaria o passado e o presente de seus autóctones”.²³

21 LADISLAU, Alfredo. *Terra imatura*.

22 Idem.

23 Idem.

E nessa efusão de beleza – beleza de um lado inerente à própria natureza surpreendida em alguns de seus arrebatadores aspectos, e de outro transbordante da pena mágica do artista – se estende *Terra imatura* – um livro paradigmático –, em capítulos outros que valem referidos, numa evocação eternecida, já que para aqui não podem ser transportados, mesmo em resumo: “O himeneu das águas”, “Na morte da Laguna”, “O trabalho das múmias”, “O muiraquitã” e outros mais...

Com a publicação de um livro reivindicador – *Amazônia* – o nome do professor Araújo Lima alçou-se ao nível em que pairava Euclides da Cunha, nas letras amazônicas. Trata-se, com efeito, de um livro profundamente erudito, com uma introdução à antropogeografia que é um milagre de síntese e um prodígio de equilíbrio científico; representa uma obra corajosa e oportuna de reabilitação da terra caluniada e do homem incompreendido. É do fator humano que Araújo Lima faz o fulcro de suas deduções sobre a Amazônia, estudando-o sob o critério seguro, firmado através de uma sólida formação cultural, em que sobressai a sua rara imparcialidade científica e a sua destemerosa réplica aos depreciadores do homem amazônico. Estudando o nativo, situa-o precisamente no campo da sociologia: “Não estão em causa seres antropologicamente inferiores e incapazes. Trata-se, em realidade, de um fato histórico, de um estágio inferior de cultura física e intelectual, de um recuo, na marcha civilizadora, de uma sociedade humana. Nem fatalidade étnica, nem fatalidade geográfica”.²⁴ Por outro lado, o ádvena colonizador – o seringueiro titânico –

24 LIMA, Araújo. *Amazônia*.

mereceu de Araújo Lima uma análise segura de sua obra ciclópica, surpreendente pelo tumulto em que foi realizada, sem que o espírito do sertanejo transportasse para a planície verde o fundo inconsciente de sua formação moral recuada dois séculos da civilização litorânea; não medrou na Amazônia o cangaceirismo, essa “diátese sertaneja”, cuja etiologia reside na “ambiência social”. E em lugar do cangaceiro, o que surgiu nas bandas de lá foi o guerreiro consumado, em luta perene com o indígena e com os usurpadores estrangeiros, culminando na arrancada épica da revolução acreana.

Em suma – “o homem só, escoteiro, sem guia; sem saúde nem cultura; sem defesa nem proteção; sem preparo nem prévio trabalho adaptativo, o homem do Amazonas campeia naqueles cenários como um gigante, inconsciente de sua bravura, a afrontar, e a vencer, a natureza hostil e agressiva”.²⁵

Defendido assim o homem, sob a égide de princípios científicos modernos e através de uma farta documentação em que as observações e os exemplos se multiplicam, ao lado da análise meticulosa dos fatos históricos e sociais culminantes, ocorridos no vale, fez Araújo Lima, a *pari passu*, a defesa da terra: “...não é inferno nem paraíso; não é terra misteriosa nem paradoxal: é simplesmente uma terra lastimavelmente fraudada e saqueada”.²⁶ Destruindo o preconceito climático e o preconceito telúrico, discute com fortes argumentos, a seleção telúrica, “modalidade da clássica seleção natural”, que o autor reputa “há muito ...descambando em inevitável descaída”;

25 Idem.

26 Idem. *Op. cit.*, p. 101.

contradiz então as idéias evolucionistas de Euclides da Cunha e Oliveira Viana. O que Araújo Lima admite é a seleção social, “a seleção inteligente promovida pela própria sociedade humana, visando o aperfeiçoamento da espécie”. Euclides da Cunha, naquele portentoso capítulo “Um clima caluniado”, concluiu pela função superior do mesmo clima, que “policiou, saneou, moralizou. Elegeu e elege para a vida os mais dignos. Eliminou e elimina os incapazes, pela fuga ou pela morte”²⁷ – “sob o determinismo da seleção telúrica”. Como se está a ver os dois notáveis amazonólogos partem de pontos de vista diversos, quiçá opostos, no conceituar do mesmo fenômeno no Amazonas. Ambos talvez tenham razão: não me cabe discuti-lo aqui, ficando para assunto a ser estudado com o meu amigo Mário Costa.

O livro do Sr. Araújo Lima é todo assim – homogêneo, forte, escoreito, erudito, documentado, renovando idéias e suscitando outras. “Não o escreveu como uma apologia nativista ou uma antologia de fatos pitorescos e sim para servir à sua terra e ao seu povo”.²⁸

É de justiça salientar aqui um livro anterior aos demais citados até agora, publicado na França, em 1885, pelo “singular barão” Sant’Anna Nery (a qualificação pertence a Sílvio Romero). Refiro-me a *Le pays des amazones*, reeditado no idioma original e traduzido depois para o inglês. É um livro curioso e interessante, que sintetiza as explorações científicas, juntamente com a descrição de aspectos da natureza e com a

27 CUNHA, Euclides da. *À margem da História*, p. 64.

28 ATHAYDE, Tristão de. Prefácio de *Amazônia*, p. 9.

explicação de lendas, em que é tão fértil a Amazônia – e que Ladislau chamou de “espécie de poeira atômica de mistérios”.

Sant’Anna Nery nasceu no Pará, doutorou-se em Roma, viveu na Europa, entre artistas e fidalgos – que artista e fidalgo também o era ele por temperamento – a fazer propaganda do Brasil, tornando-lhe conhecidos os homens e os temas. Foi fundador da Associação Literária Internacional, presidida por Victor Hugo e da qual era o vice-presidente. Vida agitada a que levou esse caboclo inteligente e culto, servindo à sua pátria e ao seu berço natal. Foi esse aliás o destino de sua estirpe, a mesma de Silvério Nery, de brilhante tradição política no Amazonas.

Uma das mais expressivas personalidades, entre os intérpretes da Amazônia, é a do Sr. Gastão Cruls, que escreveu, no assunto, um maravilhoso romance – *A Amazônia misteriosa* – e um relato de viagem – *A Amazônia que eu vi*. No primeiro, o brilhante escritor deu vida a personagens extraordinários, vivendo, em nossos dias, numa sociedade singular, a das Icamiabas – no âmago da selva – sociedade que o autor desenterrou das narrações dos cronistas e folcloristas e descreveu através de sua portentosa imaginação. Gastão Cruls foi felicíssimo, no tecer do romance em apreciação; não conhecia a Amazônia, *de visu*, e dela nos deu descrições perfeitas, animando as suas lendas de um sopro de arte e conferindo-lhe um sentido estético. Ressuscitando as Amazonas de Orellana, colocou entre elas um casal de europeus, ele um sábio germânico a fazer experiências *in anima nobili*; ela – uma delicada organização de mulher gaulesa, solitária entre as

outras mulheres, ocupada nos misteres da tribo, e livre para gozar dos encantos da terra misteriosa. Perdido de uma expedição, lá foi ter, mandado pelos Guaracis, que guarneciam o Reino das Pedras-Verdes, um médico e seu criado, o magnífico Pacatuba, autêntica mentalidade de nordestino. Deu-se o inevitável: Rossina, a gentil filha da França, e “seu” doutor – na designação pitoresca de Pacatuba – se amaram, sob a proteção generosa de Malila, uma indiazinha que o autor nos pinta fascinante, sem demérito, aliás, para as outras, a qual aprendera francês no coração da jangla e por quem se apaixonam todos os leitores do romance de Cruls. Revivem aí, com todo o seu prestígio, os muiraquitãs famosos, que tanto assombram pela perfeição com que são confeccionados: com eles as Icamiabas presenteavam aos seus maridos-zangões, cada ano, nas núpcias fortuitas da tribo – uma festa admirável, cujo relato encanta e maravilha; revivem também, no meio de mil outras coisas, os uirapurus famosos; muiraquitãs e uirapurus da lenda da felicidade... As observações sentimentais do Pacatuba são de um sabor especial, bem ao jeito do nosso sertão.

Quanto ao segundo livro, de impressões reais, objetivas, não iguala, mas não desmerece o primeiro, embora outros os quadros, outros os personagens: a viagem de Óbidos a Tumucumaque – Cuminá acima – deu ensejo a que Gastão Cruls anotasse fatos curiosos – quais a passagem das cachoeiras, os contatos com os índios, os acampamentos, etc. – servindo, como bem acentua Roquette-Pinto, prefaciando a *Amazônia que eu vi* – “com sinceridade e brilho, à ciência e às letras” e

deixando também “um depoimento desataviado e quase brutal, em favor da gente mestiça que vem desbravando o Brasil, para que os tais ‘arianos’ o aproveitem”.²⁹

Merecem citação, aqui, os livros dos Srs. Inglês de Sousa, que em *O missionário* focou a vida dos cacaulistas do baixo Amazonas, entremeada com a história aventureira de “um agitado missionário que beijos pecaminosos de mulher sacramentaram na *confirmação* do Homem”;³⁰ – Carlos de Vasconcelos, autor de *Deserdados*, livro forte, em que são denunciadas as torturas vividas pelo habitante da terra portentosa, inclusive a tortura da falta do amor e do carinho da mulher; – Farias Gama, com “as páginas comovidas” de *Águas e selvas*; – Juanita Machado, que publicou *Terra cabocla*; – Francisco Galvão, que escreveu *Terra de ninguém*, livro inverossímil; – e por fim, merece destaque especial, os três romances de Abguar Bastos, *Terra de icamiaba*, *Certos caminhos do mundo* e *Safra*: Abguar é uma inteligência poderosa, servida por uma aguçada sensibilidade, e sua obra se inscreve entre as mais interessantes sobre a Amazônia.

Com o aparecimento de *A selva*, de Ferreira de Castro, a quem cinco livros anteriormente publicados já tinham consagrado entre os maiores escritores da moderna geração portuguesa, atingiu a literatura da Amazônia a um dos seus pontos culminantes: no romance social, *A selva* é indiscutivelmente o que de mais real, de mais notável, de mais dantesco, de mais belo, já se escreveu sobre a vida homem na *selva selvaggia*.

29 ROQUETTE-PINTO. Prefácio de *Amazônia que eu vi*, p. 118.

30 RANGEL, Alberto. *Inferno verde*, p. 118.

Foi um livro discutido e caluniado, ensejando a grita tristíssima dos patrioteiros vigilantes e dos escritores pobres de espírito, que jamais lograram a Amazônia partejada em seus cérebros; dele, no entanto, pôde Humberto de Campos dizer, espantado, revivendo toda a sua *ilíada* no Mapuá: “A Amazônia está aqui!”.³¹ Ferreira de Castro registrou, com efeito, a epopéia do homem dentro da selva, levado pelo destino, guiado pela ambição, espoliado pelos patrões e pelos mosquitos, enterrado no seio da floresta, na exuberância de cuja clorofila reside o maior laboratório da vida primitiva no planeta.

São comovedoras as palavras de dedicatória: – “Eu devia este livro a essa Amazônia longínqua e enigmática, pelo muito que fez sofrer os primeiros anos de minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anônimos desbravadores, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crônica definitiva, que à extração da borracha entrega a sua fome, a sua liberdade e a sua existência. A sua luta é uma epopéia assombrosa de que não ajuíza quem, no resto do mundo, se deixa conduzir, veloz e comodamente, num automóvel com rodas de borracha – da borracha que esses homens tiram à selva misteriosa e implacável...³² Ferreira de Castro foi um deles: por isso mesmo as suas páginas estão impregnadas do ressaibo amargo da realidade.

A marcha do homem no jangla aí está, por inteira: Balbino, o agenciador dos tabaréus no interior do Ceará, acom-

31 CAMPOS, Humberto de. *Crítica*, I vol.

32 *A selva*, pórtico.

panhando a leva dos emigrantes, ao Madeira, para o serviço da extração da *hevea* no "Paraíso" – a propriedade de nome tão paradoxal, do cel. Juca Tristão. Depois o internamento na selva, na companhia de Firmino e Agostinho, dois seringueiros *mansos*, bons como soem ser as almas simples e ingênuas – a fixação em "Todos-os-Santos"; os primeiros passos na estrada assombrada aos quandos pelos índios da vizinhança; – a extração da borracha; – nas folgas, a pesca; para todos os lados, o perigo, a solidão, a natureza bravia e insubmissa, monstruosa e feroz, terrivelmente bela e enleante, como nas auroras festivas e deslumbradoras, nos plenilúnios fascinantes, ou na hora terrível da tempestade; – o homicídio praticado por Agostinho, sob o império do sexo, e a sua fuga para o desconhecido, até ser capturado mais tarde; – o viver dos outros seringueiros; – a marcha do fabrico (*fábrico*, na prosódia regional), vigiado pelo olhar de lince dos prepostos de Tristão; – o seu fracasso como extrator; – a admissão no serviço de escrita do barracão, com uma dívida de um conto e oitocentos e com "a alma iluminada por aquele princípio de redenção"; – o Tiago, ex-escravo – um duende negro –, inveterado no uso do álcool, ao tempo "um farrapo inútil e risível"; – a companhia do senhor Guerreiro, o guarda-livros da casa, e da esposa, dona Yayá, em cuja volta, cerebralmente, começou a tecer um romance de amor; – as sortidas dos Parintintins; – a fuga do pessoal; – a comunicação com a família, a remessa de recursos, a preparação para a volta; – a vingança de Tiago, incendiando o barracão com Juca Tristão dentro, – tudo isso, em páginas e páginas, desfila aos nossos olhos com um poder

de sedução irresistível, enchendo-nos o espírito de emoções vivíssimas, fazendo-nos penetrar no mundo insondável da selva e nos mistérios de sua sociedade. Está escrita a vida que Alberto viveu – Alberto, o personagem que representa o autor – e que ainda hoje milhares de homens vivem –, constituindo a sua história, “um dos subsídios mais preciosos e autênticos para compreensão da vida amazônica, em determinada hora de nossa evolução tumultuária”.³³

O alto sentido de humanidade que ressuma de *A selva* fez merecer ao seu autor, no prefácio magistral de Afrânio Peixoto, a qualificação de Górký transplantado na América.

De *La Voragine* muito se tem dito, de justos encômios, a principiar pelo conde de Keyserling. É, de fato, um livro surpreendente, desenrolado desde a capital da Colômbia ao mais denso da selva amazônica.

A impressão que eu tive, assistindo, naquelas páginas arrebatadoras, à sucessão de fatos desconcertantes, foi a de um novo Cândido – sem o sentido profundo do personagem voltairiano –, que não havia nenhum Leibnitz a contradizer e a ridiculizar – na figura do herói de Rivera: roubado à universidade e espoliado de seus haveres pela astúcia de um *scroc*, Arturo Cova, partindo dos *llanos* colombianos, se lança em busca da mulher amada, seqüestrada numa de suas ausências. A travessia feita nas terras da margem esquerda do Amazonas, escravizado ao caucho e à seringa, perseguido pelos índios, pelas doenças e pela natureza agressiva – como naquela cena pavorosa das formigas “tambochas” –, enganado, maltratado,

33 CAMPOS, Humberto de. *Crítica*, I vol.

sempre na esperança de encontrar Alícia, levou-o por fim às margens do alto rio Negro, donde desapareceu para sempre, deixando de sua odisséia o manuscrito que constitui *La Vo-ragine*. A imaginação de Rivera assume proporções inacreditáveis e se alia a um conhecimento profundo da vida, dos homens e da natureza na Amazônia.

Devo falar-vos obrigatoriamente de um dos melhores intérpretes da Amazônia: Aurélio Pinheiro. Dele temos de lembrar os contos fortes e bem urdidos de *Gleba tumultuária*, e o seu livro de síntese admirável, condensando as suas honestas observações e estudos aprofundados, que é *À margem do Amazonas*, por onde se pode começar a conhecer e a amar o Reino das Náiades, de Araújo Lima.

Em *Gleba tumultuária* são fixados, com simplicidade e notável profundidade, cenas e cenários do Amazonas. Abre o livro o conto "A sucuriçu", traçando a psicologia de uma índia bonita, última remanescente dos Iaricunas, rechaçados por aventureiros nos seus pousos do Norte, em nossas vertentes do monte Roraima, a qual, posta sob a proteção de um vaqueiro, reservada e dócil, desdobrou-se em trabalhos. Vendo desaparecer, de uma feita, num remanso do rio Maú, o filho mais velho do vaqueiro, deu fim mais tarde a um segundo e a um terceiro, enchendo de terror e mágoa o coração dos pais desolados, que estavam certos do roubo que lhes fizeram as águas; entrementes, Iaê, a índia, bastava sozinha aos misteres da casa e da propriedade, ganhando a admiração e a amizade do vaqueiro e da família. Resolvida, por fim, a mudança do lugar fatídico, após o terceiro golpe, voltou um dia o vaqueiro para

buscar a Iaricuna: viu-a levantar a pedra do lajedo em que costumava lavar a roupa e debruçar-se, transbordante, como que em despedida, sobre o que lhe pareceu ser um tesouro; achegou-se, porém, e viu dentro da escavação “um montículo de ossos e um cadáver pequenino que se decompunha, desconforme, viscoso, nauseabundo”. E a índia, sob a pressão dos dedos do vaqueiro na gorja –, tendo ainda “um olhar de ódio, sinistro, voraz, inflexível” – confessou: “A primeira foi a cobra-grande. As outras fui eu... fui eu... Brancos... malditos!...”³⁴

Outro conto vigoroso é “A surra”, ressaltando os contrastes de temperamento e as rixas entre caboclos e cearenses (compreendidos na designação todos os imigrantes do Nordeste).

“Zé Américo” é um herói e um monstro da revolução acreana: acovardado na primeira hora, só o escárnio dos outros seringueiros o animou a alistar-se no exército redentor. Combateu heroicamente num pequeno grupo, reduzido afinal a três homens, contra uma forte guarda boliviana, vencida pela tática dos guerreiros acreanos, foi ferido, conquistou a confiança de Plácido de Castro. Tornou-se, então, a melhor pontaria sobre os adversários...

Há a destacar também as páginas fortes de um “Engano de rumo”, que aconteceu a desoras, na ala feminina de uma maloca do rio Canumã; as de “Direito de seringueiro”, focalizando um episódio da conquista da brenha; e “Os crimes de Antônio Cândido”, improvisado facínora recolhido à Penitência de Manaus, com uma lista enorme de homicídios, que jamais

34 PINHEIRO, Aurélio. *Gleba tumultuária*, p. 26-27.

chegava a confessar o número exato dos delitos cometidos, porque não concebia como a gente de Remate-de-Males incluía os peruanos entre as suas vítimas...

Já em *A margem do Amazonas* é outro o espírito de Aurélio Pinheiro. Resume os problemas, as maravilhas, os acidentes da história social, as atividades, as condições físicas e geográficas do gigantesco Estado do extremo norte. A visão é segura e garante a Aurélio Pinheiro lugar destacado entre os amazonólogos, e na estima e na admiração dos que leram e entenderam o seu livro magnífico – que encerra uma defesa, uma propaganda e uma síntese inteligentíssima do Amazonas.

Vejamos agora o Sr. Ramayana de Chevalier, cuja passagem pelo curso médico na Bahia, deixou em torno de seu nome uma tradição que ainda hoje vive: tradição de inteligência, principalmente. Foi corroborando-a, esplendidamente, que publicou o seu livro de estréia – *No circo sem teto da Amazônia* – analisando o fenômeno social dentro da Hyloe. Ramayana de Chevalier viu, na sua viagem ao Purus, o que muitos não viram – a Amazônia de agora, pobre, obstinada na “neurose da borracha”. Viu-a através do crivo de sua sensibilidade aguçada, intentando desvendar o sentido estético da tragédia que, tornada invisível pela densidade das selvas, lá se desenrola contemporaneamente. O livro saiu, por isso, cheio de fatos reais, novidades quase todos eles – e magníficas – denunciando, porém, aos quandos, a criação do autor, que escreveu muita coisa absolutamente cerebral.

Zé Raimundo é para Ramayana a síntese dos “miseráveis da Amazônia”. Nem ao menos os “miseráveis” de

Hugo... Filho dos amores de um prático com uma cabocla das margens do Purus, cresceu doente e desditoso e viveu em perpétua fuga. Fugiu quando soube do assassinio do pai, perpetrado por Marcos Bororó, desfeitos os sonhos de adotar a profissão paterna. Fugiu da constrição do "Sacado". Fugiu, depois, da "escravatura brônzea" do seringal "Nova Vida". Fugiu ainda do Shamboiaco, morto Marcos Bororó, na companhia de Maria Flor, filha deste –, vestido com o "segredo do amor" – "última fuga do ingênuo saltimbanco pelo circo sem teto da Amazônia"... Só então Zé Raimundo parou. "É que os deserdados param no amor porque não sabem mais nada da Vida...".³⁵

Jacinto Gazela, proprietário do seringal "Nova Vida", é um "morcego humano", "vulto mórbido e rapace de Alighieri, que o tesourão metapsíquico de um gênio recortou de um capítulo da *Divina Comédia*, para grudá-lo depois numa folha verde do álbum adolescente da Amazônia".³⁶ Juca Borba – um irmão siamês de Zé Raimundo nas provações da desgraça e do trabalho nos seringais.

O forte de Ramayana, porém, a meu ver, está nas definições, no quadro conciso e preciso quanto aos contornos principais, na frase que tudo resume. Eis alguns exemplos preciosos: "O crepúsculo no Vale tem de certo o prestígio comovente da saudade. Uma saudade vaga, indefinida, que sobe do coração para os olhos, entre tristeza e comiseração, boiando ao sabor da corrente e brilhando como o fogo de san-

35 Ramayana de Chevalier. *No circo sem teto da Amazônia*.

36 Idem.

telmo, na asa branca de uma garça esquiva ou na carapaça bronca de um *aligator* preguiçoso...”.³⁷ A hévea – “nasce alva como o leite e fica depois negra pelo contágio da ambição humana”.³⁸ Mais outra amostra: ao pressentir a morte, Juca Borba ficou sério: – “Triste. Imensamente triste. Como um ocaso no Vale. Como um vôo de cigana no crepúsculo. Como um gemido de urumutum no âmago da jangla. Como um cabo-clo amazônico”.³⁹ E depois do enterro – “rápida, a noite pintou de piche a cara da Terra e contagiou-lhe a varíola furta-cor dos pirilampos”.

Não posso reproduzir-vos o livro de Ramayana, esse iluminado da Amazônia. Quero ressaltar, porém, os dois capítulos que me parecem mais belos, mais justos, mais perfeitos, mais verdadeiros: “Anatomia Hidrográfica” e “Sacado”. No primeiro está resumido, maravilhosamente, o fenômeno potâmico, com o desnível fatal da enchente e da vazante, – quando “se reduz o talvegue, descobrindo a gengiva escorbútica dos barrancos e o sorriso maravilhoso das praias cor de céu e cor de sonho”; e integrado nesse aspecto grandioso da Amazônia, a figura de “um herói que ninguém conhece” – o prático – “um atleta de alma e de coração que os labirintos do vale imenso ocultam do resto do mundo” –, “o anatomista hidrográfico”. “Quem o conhecer, bem de perto, das pulsações do coração ao brilho fagulhante do olhar, haverá de contemplá-lo, espantado e orgulhoso. Porque ele é a Amazônia”.⁴⁰

37 Idem.

38 Idem.

39 Idem.

40 Idem.

“O sacado” é a descrição de um fenômeno interessantíssimo – a mudança do curso do rio entre dois braços d’água apertando uma “garganta telúrica”. Os resultados são: “um torcicolo a menos e um lago a mais”. Ramayana conclui: “o sacado é a própria psicologia do Amazonas. Um passo para a frente no desarvorado e imaturo laboratório geogênico”.⁴¹

Apareceram nestes dois últimos anos mais dois livros para engrossar a bibliografia amazônica.

O ciclo do ouro negro encerra as impressões de Viana Moog, jovem escritor gaúcho, que em Manaus traçou, na companhia amiga dos homens de letras de lá, muitas das boas páginas de seu primeiro livro – *Heróis da decadência*. É o próprio autor quem, no prefácio, declara que “*O ciclo do ouro negro* – já não tem outro objetivo senão conceder honras de texto impresso para sempre a algumas páginas que se recusavam a aceitar, como destino definitivo e irremediável, a vala comum de um cesto de papéis”...⁴² Mesmo assim, há no livro de Viana Moog assuntos bem explorados, cenas vivas, coisas boas –, tais os capítulos relativos ao povoamento, às lendas e ao regatão – este último reputado pelo crítico do “Boletim de Ariel” como encerrando “páginas de antologia”.

O outro livro a que me referi é de um baiano, que andou pelas brenhas da planície juntamente com o pai, e que de lá voltou com a alma plena de desilusões, temperada, porém, para as grandes lutas. *Marupiara* é o livro. Lauro Palhano, o

41 Idem.

42 MOOG, Viana. *O ciclo do ouro negro*, prefácio.

autor – pseudônimo que encobre o nome do mesmo que escreveu *Gororoba*.

Em *Marupiara* não está um grande escritor, mas um homem de raras qualidades de romancista; não está a verdadeira Amazônia, porém fragmentos esplêndidos da vida e tipos esparsos naquelas paragens, de envolta com trechos inverossímeis, alguns maravilhosos, calcados em lendas e tradições recolhidas na hinterlândia.

A subida dos imigrantes rio acima aí está registrada com muita fidelidade: achei somente bom demais o Chico Moreira, seringalista do Iquiri, que acompanhava os seus *brabos*, agenciados em São José do Ribamar. Talvez o amor nascente pela encatadora Maria da Glória lhe amolgasse o coração de patrão...

A figura do caboclo Bastião enche de bom humor e de filosofia o livro todo: valente, decidido, ambicioso, foi na leva de Chico Moreira, e somente ele voltou no fim da safra ao Maranhão, com o seu saldo de alguns contos. Foi acidentada e perigosa, no entanto, a sua estada nos barrancos do Acre.

Dos tipos locais, o Barão da Boca do Acre – “Lixandre Liveira Lima” – é, sem dúvida, o mais pitoresco, na sua ignorância e na sua bonomia.

As aventuras de Ponciano, misturadas às de uma tribo dizimada pela civilização, cujos remanescentes se revitalizaram ao veemente anseio da vingança, extraíndo caucho no coração da selva, constituem talvez a melhor parte de *Marupiara*, que quer dizer – “caboclo feliz”. E Ponciano foi feliz, afinal, jamais olvidado pela sua Glorinha, que viveu de sua

saudade nas horas incertas, até o novo encontro em São José do Ribamar...

Tranquilino, um seringueiro-boêmio, sentenciou, com sobras de razão: *Era coisa boa no mundo é muié! Inté no rasto ela mata, qui nem resadô de bichêra!*⁴³

Três nomes de alto porte merecem incluídos nesta relação de amazonólogos, mercê de seu valor e de sua obra. Refiro-me aos Srs. Agnello Bittencourt, Arthur César Ferreira Reis e Anísio Jobim, cuja projeção nas letras do extremo norte é das mais avantajadas. Agnello Bittencourt é conhecedor profundo das coisas amazônicas, de que é atestado flagrante a sua *Corografia do Amazonas*, livro notável sob todos os títulos. Em Arthur César Ferreira Reis temos um moço valoroso, que conhece história como poucos e tem no particular da história de seu Estado um alentado livro, bem documentado e consciencioso, além de um grande número de monografias e vários estudos em preparo ou a serem editados. Quanto ao Sr. Anísio Jobim, é o construtor de uma série de *Panoramas amazônicos*, que vem afirmando, brilhantemente, a sua capacidade de investigador, os seus conhecimentos pessoais de amazonologia e a sua admirável organização mental.

43 PALHANO, Lauro. *Marupiana*.

Letras no Amazonas e no Acre

Se a literatura propriamente amazônica é desse porte – abundante, notável, brilhantíssima – não menos brilhante, não menos notável e não menos abundante, é a literatura feita na Amazônia, pelos homens de letras que por lá existem, e não em pequeno número, plantando, numa obra fecunda, paciente e heróica, os fundamentos gigantescos de uma civilização que resumirá, no futuro, consoante a predição de Humboldt, a civilização mundial.

Há nomes, nas letras da Amazônia, que se tornaram nacionais, do mesmo jeito que nomes nacionais iniciaram a sua projeção nos círculos intelectuais de Belém e Manaus. Passaremos em revista, apressadamente, as figuras mais representativas, no particular, do Amazonas e algumas do Acre, tão-somente, que não quero fazer injustiça à gente de letras do Pará, que faz jus a um estudo à parte, tal o seu vulto.

Legendas

Quero me referir, primeiro, à figura de legenda – como legendas me parecem ser, e o são, de fato, os mortos que deixaram tradição e contribuíram para o brilhantismo de sua geração –, no caso uma das primeiras do Estado do Amazonas – à figura de legenda, repito, de Heliodoro Balbi, o insigne campeador, cujos fulgores da inteligência ainda – e sempre – se projetam nos cenários da inteligência amazônica. Sua bagagem literária ficou dispersa e esparsa, perdida quase toda,

quando de sua morte inesperada. Orador de sua turma na Faculdade de Direito do Recife, proferiu um extraordinário discurso, encerrando “uma verdadeira profissão de fé, perante a vida, que lhe ia ser uma estrada de Calvário”.⁴⁴

Em Manaus, batalhou na imprensa e em organizações políticas, combatendo, com veemência, os erros e os desmandos daquela fase de alucinações em que viveu o Amazonas. Nos fastos de sua gleba, basta-lhe um título: o de ter sido Heliodoro Balbi.

Foi nesse tempo que brilhou e cantou como as cigarras, na vida boêmia, então intensíssima, de Manaus, uma plêiade festejada de poetas e prosadores, lembrada com saudade pelos que a conheceram e agora catalogada com desvelo, em livro, pelo Sr. Anísio Jobim. Foram Guilherme Sales, Maranhão Sobrinho, Nilo Guerra, Júlio Tabosa, Ludovico Lins, Thaumaturgo Vaz. Thaumaturgo Vaz, certamente, foi um dos maiores deles: traçou-lhe Péricles Moraes, sobrevivente da grande geração sacrificada, a crônica de sonhador, em quem a sensibilidade era tudo. Dos jornalistas dessa época áurea, além de Balbi, que pontificava com Adriano Jorge, no “Correio do Norte”, há a lembrar os nomes de Adriano Pimentel, criador do “Quo Vadis?”; Rocha dos Santos, do “Jornal do Comércio”; Leônidas de Sá, do “Amazonas Comercial” e muitos outros...

Bertino de Miranda dedicou-se à história e escreveu *A cidade de Manaus* – “pequeno arcaboijo da história do Amazonas”.⁴⁵

44 MAIA, Álvaro. “Canção de fé e esperança”.

45 JOBIM, Anísio. *A intelectualidade no extremo norte*.

Anteriores a todos esses, pois são nomes do século passado, lembremos com justiça Bento de F. Tenreiro Aranha, Wilkens de Mattos, Torquato Tapajós e Paulino de Brito.

Eulálio Chaves concebeu e iniciou no Amazonas a realização de um projeto arrojado: a organização da primeira universidade fundada no Brasil – a Universidade de Manaus, cujos cursos chegaram a funcionar regularmente, e que teve em Astrolábio Passos, espírito culto e homem de vontade, investido na reitoria, o seu animador. Restam hoje do esforço de Astrolábio e do sonho de Eulálio Chaves, as Faculdades de Direito, de Agronomia e de Odontologia e Farmácia, a atestarem a dedicação dos continuadores da grande empresa, que há de figurar com destaque na história social do Brasil-setentrião.

Araújo Filho não foi só o advogado proficiente, profundo conhecedor da criminologia. Foi sobretudo o esteta, erudito e bom, versado em literatura grega e latina como raros, sabedor de filosofia e de direito, de excepcionais qualidades de orador. Sua vida luminosa está escrita, maravilhosamente, por Péricles Moraes, que lhe dedicou uma biografia à Maurois ou à Ludwig: vida singular, a desse homem, “que se esqueceu de viver”, e para quem “não havia beleza estética onde não houvesse beleza humana”.⁴⁶

J. B. de Faria e Souza militou na imprensa e se dedicou ao estudo das coisas do Amazonas de seu tempo: ao morrer, em seu grande arquivo, foram encontrados necrológios de coevos seus, escritos para quando desaparecessem. J. B., porém, os precedeu...

46 MORAES, Péricles. *A vida luminosa de Araújo Filho*, p. 103.

O elogio de Bernardo Ramos não pode ser feito em poucas linhas: numismata, epigrafista e sobretudo arqueólogo, Bernardo Ramos foi um dos precursores desses estudos no Brasil, dando-lhes um destaque extraordinário com a sua obra de erudição e paciência, cuja publicação foi iniciada, às expensas do Tesouro Nacional. Refiro-me a *Inscrições e tradições da América pré-histórica*, entregue, desde a morte de Bernardo Ramos, aos cuidados filiais do herdeiro legítimo do seu nome legendário – Julião Ramos, um príncipe da inteligência. O primeiro volume do livro – de grandes proporções – veio à luz da publicidade há uns três anos e mereceu dos entendidos no assunto os mais justificados encômios. Outros virão, com tempo, para honra de nossa cultura. De Bernardo Ramos – numismata, lá está, em Manaus, uma coleção de moedas que vale um tesouro, ocupando parte do edifício da Imprensa Pública: foi, ao tempo em que o governo do Estado a adquiriu, uma das mais valiosas então existentes.

Legendas ainda o são Ribeiro da Cunha, médico e esteta; – Wolferstan Thomas, cujos trabalhos científicos, elaborados em Manaus, correm mundo; – Furtado Belém, conhecedor emérito dos problemas amazônicos; – Alcides Bahia e Henrique Rubim, jornalistas de fôlego, cuja pena encheu de fulgores a imprensa manauense; – Plácido Serrano, mestre de duas gerações, erudito e modesto, distribuidor generoso de lições amenas e proveitosas; – Monteiro de Souza, trabalhador a quem só a morte cansou na faina em prol da grandeza do Amazonas, na representação federal, no governo do Estado e no magistério; Carlyle de Chevalier, radiosa mocidade que foi

roubada prematuramente à glória de um futuro promissor; ao morrer deixou publicada uma tradução da *História da filosofia*, de Landázuri, para a qual escreveu um prólogo substancioso, e, inédito, um livro de estudos filosóficos; – e Raimundo Monteiro, enfim, um grande poeta, em quem vibraram todas as grandes emoções das selvas. “Poeta do Amazonas, ele é caudaloso e fluente, misterioso e profundo”.⁴⁷ Seu livro – *As horas lentas* – aparecido um ano antes da morte do poeta, encerra as filigranas do estro de Raimundo Monteiro. Esta poesia – que tem o mesmo título do livro – é um primor de forma e inspiração:

As horas lentas

Sempre adoráveis

Na galanteza da poesia

As horas passam, noite e dia,

Helenamente isadoráveis!

Vagas, sutis,

Pelos crepúsculos afora,

Bailam à música de outrora,

Alçando os véus de nhandutis...

Tapeçaria

Finíssima de tuberosas

47 FIGUEIREDO, Huáscar de. “As horas lentas”. In: *O Jornal*.

*pisa o donaire das flexuosas
Bacantes da Melancolia!*

*Sobre a floral
Tapeçaria, como hiacintos,
As lentas Musas de áureos cintos
Movem-se a um sonho ascensional...*

*Ah! Na beleza
Das atitudes harmoniosas
Dançam, cultuando, voluptuosas,
A eternidade da Tristeza...⁴⁸*

Vede quanta beleza nestas cinco quadras, em que há um sentido irresistível de suprema volúpia, sob a invocação das lendas gregas e dos ritmos triunfais de Isadora Duncan, essa mulher de gênio que Raimundo Monteiro de certo conheceu nas suas repetidas estadas em Paris, e que deu à nossa língua, através da criação felicíssima do poeta de *As horas lentas*, mais um adjetivo de graça e de prestígio...

Uma referência, ainda, que encerra uma homenagem de saudade que muito me apraz, a Sansão Gomes de Sousa, humanista de alto quilate e poderosa inteligência, cuja vida foi toda imolada ao bem da terra e da gente acreanas. Apaixonado pelo nosso idioma, deixou em preparo uma gramática e um dicionário, além de numerosos estudos inéditos ou – o que é quase o mesmo – insertos em jornais do interior do Acre.

48 MONTEIRO, Raimundo. *As horas lentas*. Manaus: Imprensa Pública.

Homens de letras do Amazonas atual

Os intelectuais militantes, atualmente, no cenário das letras amazônicas, vêm realizando uma obra “grande e tenaz”, como eu a chamei, de início. São obstinados trabalhadores, desajudados de tudo – muitos encravados nos limites esterilizantes da província, quando têm capacidade para brilhar em qualquer grande centro. Evoco-lhes os nomes neste instante, sob o pálio de minha grande admiração pela sua inteligência, tenacidade e, sobretudo, pelo seu devotamento à terra baré.

Já vos falei tanto e tanto conheceis Péricles Moraes, a mais admirável organização mental da planície, que não encontro adjetivos com que animar-lhe o retrato intelectual, que requer mão firme de artista e uma formação cultural capaz de entender a sua. Péricles Moraes, que é meu mestre sem que eu tenha sido discípulo seu, é um espírito em pleno meio-dia da vida, irradiando centelhas luminosas – daquela luz que invocava Goethe ao sucumbir. Seus livros são monumentos de estética sobretudo. Em *Figuras & sensações* apresentou-se ao país um crítico cuja personalidade se afirmou definitivamente – escrevendo uma crítica à Sainte-Beuve ou à Saint-Victor. Tal se nos mostra, dentre os treze capítulos do livro, aquele referente a “Camille Mauclair, sacerdote do ritmo”: a orquestração da obra de Mauclair – *La religion de la musique* e *Les héros de l'orchestre* – foi igualada indubitavelmente pelos ensaios do insigne escritor de uma província longínqua e caluniada do Brasil. E não só Mauclair foi celebrado no livro de lendas de Péricles Moraes: Mirbeau, La Sizeranne, Maupassant, Rostand,

Courteline, Alfredo Capus e Paul Bourget, isto é, toda a galeria dos grandes da literatura francesa contemporânea – estudados, compreendidos, amados –, sem esquecer esse “divino predestinado” que foi Tolstói e sobretudo aquela evocação maravilhosa da *Melancolia dos pierrots*.

Seguiu-se a *Figuras & sensações* um livro reivindicador da glória de Coelho Neto – mais uma afirmação da faculdade de crítico de Péricles Moraes. Depois – já vos falei na *Vida luminosa de Araújo Filho*.

Veio por fim o mais conhecido e celebrado dos livros do Mestre: *Legendas e águas-fortes*. Este é completo, na universalidade, que põe a lume, do espírito do autor. Sobre os intérpretes da Amazônia, há um capítulo portentoso, o primeiro do livro, resumindo e analisando o que de melhor se tem escrito sobre tão complexo assunto. Todos os ensaios de *Legendas e águas-fortes* são merecedores de destaque, mas eu não quero deixar de salientar, mui especialmente, estes dois: “Anatole France, semeador de dúvidas” e “Pela glória de Gonzaga Duque”. São dois primores, que já vos deliciaram certamente, como já o fizeram a mim, em crescente entusiasmo.

Ao lado de Péricles Moraes, alinha-se uma outra figura extraordinária, que é Adriano Jorge, senhor de um talento privilegiado e de uma cultura assombrosa: médico, sabe medicina a fundo; naturalista, está a par de tudo que de importante se publica sobre ciências naturais, de que dá testemunho na tese por todos os títulos notáveis, com que concorreu à cadeira respectiva da Escola Normal do Amazonas; filósofo, aprendeu a amar a sabedoria e a empreender os mais transcendentest

dos sobre os mais sérios problemas de especulação; polígrafo, orador fluentíssimo, dos mais eloqüentes que tenho ouvido – é uma organização portentosa a do presidente da Academia Amazonense de Letras, agora sorteado pela Federação das Academias para, no Rio de Janeiro, produzir conferências, de modo a estabelecer a ansiada “confraternização dos grandes valores mentais do país e para a convenção de um intercâmbio que resulte grandemente benéfico para os sedentos de boa literatura.”⁴⁹

Outro expoente das letras do Amazonas é o filólogo João Leda, conhecedor abalizado da obra de Rui e de Camillo, já tendo livros publicados sobre o vocabulário do primeiro e os áureos filões do segundo, além de outros, notáveis igualmente.

Vicente Reis é o decano dos jornalistas do Amazonas e campeão de pugnas memoráveis, no velho e conceituado “Jornal do Comércio”.

Nas letras médicas, avulta o nome de Alfredo da Matta, tropicalista insigne, muito conhecido aqui e alhures, pelos seus trabalhos sobre paludismo, boubá e lepra. Nas letras jurídicas, Sá Peixoto, Jorge Carvalhal, Bernardino Paiva, Análio Rezende, Aristides Rocha, Armando Madeira – abrilhantariam qualquer centro de alta cultura.

Araújo Lima, Agnello Bittencourt, Anísio Jobim, Arthur César Ferreira Reis e Ramayana de Chevalier já foram destacados entre os amazonólogos: são todos cinco intelectuais militantes no Amazonas.

49 LIMA, Araújo. “Adriano Jorge”, In: *A selva*.

Coriolano Durand é um esplêndido *conteur* e José Chevallier, polígrafo de altos méritos.

O príncipe dos poetas amazonenses, eleito em concurso promovido pela revista *Redenção*, é o Sr. Álvaro Maia, que é, de fato, um estatuário do verso, dos mais primorosos. Sua obra não é conhecida senão através de fragmentos – amostras preciosas da sensibilidade e da inspiração de Álvaro Maia. Lembro-me do “Sacrifício de Danko”, da “Inúbia” e de “Sob as águas barrentas”, três obras-primas da poesia nacional. Há um soneto seu que eu não me furto de reproduzir-vos:

Na catequese

*Sob a alva areia as Salomés da mata,
às ordens do pajé surgem desnudas
e rodam, junto a Anchieta, em danças rudas...
rompem borés em bárbara sonata.*

*Uma aperta o ar deserto. Outra desata
em beijos que morrem nas ofertas mudas...
Medita Anchieta em Santo Antônio, em Judas,
e pousa os dedos pelo chão de prata...*

*Traça versos no areal, louvando a Virgem,
sem ver as virgens que os pecados sirgem,
– porque bem sabe que a maior vitória*

*não é viver sem pão, dormir no abismo,
mas às visões sensuais do paganismo
trancar o olhar, olhando a eterna glória...*

Há, porém, um outro Álvaro Maia – o evangelizador das gerações moças, professor de energia e de idealismo, dominador das multidões – que proferiu, em hora amargurada da vida do Amazonas, no primeiro centenário da adesão à Independência, essa maravilhosa “Canção de fé e esperança”, que encerra uma análise perfeita dos problemas de seu Estado, um libelo contra as injustiças do poder central e os erros administrativos de então, uma apoteose ao homem amazônico e um programa de realizações que durarão um século de trabalho continuado, “para o desvirginamento da nova Atlântida, boiando na vastidão da América como um corpo verde e voluptuoso”.

Não esqueçamos Jonas da Silva, poeta também, que integrou ao tempo de estudante, na Bahia, a falange brilhante a que Carlos Chiacchio capitaneava. *Ulanos*, *Ânforas* e *Czardas* são os seus apreciados livros. Sonetista ao jeito de B. Lopes, que foi o seu mestre, tornou-se célebre – tanto quanto “Saudade”, de Da Costa e Silva e “Cegonha”, de Aníbal Teófilo –, o seu soneto “Coração”:

Coração

*Meu coração é um velho alpendre em cuja
Sombra se escuta pela noite morta,*

*O som de um passo e o gonzo de uma porta,
Que a umidade dos tempos enferruja.*

*Quem vai passando pela estrada torta
Que leva ao alpendre, dessa estrada fuja!
Lá só se encontra a fúnebre coruja
E a dor que à prece o caminhante exorta.*

*Se um dia, abrindo o casarão sombrio,
Um abrigo buscasses contra o frio
E entrasses, doce criatura languê,*

*Fugirias tremendo, vendo a um lado,
A Crença morta, o Sonho estrangulado,
E o cadáver do Amor banhado em sangue...⁵⁰*

Dois vultos eminentes, de larga projeção nos quadros intelectuais da Amazônia, são Waldemar Pedrosa e Leopoldo Péres – duas inteligências de escol e duas omnímodas culturas. Advogados, ambos, de grande nomeada, tribunos de excepcionais qualidades, merecem destacados com justiça. Waldemar Pedrosa tem estudos publicados sobre direito, no meio de uma bagagem literária que não é pequena. Leopoldo Péres é o autor refulgurante de inumeráveis ensaios, ainda não enfeixados em livro, que lhe abrirão, por certo, as portas da imortalidade na prosa brasileira.

Huáscar de Figueiredo é outro espírito de eleição, que resplandece no foro e na imprensa do Amazonas. Senhor de um talento invulgar, escreve artigos e estudos que encantam, pelo primor do estilo e pela própria substância.

No clero, distingue-se a figura santa do bispo de Manaus, D. Basílio Pereira, baiano de méritos e virtudes admiráveis; distinguem-se também os padres Manoel Monteiro, emérito latinista; Agostinho Martin e Estélio Dalisón, educadores de grande valor, o último, orador consagrado, cuja obra, nobre e vultosa, constitui a melhor coroa para a memória do padre Pedro Ghislandi, fundador do Colégio Dom Bosco.

Tem o Sr. Ferreira Sobrinho um livro de versos publicado: *Matupás do meu lago*, Hemetério Cabrinha outro: *Vereda iluminada*, e Américo Antony um inédito, com o título de *Cicuta*. Todos três, e Mário Ypiranga também, são poetas inspirados. Igualmente Araújo Netto, alma de esteta requintado, culto e bom, cuja organização mental justifica a previsão de um futuro grandioso.

Violeta Branca é a representante feminina mais destacada das letras amazônicas: sua poesia é simples e de uma suavidade que encanta. “Minha lenda”, por exemplo, abrindo o seu livro *Ritmos de inquieta alegria*, prefaciado pelo Sr. Rodrigo Octavio, é fidelíssima na revelação de uma grande poetisa – melhor direi, de um grande poeta – e no refletir um espírito dominador de mulher bonita, cuja presença enche de encantamento a hora elegante do sorvete na leitaria “Amazonas”.

Minha lenda

*À sombra de um igapó escuro e parado,
branca como as areias e as espumas,
e mais triste que um gesto de adeus,
com a forma de uma vitória-régia imensa,
desmaiada de indiferença,
eu florescia...*

*Tupã, uma noite,
olhou-me com os olhos de luar
e se enamorou de mim.*

*E, numa fala que lembrava a suavidade
do riso das águas,
correndo sobre pedras, disse:*

*'És triste e bela. E por isso
terás a glória suprema,
que é maior que o triunfal poema
que canta o uirapuru em voz tão clara.*

*Toma a pedra muiiraquitã,
desce ao fundo dos rios:
vais ser Iara'.*

Depois...

*Numa hora de encantamento e beleza,
com os cabelos enfeitados de aguapés
e no corpo o fascínio dos mistérios,*

*prendi a alma ingênua de um marujo incauto.
E o deus lendário da Amazônia,
sentindo o amor palpitar no meu canto,
voltou a me falar.*

*Nesse dia os seus olhos
tinham lampejos de sol
e a voz o ressoar da pororoca:*

*'– Não mereces mais a glória de ser Iara,
não ficarás aqui nem um dia sequer.
Vais receber o teu castigo...'
...e transformou-me em mulher.*

Outros nomes que eu não posso deixar de referir e louvar: Mendonça Lima, Nunes Pereira, Carlos Mesquita, cuja pena sempre esteve voltada às boas causas, criador de *Amazônida*, uma revista que deixou tradição; André de Araújo, que vem realizando uma grande obra de humanidade e civilização, no desempenho do cargo de juiz de menores, abstraindo os seus altos atributos de filósofo e educador; Cosme Ferreira Filho, proficientíssimo em assuntos econômicos; Washington Melo, Salignac e Sousa, Aldo Moraes, Herculano Castro e Costa, Campos Dantas, Augusto Rocha, Moacyr Dantas, Nogueira da Mata, Maria Miranda Leão. Lázaro Baumann muito esmerilhou a história do Amazonas e sobre ela tem, publicados, vários estudos. Clóvis Barbosa é um periodista de mérito, cuja atuação nas letras do Amazonas se tem feito através de três publicações excelentes: *Redenção*, *Equador*

e, ultimamente, *A Selva*, bem-feita e bem redatada, traduzindo a capacidade milagrosa de seu diretor. Genesino Braga fundou e dirige *Cabocla*. Aguinaldo Pinto faz parte do corpo redacional do *O Jornal e Diário da Tarde*. Aristophano Antony organizou um esplêndido jornal – *A Tarde* – cujo primeiro aniversário foi comemorado, agora, com uma edição de sessenta e quatro páginas.

Dos intelectuais acreanos, que fundaram há pouco a sua Academia – merecem citados, apenas citados, que não quero incorrer em jacobinismo: – Francisco Conde, cujo espírito luminoso de autodidata se formou no Acre; Mário de Oliveira, José Lopes de Aguiar, Flávio Batista, Amanajós Araújo, Juvenal Antunes, Areal Souto, Paulino de Brito Filho, Felipe Pereira, José Potiguara, Mário Lobão, Vergniaud e Francisco do Vale Melo, Leôncio Rodrigues: enfim, José Florêncio da Cunha e Sérvulo Amaral, campeões do jornalismo.

Emigrados

São muitos os que – aqui fora – vindos do Amazonas, mantêm bem alto o nome e a tradição de glória da terra natal. No Rio de Janeiro está Benjamin Lima – eminente polígrafo, consagrado em todos os meios cultos do país, pelo seu aprumo de linguagem, pelo vigor de sua frase, no jornal, na literatura teatral, no livro e, sobretudo, pelo seu espírito luminoso de pensador; Raul de Azevedo, nome indiscutivelmente ligado às letras do Amazonas, autor de romances, crônicas e ensaios com justiça festejados, fundador e diretor de *Aspectos*, men-

sário magnífico que serve ao intercâmbio intelectual entre os Estados, com muita oportunidade; Francisco Pereira da Silva, jornalista, poeta e orador, que escreveu *Poemas amazônicos*; Vieira de Alencar, Jorge de Moraes, Francisco Galvão, Pedro Timóteo, Adonai de Medeiros, este, autor de *Jamaxi*.

Aqui na Bahia representam com brilhantismo a Amazônia intelectual, os professores Mário Andréa, Leopoldo Amaral e Tito César Pires, Julião Ramos, Lázaro Baumann, para não falar nas reservas promissoras que abrilhantam os nossos cursos superiores.

Jayme Pereira, professor da Faculdade de Medicina e Mário Ramos, em São Paulo, são dois amazonenses que honram o Amazonas.

Emigrados ainda o são os poetas Genésio Cavalcante e Joaquim Gondim, Osvaldo Lima, Paulo Eleutério e outros muitos que estão dispersos por estes Brasis.

“Aves de arribação”

Delas muito há a dizer, tal o brilho de muitos dos homens de letras que viveram, embora transitoriamente, no extremo norte. Não são, na verdade, as “Aves de arribação” das soberbas estrofes castralvinas, embora episódios sentimentais tenham nascido à margem dessa permanência transitória sob a linha equatorial. Aliás, já escreveu Ramayana de Chevalier que em Manaus sucumbem, fragorosamente, as grandes obstinações de misoginia...

Falemos agora de Aníbal Teófilo, mágico do verso, que viveu no Amazonas uma fase de aventuras, boemias e desenganos; trabalhou no foro, escreveu nos jornais, alegrou e entusiasmou as elites intelectuais da cidade, dominou os salões, amou, sofreu e quase morre num hospital de Manaus, devorado pela malária que o acometera no interior. Nessa ocasião, desenganado pelo médico, ditou a Péricles Moraes as “Palavras de um forte”, que mais tarde foram gravadas na lápide de seu túmulo. Foi de volta da Europa, ao Amazonas, que Aníbal Teófilo trouxe impresso o livro com que se impôs à posteridade, único que publicou: *Rimas*.

Quintino Cunha poetou, também, pelo Amazonas e editou, por esse tempo, um livro de bons versos – *Pelo Solimões*. Ganhou justificada celebridade a belíssima poesia “Encontro das águas”, inspirada no fenômeno surpreendente verificado na desembocadura do rio Negro no Solimões: separaram-se nitidamente a água tinta de um e a amarelo-ouro do outro. E o rio grande, engrossado com a massa enorme de seu afluente, passa a ser, daí em diante –

*...O Amazonas, que nasceu humano,
Porque afinal é filho de um abraço!*⁵¹

Sem que se arraigassem ao meio, perlustraram o Amazonas, além dos muitos naturalistas do século passado e do princípio deste, visitantes e curiosos que foram Paul Adam, Charles Richet e Charles Richet Fils, entre os estrangeiros, e dos

51 CUNHA, Quintino. *Pelo Solimões*, p. 87.

nacionais – para não falar em Euclides e Rangel, que não foram visitantes: foram descobridores – é de referência obrigatória o grande Francisco Mangabeira, cuja interessantíssima correspondência, escrita de Manaus, foi ultimamente publicada pela Academia de Letras da Bahia. Na nossa memória – nossa, dos acreanos – perdurará sempre a lembrança, nimbada de admiração, pelo insigne autor da letra do hino acreano, hoje oficialmente aposentado.

A justiça do Acre tem congregado elementos que merecem ser destacados, em se falando de letras da Amazônia, porque se chamam Mathias Olympio, presidente ilustre deste Centro, cuja cultura e cujo descortino intelectual todo o Brasil conhece, estima e admira, de envolta com o culto que votam as elites do país ao seu intransigente espírito de magistrado e à sua alta têmpera de lutador; Vieira Ferreira, que segundo depoimento do mesmo Dr. Mathias Olympio, que o pode dar por todos os motivos, é um dos homens de maior saber que conhece; Sousa Ramos, grande inteligência e não menor cultura, votadas ao serviço do direito, de que deu provas sobejas num livro notável de *Casos julgados*.

Aurélio Pinheiro, de quem tanto já vos falei, Augusto Linhares, Galdino Ramos, que estudou a questão das impressões digitais entre os indígenas e, recentemente, o problema de alimentação e da longevidade no vale; Orlando Lima, – não nasceram no Amazonas – mas lá exercitaram proficientemente e inteligentemente a medicina, estão ligados a ele por mil laços, e se integram perfeitamente no seu patrimônio intelectual. Dele também faz parte João Barafunda, o satânico

Coelho Cavalcanti, que lutou muitos anos na imprensa e na política amazonense, distribuindo o vitríolo de seu estilo pelos potentados e sobre as aberrações sociais de sua época.

Nomes que ficaram também nos fastos do Amazonas foram os de Caio Valadares, Aquiles Beviláqua e Virgílio Barbosa, três advogados notáveis, que ora abrilhantam o foro do Rio de Janeiro; foram também os de Júlio Nogueira, cuja autoridade em questões de língua portuguesa é das mais acatadas; e Geraldo Rocha, astro do jornalismo brasileiro; e foi, por fim, Aloysio de Carvalho Filho, o nosso eminente Aloysio de Carvalho Filho –, nosso, porque do Centro de Estudos Amazônicos – em quem se condensam a um tempo, maravilhosamente, os mais altos dons do espírito e os melhores do coração.

Da Costa e Silva esteve alguns anos em Manaus, no desempenho de comissão do governo federal. E Raul Bopp encerrou na Amazônia a sua volta ao mundo. De sua passagem por lá, presenteou-nos com o poema *Cobra-Norato*.

Ainda há uma outra “ave de arribação”, que foi mais que isso, porque um homem voltado por muitos anos aos problemas educacionais do vale do Juruá, onde, com a sua inteligência, fecundou a sementeira de muita inteligência: foi Craveiro Costa, há uns dois anos falecido, em Alagoas, deixando múltiplos estudos inéditos, começados agora a ser publicados, com o volume *Visconde de Sinimbu*, da coleção “Brasília”.

Para concluir

O Sr. Peregrino Júnior, de uma feita, na Fundação Graça Aranha, disse que “a Amazônia, depois de ter sido o ‘El Dorado’ dos aventureiros solertes e dos políticos medíocres, ficou reduzida a essa coisa triste e precária: um assunto de literatura”.

Os nomes e as obras que eu aqui citei, na sua grande maioria, contestam exuberantemente essa assertiva. Há, de fato, os contadores de história, nas letras amazônicas, mas não é para “o lado pequeno das coisas grandes” que devemos olhar: cumpre-nos, a nós, que temos as vistas voltadas para a grandeza da Amazônia e, em conseqüência, para a grandeza do Brasil, ver no homem amazônico um herói do trabalho perseverante e da dedicação à terra bem-amada; e nos seus escritores, principalmente, mentalidades superiores, que conseguiram vencer o tumulto que a todos comunica a natureza da planície. É certo que os reveladores não conseguiram transmitir-nos a medida perfeita da terra verde e do homem ciclópico: já fizeram muito, porém, traduzindo, para relevo das boas letras brasileiras, o que está ao alcance dos olhos humanos. Porque não há a duvidar, positivamente, de que a Amazônia, agora, paira ainda acima da capacidade dos homens que a habitam, porque inferiores – em número com especialidade – e dos que a interpretaram, porque a situação da terra ainda não está definitivamente estabelecida em relação ao homem. Mesmo assim, Euclides e Araújo Lima deram-nos estudos mais de ciência que literários, conden-

sando, sintetizando, toda a Amazônia conhecida, toda a Amazônia descoberta. Rangel, Ladislau, Cruls, Rivera, Ferreira de Castro, Ramayana – erigiram monumentos admiráveis, imperecíveis, muito além da “paisagem” e do “estilo”, que Peregrino Júnior tanto malsina nas letras amazônicas. O que há ainda a descobrir é obra para um século e, por isso mesmo, eu comecei por vos dizer que a Amazônia, se não é o infinito, é pelo menos o indefinido.

Já registrou Aurélio Pinheiro, em livro, que – sob a adustão do sol do Amazonas, que “tem sangue de fogo” – vivendo em cima da linha equatorial – existem intelectuais cujo mérito se pode aferir das longas vigílias sobre os livros que se publicam, não só no Brasil, mas nos grandes centros de cultura. Não quero fazer injustiça com omissões, mas posso citar-vos, de pronto, os nomes de Péricles, Adriano, Leopoldo Péres, Leda, Arthur Reis e outros mais, e não poucos, cuja formação intelectual tem uma densidade que espanta e entusiasma.

*
* *

Foi com o intuito único de vos comunicar um pouco de minha fervorosa admiração por esses obreiros grandiosos das letras da Amazônia, de divulgar-lhes os nomes, de conjunto, as idéias, as diretrizes estéticas, a marcha de conquista e de ascensão, fazendo-lhes justiça, em nome de minha geração – que eu consenti em martelar-vos a paciência, já de certo esgotada, por culpa minha – minha máxima culpa. Relevai-me, porém, a mal-

dade, mais por eles, que valem muito, sendo o cérebro do mais belo, do mais fascinante, do mais misterioso pedaço do universo; mais por eles do que por mim, que apenas saí, furtivamente, da penumbra do meu viver para esta festa de amazonismo. Dela volto, pressuroso, para o encanto sombrio em que adejam as minhas idéias e as minhas esperanças, e donde a alma, olhando para o infinito, tem visões da Amazônia do futuro, povoada de gente sã, trabalhada pela educação transformadora, servida pelo arsenal e pelas técnicas da ciência moderna, honrando, nessas alturas, as tradições dos de hoje.

O verdadeiro símbolo da Amazônia, contemporaneamente, é a goma elástica – borracha malsinada – cujas oscilações constituem o fluxo e o refluxo das marés sociais e econômicas. Entrevejo, porém, a transposição desse símbolo para o rio, em perene movimento, sempre para diante, a insinuar, a exemplificar, a impor a atividade.

Creio, com Bilac, que “nem sempre durareis eras sombrias”, porque

*...na sua divina majestade,
Virgens, reviverão as Amazonas
Na cavalgada esplêndida da glória!*

Cultura amazônica*

(Ensaio de interpretação)

I

Sabemos que é temerário, mas não concebemos outra maneira de encarar os assuntos regionais senão englobadamente. Para nós a divisão política da Amazônia, em Estados e Territórios, gerando rivalidades e isolacionismos absurdos e estéreis, é um preconceito que devemos combater e abolir: temos a continuidade geográfica, temos a identidade étnica, temos o mesmo tipo de economia; temos provavelmente o mesmo padrão de cultura, no Amazonas, no Pará, no Acre, no Guaporé, no Rio Branco ou no Amapá, com as variações que a história (principalmente a cronologia), a demografia e a situação material impõem.

Por que não considerar, portanto, a Amazônia como um todo, acabando de uma vez para sempre essa pendência inglória de uma desprezível ilha das Cutias?

* Publicado originalmente na *Revista da Academia Amazonense de Letras*, n.º 2, maio de 1955.

Dissemos que pouco resultou dos labores missionários e civilizadores do lusitano, sem perdermos de vista a nobre afirmação de cultura indígena, que foi a rebelião de Ajuricaba, tornado em símbolo da fibra indômita do caboclo amazônico.

Há outro marco isolado, na história de nossa evolução, que traduz um estágio cultural assinalável: é a Cabanagem. Indagamos hoje, curiosos: foi a Cabanagem um simples movimento nativista, reflexo dos levantes gloriosos das tribos da Mundurucânia? ou assimilação de ideais avançados de reivindicações sociais, visando a uma organização que honra, e muito, a cultura dos precursores e cabeças da luta, desde o cônego Batista Campos, até o famoso Angelim, e se estendendo ao mais humilde caboclo do baixo Amazonas?

Só mesmo o surto da borracha, atraindo massas humanas para o desertão da Hiléia Brasileira, permitiu, sob bases econômicas favoráveis, a criação de uma sociedade em que a cultura, na sua extensa gama de valores, pôde tomar corpo e ser aferida pelos padrões comuns.

No século passado, efetivamente, modorrou a Amazônia. Euclides reproduziu o testemunho insuspeito de um bispo, d. frei João de São José, em relação à população: "lascívia, bebedice e furto...". No mais, contam mesmo, positivamente, as incursões dos cientistas que nos visitaram, e que constituem uma série notável, cujas obras são fonte de informação obrigatória, para quem desejar conhecer as primeiras decifrações dos problemas hinterlandinos. Os sinais de sua passagem não se refletiram, entretanto sobre a sociedade nascente: deixaram livros, muitas vezes escritos e publicados na Europa – livros

que o povo não leu, porque não estava capacitado a tanto, e para os quais ainda olhou com desconfiança.

É certo que o clima de cultura no Pará, uma grande província, só em 1850 desmembrada, com a autonomia política do Amazonas, cedo se começou a criar e a consolidar, bastando lembrar o relevo que alcançaram, no cenário nacional, duas de suas figuras marcantes: José Veríssimo, educador, sociólogo e crítico literário, e Inglês de Sousa, jurista e romancista da fase e da zona cacaulista.

Quanto ao Amazonas, porém, não há dúvida que assiste razão a Mário Ypiranga ao afirmar: "Só chegamos a um clímax intelectual, depois que a borracha com os seus paroxismos elásticos e os seus cataclismos econômicos, carreou para o Amazonas uma leva de imigrantes do pensamento, paladinos do verso, cavaleiros andantes da prosa".

Foi realmente a importação de homens de inteligência, possibilitada pelo dinheiro, que permitiu os esplendores dos fins do século passado e princípios do atual. Vieram eles no meio de ambiciosos e de falsos valores, alguns até maus elementos, como aquele desventurado Alexandre Haag, autor do assassinio por que Maurilo Torres pagou, com a liberdade, a fortuna, a honra e a própria vida (Este caso é famoso, porque todo baseado em prova indicial, e não deve ser esquecido pelos que lidam com a criminologia).

Não queremos fazer aos intelectuais e artistas que vieram para a Amazônia (e aqui se incluem não somente os que se detiveram em Belém, como os que avançaram até Manaus e aos outros centros menores da hinterlândia) a grave

injustiça de julgá-los atraídos tão-somente pelo ouro: quando muito, os buscavam eles, entre sonhos fantásticos e ilíadas helênicas, novos Jasões dos novos tempos, o velocino misterioso... Manaus e Belém se viram povoados dos melhores artistas da época, professores abalizados, jornalistas de alta estirpe, advogados que mereceram justificada fama, médicos e humanistas de grande cabedal, profissionais de toda sorte e de rara capacidade.

Os sertanejos trouxeram o arrojo e a ambição que propiciaram a riqueza. Graças a eles também foi possível que se escrevesse aquela página gloriosa para o desbravamento do Oeste, que foi a penetração e a conquista do Purus e do Juruá, de que resultou o domínio brasileiro no Acre – epopéia de larga repercussão sobre a própria política do continente sul-americano, que veio de ser revivida no livro extraordinário de Cláudio Araújo Lima, glorificando a história de Plácido de Castro – “um caudilho contra o imperialismo”.

Evidentemente houve uma súbita transformação no processo cultural da Amazônia: a miscigenação se apressou, entre o caboclo – descendente do índio com o branco – e o mestiço imigrado, saído do *melting-pot* nordestino, entre o branco, o negro, o mulato, o índio, o zambo-cafuz e o curiboca; o monoextrativismo matou a agricultura incipiente, dos cafeicultores, dos cacaulistas e dos outros lavradores; o álcool entrou em larga dose e as doenças chegaram com a civilização (o impaludismo, muito provavelmente com o navio a vapor; a febre amarela, a tuberculose, a sífilis, e as demais venéreas, tudo veio no vórtice do progresso); os burgos do interior trans-

formaram-se em centros de aventuras políticas e comerciais; os jornais das capitais surgiram brilhantes e noticiosos, traduzindo o cérebro de seus redatores, no tempo em que não havia boletins de agências, nem *copyright*, que simplificam a tarimba dos homens da imprensa... Houve conferências, festas literárias e polêmicas famosas. Carlos Gomes veio morrer em Belém, para onde Antonio Lemos arrebanhou uma luzida centúria de figuras exponenciais; lá também chegaram Carlos Dias Fernandes, Emilio Goeldi, Celso Viera, Eliseu Cesar, Paul le Cointe, pe. Dubois e quantos mais. Ao Amazonas vieram ter Alberto Rangel, Manoel de Bethencourt, Jacques Huber, o maestro Joaquim Franco, Júlio Nogueira, Adriano Jorge, Araújo Filho, João Barreto de Menezes, Achilles Bevilacqua, Ribeiro da Cunha, Sá Peixoto, Hermenegildo de Campos, Plácido Serrano, Vicente Reis, Wolferstan Thomas, João Leda, Alfredo da Matta, Galdino Ramos, Adolfo Ducke e tanta gente!

Tudo isto, por força, influiu sobre os filhos da terra e sobre os filhos de outras terras que aqui se fizeram intelectualmente, sob a emulação do brilho incontestável dos ádvenas – atingindo muitos o alto nível mental a que chegara o meio.

Vale indagar: quais os móveis desse borbulhar intelectual e artístico?

Creemos poder resumi-los em três: 1) a atração exercida sobre os homens de pensamento que demandaram a planície, pelo mundo novo que se descerrava, sob uma auréola de lenda e de fascínio, com possibilidades de inexplorados domínios para a inteligência; 2) a exigência de cabeças para enfrentarem os problemas amazônicos, antes apenas aflorados, e então tor-

nados vivos, palpantes, sentidos, na era nascida com o surto gomífero; 3) o desenvolvimento das duas metrópoles amazônicas, que se tornaram, dentro do Brasil de então, autênticos chamarizes, pelas condições de vida fáceis e pelo adiantamento urbanístico que deu às capitais do Amazonas e do Pará um cunho de beleza e de conforto de que hoje, com saudade e melancolia, ainda nos vangloriamos: ninguém ignora que as cidades são lugares por excelência em que o espírito se alarga e a inteligência floresce.

Cogitemos agora, dentro do conceito antropológico de cultura, por nós adotado: que sentido teve essa ebulição mental? Quais os seus reflexos sobre o desenvolvimento cultural da região? As respostas não podem ser muito otimistas...

O sentido da ebulição foi desconexo e até cedo ponto anárquico, em especial no Amazonas. No Pará, é preciso ressaltarmos, verificou-se, em consequência de fatores históricos que não podem ser olvidados, um princípio animador de cristalização da cultura, resistente ao tempo e ao desmoronamento da riqueza fácil do extrativismo. Restou, porém, a toda Amazônia, da época do fastígio, um certo quê de novo-rico, ou de aristocrata arruinado, que nos leva a exibicionismos e exteriorizações muito além das reais possibilidades do meio: Gabriel Hermes Filho referiu-se, por exemplo, em uma de suas agudas reportagens, quando da viagem da Comissão Parlamentar de Valorização da Amazônia, em 1947, a certo banquete, oferecido em Rio Branco, Acre, com baixela de prata, porcelanas finíssimas, cristais não sai de onde.

Restaram certas heranças que nos envaidecem, mas tradutoras do tumulto das mentalidades de 50/60 anos atrás, tais como os Teatros Amazonas e da Paz, as avenidas de Manaus e de Belém, etc. Restaram lembranças de orgias nababescas, das tertúlias memoráveis, de torneios de elegância que fizeram furor... Em compensação, também restaram alguns dos livros mais importantes a respeito da Amazônia, marcando o tempo e glorificando os seus autores: *Le pays des amazones*, do Barão de Sant'Anna Nery, *o Inferno verde*, de Alberto Rangel, *Pelo Solimões*, de Quintino Cunha, *Rimas*, de Aníbal Teófilo, e outros, vários outros.

Que a repercussão daquele alvorecer promissor de um ciclo de cultura não correspondeu totalmente à expectativa, temos nestes pontos que referiremos esquematicamente:

- 1) Quanto à economia, não permitiu a arrancada com que principiamos o século a superação da fase predatória: continuamos e continuamos extrativistas. Mal chegamos à pré-industrialização da borracha, com a simples lavagem do produto bruto. Mantemos presentemente uma economia artificial, sob a tutela do governo, obrigando os líderes da produção, dos Estados e territórios, a uma, duas e mais viagens anuais ao Rio de Janeiro, a reclamarem, de chapéu na mão, à beira da falência, o pagamento das safras. Em outras palavras: não principiamos sequer a construir uma economia no sentido capitalista.

2) Do ponto de vista alimentar, é verdade que saímos, até certo ponto, da condição de importadores exclusivos de enlatados, e com isto ficou resolvida a terrível questão médica do beribéri. Mas continuamos a receber quase tudo, inclusive arroz, feijão, farinha, açúcar e outros produtos que sabidamente têm em nossas terras o melhor local para serem conseguidos. Neste assunto, aliás, há nefandos crimes por expiar: um deles é o da exterminação quase completa dos quelônios, mercê da imprevidência e da glotoneria da população, que tem neles o seu grande e louvado acepipe – consumindo-lhes os exemplares adultos, os pequeninos e até os ovos! No que se refere à agricultura, mal produzimos gêneros perecíveis para abastecimento das capitais, poucos, caros e sem seleção das boas espécies. Só com a imigração japonesa pudemos introduzir uma cultura em larga escala, que é a da juta, assim mesmo “cultura de párias” (a expressão creio que é de Moacyr Paixão), exigindo esforço sobre-humano do plantador, que na hora H não encontra mercado, como aconteceu em safra passada que teve de ser vendida por qualquer preço, com vantagem, aliás, para alguns...

3) Comercialmente, ainda predominam os sistemas antiquados: o aviador (que é o negociante atacadista das capitais, especializado em abastecer o interior) fia para o seringalista, e este para o seringueiro. O pagamento se faz do último ao patrão em gêneros; apenas

o seringalista já não entrega todos os produtos ao aviador, para que os transfira ao exportador (quando não é, ele mesmo, o exportador), porque, quanto à borracha, o malsinado Banco de Crédito da Amazônia quebrou um dos elos da cadeia... Isto é, o comércio em geral ainda não é comércio: é puro escambo – troca de mercadorias por gêneros – tal qual sempre fizeram os chamados civilizados com os índios, há séculos.

4) Quanto à política administrativa também demonstramos ter assimilado pouco ou nada a lição da cultura: nossas eleições, como de resto no Brasil inteiro, quase sempre se fazem através de escolhas sentimentais ou – o que é muito pior! – por força de cambalachos deprimentes. Quantas leis, realmente, já se fizeram na Amazônia, visando ao bem, ao verdadeiro, ao sagrado, ao inconspicável bem público? Longe de nós, todavia, qualquer contato com essa senhora política, que não é nem a “respeitável prostituta” de Sartre...

5) E as condições de vida do povo, em geral, têm progredido? É certo que a febre amarela foi erradicada e que a malária bate em retirada diante das bazucas do DDT. Mas, em compensação, a falta de higiene geral campeia, mesmo nas capitais, onde a água canalizada e tratada é escassa, inclusive (é uma esperança à renovação dos Serviços de Água de Manaus e de Belém!); a mortalidade infantil é terrível, a tuberculose tem incidência muito forte; as verminoses em

certas localidades alcançam índices vizinhos de 100%; as residências ainda não se constroem, mesmo as melhores e mais confortáveis, segundo as exigências climáticas, com modelos, divisões e materiais de construção que se coadunem com o calor e as invernadas. De referência às barracas... nem é bom falar! Sem dúvida tudo isto decorre da incultura coletiva!

- 6) Intelectualmente... Tentaremos a seguir um quadro da atualidade amazônica.

II*

A geração intelectual e artística que viveu o princípio do século, na Amazônia, manteve por muito tempo o élan, e resistiu heroicamente. Até os nossos dias ainda chegaram os seus representantes, coroados de louros e curtidos de lutas e desilusões.

A nova geração, nascida espiritualmente com a Primeira Guerra, começou porém a fraquejar. Assistiu, por exemplo, esboroar-se quase completamente a Universidade de Manaus, por falta de meios financeiros e sobretudo por falta de meio, de ambiente, por falta de condições sociais e mentais em que viver e desenvolver-se.

A tragédia econômica, conseqüente à trasladação da seringueira para o Oriente, trouxe consigo a desvalorização da inteligência.

* Publicado originalmente na *Revista da Academia Amazonense de Letras*, n.º 3, setembro de 1955.

Testemunhas desse passado que não é tão distante, e que já parece mais que passado, ainda estão o “Jornal do Comercio”, de Manaus, e a “Folha do Norte”, de Belém, que têm sido trincheiras invencíveis de uma cultura ameaçada ou quase extinta.

Em quase todas as redações de Manaus ouvem-se reclamações à dificuldade de obter artigos em primeira mão dos letrados da terra. É bem verdade que esses artigos constituem sempre colaboração gratuita: são escritos por puro amor à arte de lidar com idéias e fixá-las em tipos de imprensa! E há aqui verdadeiros intelectuais que nunca dos nuncas subscreveram um trabalho jornalístico, nem escreveram um livro, nem mesmo comparecem a qualquer reunião da Academia... Esse grupo porém é restrito, e já está avançando em anos, verificando-se, lastimavelmente, um total eclipse, em grande número de moços, do gosto pelo estudo das letras e sobretudo no apreço pelas artes. Já se perderam de memória as festas artísticas em que apresentávamos virtuosos do piano, do violino e do canto. Em Manaus não existe sequer uma única orquestra. O próprio teatro de amadores tem vivido de curtas experiências, em que as vocações não têm tempo de aparecer.

Dizemos que mal atinge a grande maioria, exatamente para salientar o contraste que com ela fazem alguns grupos mercedores de toda admiração, graças aos quais vivem e florescem numerosas sociedades literárias estudantis, havendo até – *sursum corda!* – um Centro de Estudos Gerais, que cogita de assuntos sociológicos e técnicos. Positivamente que essa

minoria dá ao nosso espírito o conforto de uma esperança. Senão de uma certeza, de que nem tudo feneceu!

Continuamos a fazer justiça ao Pará, dizendo que baixamar artística, lá, não foi tão grande, graças ao Conservatório de Música, que vem sendo dirigido há alguns anos por uma artista do mérito de Maria Helena Coelho, com dedicação e inteligência.

Na planície não se desenvolveu, para compensar esse *down* artístico, a impropriamente chamada arte popular. Não temos compositores de música regional, nem foi reunido, ainda, nem encontrou intérprete, o cancionista amazônico, que existe e anda diluído nos bailes e nas “festas do Divino”, que se celebram pelo interior afora. Que saibamos, o folclore amazônico só inspirou até agora o paraense Waldemar Henrique, cujas composições tiveram em sua irmã Mara a intérprete festejada.

Olga Prager Coelho, exímia nas canções folclóricas nacionais, não teve temas de sua terra para sonorizar.

Um ponto vale a pena ressaltar: na Amazônia têm predominado os eruditos sobre os espíritos criadores.

A criação artística, efetivamente, só tem lugar onde os fatores ambientais incentivam: não que aceitemos aquela clamorosa claudicação do espírito lucilante de Afrânio Peixoto, quando julgou a “literatura, o sorriso da sociedade”. Muito ao contrário, os exemplos são sempre em sentido oposto: a angústia eslava deu Tolstói e Dostoievski; a decadência gaulesa gerou Anatole France; Maugham é a expressão do sofrimento inglês; entre nós, o drama do Jeca Tatu fez Lobato.

Na Amazônia, onde há drama nas almas, sofrimento nas pessoas físicas, angústia nos corações e uma verdadeira decadência das relações culturais, ainda não se escreveu um grande romance. Esboçou-o, de uma maneira promissora, Ramayana de Chevalier, com o *No circo sem teto da Amazônia*: parou entretanto no esboço. Abgvar Bastos, seguindo uma escola literária transitória, intentou e conseguiu belas páginas, porém incompletas, distantes do sentido universal que a obra de ficção deve ter, mesmo fixando aspectos rigorosamente regionais. No Pará, surgiu Dalcídio Jurandir, que é realmente um grande romancista, e em quem repousam nossas maiores esperanças. Em Manaus existe um moço com legítima vocação de romancista social: Aristófanes Castro. Gostaríamos de vê-lo realizado um dia. Por enquanto, seus contos e romances publicados deixam entrever, apenas, o material que há em sua cabeça, à procura da seleção e da forma.

Insistimos nos romancistas, lembrando o que asseverou José Américo, inquirido por que escrevera *A Bagaceira*: foi a maneira prática de agitar temas sociais, de maneira artística e penetrante, dificilmente acessíveis ao grande público, se vados em monografias ou ensaios.

Quanto aos poetas, que são outros espíritos criadores, felizmente, não temos sido pobres. De Raimundo Monteiro e Jonas da Silva, a Paulo Monteiro de Lima (e recentemente à turma impressionante do "Clube da Madrugada"), passando por Th: Vaz, Maranhão Sobrinho, e tantos outros (para citar os mortos).

Na verdade, sem pessimismo dissolvente nem intenção de menosprezo pelo que é nosso, na verdade temos de convir que chegamos a um nível muito baixo de cultura, como resumo da mentalidade geral.

Parece que Gilberto Osório acertou: “Dir-se-ia que essa Amazônia prodigiosa, atordoante, nunca inspirou amor: só cupidez”. “Afigura-se que a paisagem não enleva, apenas enfurece. Mas será isso uma constante psicológica no domínio das interações antropogeográficas da Amazônia? Ou apenas os sinais exteriores do processo inicial de adaptação, necessariamente ruidosa, logicamente violenta?”.

* * *

Tentemos uma análise das coisas que nos conduziram à situação atual. Podem ser divididas em gerais e especiais.

Das gerais, salientam-se o empobrecimento crescente do meio, a carência de luz com que estudar e até pensar, nas nossas belas noites tropicais, a exigirem o deleite das boas companhias (e os livros o são, à maravilha!); o êxodo dos moços promissores, a distância em que nos encontramos e a instabilidade de nossa população.

Sobretudo essa instabilidade nos estiola: a maioria dos habitantes do Amazonas pensa em debandar mais cedo ou mais tarde. Temos aqui uma verdadeira mentalidade de acampamento, em virtude da qual grandes fortunas (de dinheiro e de valores mentais) são carregadas para outros centros, todos os anos, pelos que conseguem amealhar recursos, mesmo à

custa de ingentes sacrifícios: verifica-se o absurdo de que quase todo o mundo se sente roubado por viver nestas paragens!

Já procuramos saber o número de moços que saem para cursos no Sul e que não voltam mais? Ou nos que emigram em busca de uma oportunidade para vencer? E todos representam verdadeira sangria no nosso contingente humano tão rarefeito e tão dizimado, deixando em grande maioria a população feminina.

Há os que se hipertrofiam realmente e que precisam de maiores clareiras para o espírito. Nos últimos tempos podemos balancear numerosas perdas até agora insubstituídas.

Não queremos chegar às razões climáticas, mas não podemos deixar de ter presente razões biológicas, entretendo, neste passo, também, a cultura: doenças e subalimentação, que grassam intensamente, mesmo em Belém e Manaus, situam-se em posição vantajosa na debilitação do corpo e conseqüentemente no aviltamento da inteligência.

Detenhamo-nos de relance nas causas rotuladas de especiais, principiando pela falta de estímulo: um estudante, ou um estudioso, não tem quase aproximação intelectual com o outro. Cada qual cuida silenciosamente de sua vida, sem querer que alguém descubra suas veleidades literárias ou artísticas...

Também comparece em primeira linha o espetáculo geral a impor uma pergunta desalentadora: para que estudar? Na nossa subversão de valores, a cultura não é condição *sine qua* para ocupar boas posições! Como escritor, propriamente, ninguém vive nestas bandas: até os jornalistas militantes, em

sua maior parte, têm encostos no funcionalismo, exercendo com o periodismo quase um *hobby*. Portanto, *primo vivere*...

São exatamente duas fortes razões, as apontadas: falta de estímulo (apontam-se nos dedos os escritores residentes na planície que publicaram livros no Sul: basta lembrar isto!) e necessidade imperiosa de ganhar a vida, – ambas neutralizando os esforços e a própria sorte com que se vencem as primeiras dificuldades da formação, e se sobrepondo inelutavelmente aos melhores impulsos da vocação.

A burocracia, especialmente a federal, e o Banco do Brasil, são dois verdadeiros sorvedouros de inteligências planiciárias. Temos sempre em mente o que sucedeu a Vieira de Alencar e mais tarde a Lázaro Baumann, todos dois dos nossos espíritos mais vivos e brilhantes. E perde o Amazonas, sempre, assim...

Ainda é preciso falar no isolamento em que vivemos. Os livros nos chegam atrasados; as notícias que não interessam à publicidade escandalosa das agências telegráficas (e são por assim dizer as principais para os homens de cultura!), vêm sempre envelhecidas. Isto é: não participamos em realidade do que se faz e do que se pensa no mundo! Viajamos apressados, olhando a distância os grandes nomes das metrópoles sulinas, sob o complexo de inferioridade do provincianismo acanhado e estreito... E quando a viagem é mais longa, renovando os conhecimentos pelos cursos de aperfeiçoamento, notadamente no estrangeiro, há dois perigos graves: ou o sujeito de volta não se adapta novamente ao meio, ou o meio passa a olhá-lo com reservas e prevenção.

Salientemos as culpas da educação.

De todo país, escreveu de uma feita Anísio Teixeira: “O mal do brasileiro é a falta de escolas, mas é também a escola existente”.

Pior ainda na Amazônia...

Nas nossas escolas primárias, núcleo básico do desenvolvimento mental, há grandes lacunas. Uma, ligadas aos métodos de ensino, que visam quase sempre à apresentação de conhecimentos, sem cuidarem do aprimoramento moral e da formação de hábitos higiênicos dos discentes; outras, à precariedade das instalações; mais outras, decorrentes do professorado; e outras, afinal, à conta dos estudantes e de suas famílias.

O professorado é aliás a grande vítima. Abandonado, desprezado, injustiçado, mal pago, sem estímulo, sem o mínimo de elementos materiais com que exercer o seu verdadeiro sacerdócio, ele decai naturalmente em eficiência e em nível mental. Só permanecem no magistério os mestres verdadeiros, aqueles que nasceram com o destino incoercível de educadores; uma pequena parte, também, dos que não podem tentar outras profissões, como fazem muitos elementos (e que excelentes elementos!), que abandonam pelo comércio e pela burocracia aquilo que era um verdadeiro sonho de suas juventudes. Falamos dos titulados. Porque, quanto aos leigos, a história é muito outra: há professores do interior, efetivados pelos 10 anos de contínua regência de escolas, que mal escrevem, e que não possuem o mínimo de ilustração indispensável a um ser dito alfabetizado; e há outrossim escolas

que o são nos atestados presentes à Fazenda e nos boletins imaginosos...

Difícilmente os normalistas se abalançam a ensinar nas cadeiras do interior: se forem, vão ganhando uma ninharia, menos que um ordenado de fome, sem passagens fornecidas pelo Estado, sem ajuda de custo e sem terem onde se alojar, por cima de tudo. Sabemos de professoras perdidas em barrancas, que têm chegado ao extremo de não ter o que comer!

E as instalações escolares? Se na capital há um que outro grupo apresentável (quase todos são antipedagógicos), que pensar do interior, onde a casa da escola é de ordinário uma improvisação?!

Quanto a Manaus, já o declarou em conferência pública o então diretor da Educação, João Martins da Silva: há unidades escolares onde alunos escrevem nos parapeitos das janelas ou levam de casa sua mesa e sua cadeira... Verdadeiramente, exige-se dos meninos e adultos analfabetos, na Amazônia (porque o problema não é só do nosso Estado, embora menos grave nos Territórios Federais), exige-se deles uma *pinta* de heroísmo e uma sede diabética de aprender...

Não sabemos se é melhor a situação do ensino secundário, em que já se verifica uma lastimável seleção econômica, tantas vezes às avessas. O menino pobre mal consegue ir ao 5.º ano primário (em 1951, em Manaus, para 15.000 escolares matriculados, houve 600 e poucos finalistas); cedo demais – e criminosamente – a contribuição financeira do seu trabalho é exigida, e adeus livros...

Cresceram muito, em verdade, os freqüentadores dos chamados cursos colegiais. Não cresceram porém na mesma proporção os respectivos estabelecimentos (no Colégio Estadual Amazonense, v.g., o gabinete de física já foi transformado em sala de aulas ordinária, o que também sucedeu até com um vestiário). Eram mais ou menos 200 ginasianos do velho Ginásio de há 20 anos, e hoje este número se multiplicou por 6 ou 7. Por outro lado os velhos professores foram cedendo ao tempo e à Parca (quanta saudade de Vicente Telles, que era um mestre completo, ou de Plácido Serrano, uma figura serena e sábia!); e muitos professores foram sendo improvisados. Improvisações que algumas vezes deram certo, mas sempre perigosa maneira de criar condutores da mocidade! Também remunerados miseravelmente, houve que exigir-lhes voto de pobreza irrevogável e voto de sacrifício extremo: há professores secundários que dão 10 aulas por dia! Não é possível exigir maior esforço de uma criatura! E como estudar para ensinar, se as horas não encompridam? como ter pecúnia para adquirir livros que custam os olhos da cara? como manter o espírito alegre e comunicativo, tal se faz mister, para edificação dos moços, se as forças físicas se consomem até as últimas possibilidades?

Não esqueçamos ainda a quota de culpas que cabe aos estudantes e às famílias: estas cada vez mais relaxam a assistência e a fiscalização dos menores, entregues cedo às lições do mundo das ruas. Atentemos nas paredes do Ginásio, cheias de cartazes de propaganda dos partidos internos, para termos o melhor retrato da situação da adolescência, desvir-

tuada integralmente de sua idade. É uma verdadeira degradação, completada pelas deletérias histórias de quadri-nhos, para cujo perigo faz pouco nos chamava a atenção uma esclarecida educadora: além de glorificarem malfeitores e figuras imaginárias de poderosos, dando imagem visual sucinta da narrativa, tiram ao espírito o trabalho da elaboração mental que a leitura obriga.

Por tudo isso as humanidades se afundam em nosso meio. A memória, o raciocínio, a imaginação, o espírito crítico, dependem de exercício, treinamento e estímulo: só eles poderão conduzir à ciência, à arte, à criação literária, à filosofia, ao domínio das idéias e dos fatos, isto é, à cultura, como patrimônio espiritual de um povo.

E sabem os que a perseguem que ela não é de geração espontânea: para alcançá-la há que queimar pestanas, fazer ginástica com a massa cinzenta, ouvir e discutir, em diálogos ou monólogos.

Já fizemos referência ao desmoronamento da Universidade de Manaus, que foi a primeira tentada no Brasil, por Joaquim Eulálio e Astrolábio Passos. Ainda se lembram todos do fim inglório das Escolas de Farmácia e Odontologia. A Escola de Agronomia, que tanto vicejou e produziu, teve de se rebaixar à condição de Escola Agrotécnica. Só sobreviveu a Faculdade de Direito, e assim mesmo através de quantos percalços! Houve tempo em que praticamente não se davam aulas: dizia um professor, de grande mérito, a aluno de então, pessoa fidedigna, que não lhe era possível ensinar a cinco mil-réis a hora, e assim mesmo sujeito a não receber... Felizmente o interventor Rogério

Coimbra, inspirado por Waldemar Pedrosa, chamou a Escola à responsabilidade do Estado, dando aos seus docentes uma situação mais digna, embora ainda bastante precária, do ponto de vista monetário; e podemos inscrever entre os maiores benefícios do governo Dutra ao Amazonas, a federalização do nosso maior instituto de ensino superior, graças a uma lei também redigida por Waldemar Pedrosa.

Vale a pena ressaltar alguns fatos animadores no setor do ensino: em primeiro lugar a fundação e o funcionamento de uma Escola de Enfermagem de alto padrão, que trouxe às moças da região não só a possibilidade de nova carreira, mas outra perspectiva, criando um espírito modernizado, com lastro na ciência e na moral. Depois, o desenvolvimento do Seminário "S. José", onde numeroso grupo de rapazes se exercita mentalmente, abeberado das velhas e prodigiosas tetas do humanismo cristão. Há no Estado a versão popular de que amazonense não dá muito para padre... No Seminário, porém, os amazonenses haverão de lucrar intelectualmente, e queiram os céus cheguem muitos às Ordens, contanto que sejam bons padres – humanos, inteligentes, cultos, compreensivos e sobretudo honestos.

Merece, outrossim, ser assinalada uma esperança ou duas no horizonte: a construção da Escola de Agronomia e das Escolas de Odontologia e Farmácia, apesar de iniciadas e transferidas às calendas... Gostaria que se tornasse realidade o projeto do ex-governador Leopoldo Neves, concentrando nos Bilhares as faculdades manauenses: teríamos assim a base territorial de uma universidade futura, quando o Amazonas a

exigir e comportar. Não a universidade criada pela atual Constituição, e da qual nunca ninguém ouviu falar. Nem muito menos aquela funambulesca Universidade Rural de Santarém, cuja criação tivemos oportunidade de ver anunciada em entrevista do antigo coordenador da Mobilização Econômica (quanta miséria se atribuiu durante a guerra ao ministro João Alberto, que foi na verdade um homem inteligente e progressista!), para que nela os seringueiros egressos das selvas, nos seis meses de entressafra, pudessem dilatar a visão através do olho mágico da ciência...

A mais séria e decisiva iniciativa, porém, nos últimos tempos, para o nosso desenvolvimento cultural, foi a criação do Instituto de Pesquisas da Amazônia, instalado nesta capital, e em fase de organização, sob a direção do prof. Olímpio da Fonseca, que é um cientista de renome, prometendo atrair grande número de pesquisadores e técnicos.

Tentaremos, para concluir este ensaio, fixar um programa de reação.

III*

Todas as considerações anteriormente divulgadas não representam uma simples página de derrotismo *blasé* ou de justificativa pessoal à não realização integral de aspirações de ordem científica, que confessamos publicamente sempre ter tido, e que ainda não feneceram, neste meio-dia penumbroso de uma vida incolor. Nem é também uma exibição de cultura postiça...

* Publicado originalmente na *Revista da Academia Amazonense de Letras*, n.º 4, dezembro de 1955.

Este ensaio representa fundamentalmente um brado consciente de protesto, um toque de despertar em favor da renovação espiritual, e até, se quiserem, uma provocação, na esperança de que esses assuntos venham a ser cogitados seriamente, ao menos pelas classes intelectuais, que não podem trair o seu destino, se forem mesmo intelectuais.

Não nos enganemos: a Valorização da Amazônia que começo a se executar, mercê de um sábio dispositivo da Constituição de 1946, tem de se basear na formação de uma verdadeira elite, que viva aqui, e aqui seja experimentada, e não a dos infalíveis parasitas que pretendem valorizar a planície trocando pernas pela avenida Rio Branco ou correndo de automóvel, burocraticamente, de um Ministério para outro... Temos de convir que estamos no limiar da civilização na Amazônia: até agora houve apenas ameaça... Mas essa civilização só pode surgir de um movimento de cima para baixo, isto é, dos homens de estudo para a massa, e com a elevação gradual desta, através de uma sistemática e eficiente divulgação do saber. Em suma, é obra a ser empreendida pela elite.

Num esboço de programa de renovação, deve figurar em primeiro plano a organização de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde se agrupem os remanescentes da cultura, para uma preparação urgente e decidida de um verdadeiro estado-maior, que possa, por sua vez, aumentar e rejuvenescer os quadros do ensino secundário: este a nosso ver o passo inicial para que se forme gente capaz de enfrentar, com cabedal bastante, os grandes problemas amazônicos, dentro de

seu conjunto, para que não surjam as soluções isoladas e apressadas, dos eternos salvadores.

Há em Manaus um núcleo para a Faculdade de Filosofia, que é a Escola de Serviço Social, a mais avançada criação de André Araújo. Chamemos Félix Valois e façamo-lo consagrar-se à idéia: é um homem de capacidade para o empreendimento.

E cuidemos simultaneamente do professorado primário, melhorando-lhe a situação material, renovando os métodos, dando-lhe elementos com que realmente possa ensinar. Castro Barreto diz com justeza: "Educação não é alfabetização, não é puramente instrução, mas o preparo do indivíduo para a vida de seu tempo". Por que não prosseguiram os cursos de aperfeiçoamento da Sociedade Amazonense de Professores, iniciados na gestão de um moço esclarecido – Lúcio de Siqueira Cavalcanti –, iniciados em 1950? Simplesmente porque as verbas federais prometidas para custeio da estada dos professores do interior, em Manaus, não foram pagas!

A casa da escola é um problema que precisa ser atacado no interior: casa onde resida a professora, com um mínimo de conforto e segurança. Nos seringais e pequenos núcleos, é preciso tratar de adir a normalista (e só os titulados poderão ensinar realmente!) à família do seringalista ou do maioral da terra; que veleidade pensar em soltar mocinhas recém-formadas (e eu me penitencio de já a ter tido) para a hinterlândia, sem o apoio seguro, não de um homem, mas de uma família! E já se fez alguma coisa neste sentido? O assunto evidentemente interessa a todos, e o Estado sozinho não pode resolvê-lo: há que convocar aquilo que Valois Ferreira chamou com

muita propriedade, “um *putirum* de todas as forças sociais, sem visar o proveito além do da própria consciência”.

Para a renovação de nossa cultura e formação de uma elite que o seja realmente, faz-se mister também deslocar elementos para o Sul e para o estrangeiro, com o compromisso formal de voltarem, acabando com os bolsistas e comissionados que saem do Amazonas para se eternizarem em cursos que ninguém sabe e em estágios que são pura mistificação, cortando afinal a ligação deles com o Tesouro. E por que não custear o Estado o curso dos melhores estudantes amazonenses nas escolas do Sul, oferecendo-lhes, depois de formados, oportunidades de trabalho, sobretudo em certas profissões técnicas em que somos paupérrimos, como a engenharia, a agronomia, a veterinária e a química industrial?

Outra providência urgente e séria é a da realização obrigatória de concursos honestos para os cargos públicos e especialmente para o magistério secundário. Como admitir, em consciência, o que foi feito há tempos, com os famosos concursos de títulos para efetivação de catedráticos do Instituto de Educação? Sabemos também de fonte fidedigna que houve provas para ingresso no funcionalismo público em que os pontos a serem argüidos foram fornecidos com antecipação. Não vale numa democracia o regime imoralíssimo do “pistolão”.

Há um setor desse movimento por assim dizer revolucionário, em que a Academia Amazonense de Letras pode e deve dar o seu concurso valioso e insubstituível: a instituição de prêmios e torneios literários, que incentivarão de verdade o

aparecimento de trabalhos que estão por aí em potencial. Quando a Academia Brasileira fez o mesmo, Gilberto Amado escreveu que ela principiava a ter uma finalidade e a cumprir uma missão. No Silogeu alegar-se-á falta de recursos. Mas diremos: nada tinha a Academia, e o interventor Nelson de Mello, em 1934, deu-lhe um prédio e instalações, que o governador Leopoldo Neves restaurou, em 1950. Não há presente-mente saldo em caixa, mas qualquer governo do Estado alcançará a extensão da proposta. Igualmente os homens de recursos e de compreensão da terra poderão ser mobilizados: cremos que depende apenas da Academia dizer-lhes o de que precisa para instituir quatro prêmios: o prêmio de erudição, que deverá ter o nome glorioso de Adriano Jorge; o de poesia, que será batizado com uma legenda da heráldica planiciária: Raimundo Monteiro; o prêmio de ficção e história, que poderá ser chamado de Coriolano Durand, que foi dos nossos mais notáveis contistas; e o de amazonologia, para o qual, entre várias fulgurações, não encontramos outra maior, que o nome de Araújo Lima.

Neste insulamento em que nos encontramos, também é preciso que quebrems as distâncias, mandando embaixadas nossas (não há dinheiro para embaixadas de futebol, viajando em aviões especiais?) aos outros centros, principalmente aos centros da própria Amazônia, onde lastimável e criminosamente todos se desconhecem mais ou menos. Belém deixou de estar em contato com Manaus, desde que os aviões encurtaram a permanência ou suprimiram a escala pela capital guajarina. Iquitos, perto da fronteira brasileira, muito mais nossa

geograficamente que de Peru andino, mal tem notícia de nossa existência. Letícia precisa se verificar com a nossa influência cultural. Igualmente as cidades bolivianas do Baixo-plano. Cabe-nos, obrigatoriamente, o dever de representar o Brasil perante as nações amazônicas.

O intercâmbio tem, outrossim, de se estabelecer com a vinda dos irmãos do Sul, para nos trazerem a sua palavra e a notícia viva do que fazem, para discutirem conosco, para ensinarem e, se possível, aprenderem: precisamos de turistas, sim, que não sejam somente turistas em busca das sensações da paisagem amazônica. Precisamos de contato com inteligências adiantadas de outras terras, valendo ressaltar, a propósito, a significação que teve o último Congresso Eucarístico, em que tantas figuras de prol da Igreja nos trouxeram as suas luzes; e a visita de luzida missão da Escola Superior de Guerra, que veio sentir que não basta para o Brasil a posse física da Amazônia: urge recuperá-la para a economia e criá-la para a cultura brasileira!

Precisamos, enfim, de poetas, de muitos poetas na Amazônia, que eternizem no verso os anseios e os sentimentos do povo. Pedro Calmon os reclamou para a Bahia, e agora clamamos por eles, para que, mergulhados embora nas duras realidades e integrados nas mais adiantadas realizações, não percamos aqui o direito maravilhoso de sonhar. Sonhar, sim, que é a maneira melhor de ter o cérebro a ferver e o coração em festa! Poetas da Amazônia, deveis multiplicar-vos!

Ao encerrar esta tentativa de interpretação da cultura amazônica, devemos pensar que pesou sobre a planície uma grave ameaça: o seu desbrasileiramento, se vingasse o Instituto da Hiléia Amazônica. Neste terreno divergi formalmente da opinião de Gilberto Freyre e Arthur Cézar Ferreira Reis, porque a invasão da Amazônia por elementos de cultura mais adiantada, traria irrecorrivelmente a fagocitose da nossa cultura precária. Seriam devoradas as suas raízes, de maneira inexorável... E tudo nos cumpre fazer para defendê-la, e, defendendo-a, desenvolvê-la. Desta forma, superaremos as fases primárias de atividade que nos caracterizam presentemente, e de que o latifúndio, o extrativismo e a inferioridade social e econômica da população, são a mais tácita expressão. Uma grande vitória é o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

Quer queiram ou não os pregoeiros de Caim, o Brasil progride. Cabe entretanto ao Brasil o seriíssimo dever de não perder a bacia do maior rio da Terra, que representa quase metade de seu território. Tem ele, com certeza, um papel no mundo, sendo, como é, "a primeira grande experiência que faz na história moderna a espécie humana para criar um grande país independente, dirigindo-se por si mesmo, debaixo dos trópicos" (Gilberto Amado). Que esse papel não seja postergado ou comprometido pelos responsáveis pela gestão de nossa política exterior, inclusive permitindo a mais mínima interferência na nossa soberania territorial, através de concessões sibilinas ou de tratados em que nos arrancam a *parte do leão!*

O Brasil no mundo é a terra onde a fusão das raças se fez e se faz naturalmente, num processo de revitalização dos sangues, original e provadamente vantajoso; é o país que não admite a guerra de conquista; e que fixou na sua Lei Básica o princípio da igualdade inalienável.

Mas o mundo todo faz o contrário do que é consuetudinário na legislação e no espírito brasileiros: há repúdio de raças, há apetites imperialistas vorazes, há poderios que se colocam acima dos próprios governos ou que subjagam mentirosamente os governos e os povos, em nome da democracia. Sobretudo no mundo atual há choques de interesses inconfessáveis, crenças que fanatizam, intolerâncias absurdas, separações geográficas clamorosas, indicando o pavor mútuo dos antagonistas, que se encontram em zonas metalicamente delimitadas (vale a pena ler o livro muito sério e sugestivo de Osny Duarte Peneira – *Juízes Brasileiros Atrás da Cortina de Ferro*): uma zona é a Santa Aliança do Dólar (a expressão é de Fidelino de Figueiredo); outra a da Cortina de Ferro. Em uma e outra se cometem crimes contra a humanidade, pecados mortais e imperdoáveis contra a dignidade humana: crimes e pecados que também se cometem no Brasil, mas aqui podem ser atribuídos à nossa incultura e à nossa falta de maturidade e não a deformação de nossa mentalidade.

Em ambas as partes do mundo, porém, estamos convictos de que, no mais profundo da alma popular, a Paz e o Desenvolvimento são as maiores aspirações, – tal como está inscrito no coração e na bandeira do Brasil: Ordem e Progresso. Sentimos todos, que os meios diplomáticos sozinhos, a serviço de

grupos políticos inconciliáveis, não lograrão alcançar essa Paz ansiada.

E a verdade é que da banda de cá está o princípio de Liberdade; da banda de lá se acha o princípio da Justiça Social. E todos dois princípios são belos, justos e verdadeiros. Não é um absurdo teimar em não conciliá-los?

Falamos no Ocidente, muito, e cristãmente, em Paz. Seria importante um exame de consciência para sabermos até que ponto o “perdoamos aos nossos devedores”, da oração que se encontra em todas as bocas, traduz um estado de espírito sincero e decidido.

Porque é tempo de pensarmos, segundo as palavras serenas e oportunas de Osvaldo Aranha, que “a paz é indivisível”.

Estou convicto de que só há uma força, hoje, no mundo, capaz de sustentar os ideais supremos de Liberdade, de Justiça Social e de Paz: é a cultura!



Idéias gerais sobre a ecologia do homem amazônico*

Louvando o espírito empreendedor e corajoso da mocidade universitária brasileira, e numa homenagem de apreço àquele espírito e a esta mocidade, aqui me tendes, humilde e sincero, para debater em vossa semana de estudos, um assunto sugestivo em relação à Amazônia. Trago-vos algumas idéias gerais sobre a ecologia do homem regional, isto é, sobre as relações entre o homem amazônico e o meio ambiente.

A interação homem-meio é de longa data conhecida e discutida, sendo conceituada magistralmente nos primeiros capítulos do famoso livro de Araújo Lima, *Amazônia, a Terra e o Homem*.

É verdade que o homem influi sobre o meio, domina-o, dirige-o: isto porém

* Conferência pronunciada em agosto de 1961, no Teatro Amazonas, a convite dos estudantes que promoveram uma Semana de Estudos e Debates. Publicada na *Revista da Academia Amazonense de Letras*, n.º 11, maio de 1963.

quando quer, ou quando pode... Também é verdade que na Amazônia o homem tem influído negativamente sobre o meio, e nem sonhou de dominá-lo quanto mais de dirigi-lo.

Um dos fatos de maior relevância na evolução social da planície é o do povoamento. No princípio os habitantes eram indígenas: veio o conquistador com suas mazelas, sua ambição, suas doenças, sua violência, e populações inteiras ou foram dizimadas, ou abastardadas, entrando umas em processo de precário acultramento, enquanto outras foram a pouco e pouco desaparecendo. Nessas áreas indígenas, exceção feita a Santarém e Marajó, onde se recolhem amostras de uma cerâmica realmente artística, havia uma primitividade espantosa: enquanto a oeste viveram e progrediram os Incas, na planície não houve condições ecológicas para a formação de uma civilização, no verdadeiro sentido da palavra.

E nos trezentos e tantos anos de colonização por brancos e mestiços, ainda não se criou uma população numericamente suficiente para encher o proclamado vazio demográfico, merecendo destaque a atitude do governo luso, *in illo tempore*, de fomentar o povoamento, para garantir a posse e a exploração da Amazônia.

Os números dos recenseamentos aí estão, mostrando que se o crescimento da população amazônica está praticamente na mesma proporção do crescimento da população do Brasil, os números absolutos revelaram em 1960, 2.601.519 e 70.967.185, respectivamente, com uma densidade de 0,73 e 8,39 para a região Norte e o país todo.

Fatores ecológicos explicam esse marcapasso demográfico. Esses fatores são de 4 ordens: climáticos, topográficos, edáficos e bióticos, que tentaremos analisar de relance, sem nenhum espírito derrotista, apenas buscando indicações na ciência, para orientação das soluções, próximas ou remotas.

Sabe-se que a Amazônia, conquanto situada no Equador geográfico, não possui as mais altas temperaturas do planeta, porquanto o Equador térmico passa mais para o norte, na altura do mar das Caraíbas. Acontece porém que a constância da temperatura média, em torno de 30°, especialmente nas cidades, cria aquela depressão de espírito que todos nós vimos experimentando nestes dias de estiagem interminável... As variações entre as máximas e as mínimas não são grandes, a ponto de justificarem a aplicação na Amazônia ao velho conceito de que "a noite é o inverno do trópico". O que salva, paradoxalmente, é a chuva, que agrava, por outro lado, o problema da umidade, cuja elevação é responsável pela maior cota de desconforto ocasionado pelos fatores climáticos. Há que contar também a pressão atmosférica, cuja baixa a números entre 750 e 755 mm de mercúrio, dá a esquisita sensação de esmagamento que todos sentimos, por exemplo, na hora da aproximação dos temporais. Acrescente-se aos fatores climáticos o ensolejamento, que purifica o ar, porém cresta as plantas e desidrata, pela sudorese, os animais superiores, elevando a temperatura a quatro, cinco e mais graus quando sob a ação direta de seus raios.

Teríamos, para vencer ou minorar a ação de fatores tão decisivos, de modificar, para melhor, as condições ecológicas:

trabalhar em horários mais próximos do nascer do sol, quando os raios emitidos (ultravioletas) são particularmente de natureza química, ao contrário dos da segunda metade do dia, que são essencialmente caloríficos (infravermelhos). Teríamos então perfeitamente justificados dois horários de atividade: um no princípio da manhã, e outro no fim da tarde, completando o número de horas exigidas dos homens produtivos no mundo inteiro. Outra modificação imprescindível, imposta pelo meio, está no abrigo da família ou do grupo humano que trabalha, e no abrigo do próprio corpo humano: isto é, uma revolução se exige, na casa e no vestuário. Estudar a ventilação, o ensolejamento, a posição das janelas – eis um desafio aos arquitetos da Amazônia: transformar os hábitos do vestuário, eliminando peças inúteis, substituindo os tecidos das roupas, talvez até encurtando as calças e as mangas, como fazem os europeus nas colônias da África e da América Central – eis aí o que precisa ser feito, ou a exigir que alguém tenha coragem de fazê-lo... Já salientei de uma feita que o primeiro passo foi dado: em lugar dos fraques e sobrecasacas de casemira inglesa, de uso cotidiano no princípio do século, evoluímos para os blusões esportivos dos nossos dias.

Em suma, não poderemos, senão muito modestamente, alterar os fatores climáticos da Amazônia, instalando condicionadores de ar em recintos limitados. Para superá-los portanto teremos de adaptar-nos e com urgência.

O segundo grupo de fatores ecológicos diz respeito à topografia. E a Amazônia é a imensa planície – a maior do mundo, levemente ondulada, fundo de um velho mar interior

borrado a oeste pelos contrafortes andinos, e contido ao norte pelo Sistema Parima-Guiano e ao sul pelo Planalto Brasileiro. É essa situação topográfica que explica por que, sob a linha do Equador, em Quito, tremi de frio com 13° de temperatura, e em Macapá me afogueei com 26-28°... Disseram-me recentemente em Belém que do 15.º andar dos novos edifícios da capital paraense, para cima, não se vive mais em clima tropical. É evidente que ninguém poderia propor a residência da população a 50 m acima do nível do solo, mas situar os bairros residenciais nos lugares de maior altitude, utilizando a proteção de arvoredos, será uma indicação lógica e perfeitamente realizável.

Quanto aos fatores pedológicos, temos pela frente um dos mais discutidos assuntos dos trópicos: a pobreza dos solos, agravada pela lixiviação ocasionada pelos aguaceiros, conduzindo à erosão fatal.

Neste ponto é preciso falar com prudência: não bem conhecidos são ainda os perfis pedológicos da Amazônia. Assisti recentemente à abertura de vários, no baixo Amazonas, nas terras pretas de índio de Santarém, no diabásio de Monte Alegre e Alenquer, no latossolo vermelho de Macapá. As amostras colhidas foram distribuídas a 6 institutos do Brasil, para comparação dos resultados. Em Manaus estão se fazendo levantamentos na Reserva Ducke e na estrada que demanda Itacoatiara, convido acrescentar que não só o estudo físico-químico basta para caracterizar um solo: é preciso conhecer a sua dinâmica e esmiuçar os processos biológicos que nele têm lugar, conhecendo-lhe a flora e a fauna, garantidoras dos processos de transformação da matéria orgânica e da fixação do nitrogênio.

O grande mal porém tem sido o desmatamento a esmo, para utilização da terra em culturas pouco produtivas, como a da mandioca, que cedo exaurem, e em seguida às quais aparecem a capoeira e mais tarde a areia improdutiva, característica do terreno degredado.

Em princípio têm razão os que apregoam, como Felisberto Camargo, que a agricultura de subsistência de plantas de ciclo rápido, deve se cingir às várzeas, ficando as terras firmes para as culturas arbóreas, de essências florestais, de rendimento econômico certo, embora demorado, garantidor, porém da conservação do solo e da fixação do homem. Edison Carneiro assegura, e ninguém sabe até onde tem razão, que mais importante para a Amazônia é a silvicultura que a agricultura. E o certo é que pouco se conhece sobre as técnicas melhores de uma e outra...

Por conta dos fatores bióticos correm certamente as mais importantes causas impeditivas do bem-estar e da multiplicação do homem na Amazônia: alimentação escassa, doenças freqüentes, pragas infernais.

Vejamos o panorama alimentar, separando os dois aspectos das capitais e do interior.

Nas cidades temos concentrada uma população numerosa: 350.000 pessoas em Belém, 160.000 em Manaus – ou seja, a quarta parte dos habitantes dos Estados do Amazonas e Pará. A maioria dessa população é constituída de emigrados da hinterlândia, isto é, de gente que se deslocou em busca de melhores condições de trabalho, de regiões onde era produtiva, para se tornar consumidora nas capitais, onde o abastecimento

é insuficiente, e o poder aquisitivo é baixo. Então formou-se, e constantemente aumenta, em Belém e Manaus, uma massa enorme de marginais, à procura de empregos públicos, para os quais não está intelectualmente preparada, ou vivendo de pequenos negócios e de expedientes, já que o mercado de trabalho das duas capitais é por demais limitado: as famílias facilmente se desfazem, as mulheres se prostituem, as doenças se espalham, nas moradias improvisadas, sem higiene e sem conforto. E todos passam fome ou enganam o estômago.

Nas capitais escasseiam os alimentos protéicos: leite, ovos, carne e queijo; os mais comuns são o peixe e os feijões. Não temos soja, e não podemos comer a castanha-do-pará (que tem proteínas de alto valor biológico) por ser um produto de exportação de grande preço. Com o peixe cometemos dois erros, que raíam pelo crime: pesca-se com dinamite, arrasando os cardumes; e jogam-se fora, com a sobrecarga da aspersion com creolina, as sobras do mercado, nos dias de fartura...

No interior, a alimentação é mais fácil, em certas épocas, pela utilização dos recursos naturais, da caça, da pesca e das colheitas dos frutos do mato. Tudo isto implica porém em desvio de horas de atividade, e num verdadeiro jogo em que o fator sorte figura com destaque. A população está pagando por um erro consuetudinário: a dizimação dos quelônios na viração das praias, na coleta dos ovos e na captura das tartaruguinhas. O peixe-boi vem escasseando dia a dia. A caça, abatida não só para a alimentação, mas visando muitas vezes à pele, vendida a bom preço, também escasseia, diminuindo os

bens da natureza em favor do homem, isto é, desfazendo o equilíbrio ecológico, contra o último.

Por tudo isto o homem do interior precisa de um espaço muito grande para coletar os seus alimentos naturais. O isolamento, nas condições atuais, é uma contingência ecológica. E como nem sempre consegue o bastante para sua manutenção, recorre aos enlatados, que têm um largo consumo na alimentação do interior, com todas as suas inconveniências, começando nas avitaminoses ou hipovitaminoses, que se instalam sorrateiramente, no decurso dos anos, até os episódios agudos das intoxicações alimentares e das gastroenterites.

O sacrifício maior, na Amazônia, no entanto, é das crianças, que não dispõem de leite indispensável aos primeiros tempos de sua existência. O leite fresco, além de pouco, não resiste à proximidade dos grandes caudais, e é diluído a concentrações homeopáticas: continua sendo verdade que a doutrina de Hahnemann não se aplica à alimentação... O leite enlatado excede à capacidade aquisitiva da maioria da população. De sorte que resta o leite materno, que seria ideal, se as nutrizes fossem suficientemente alimentadas para secretá-lo, em quantidade e qualidade bastantes. Daí a alta mortalidade infantil, as doenças da primeira infância, os pré-escolares enfermiços – que deparamos a toda hora. Já vi no interior criança de 6 meses comendo peixe com pirão...

Junte-se a isto a doença, destacando-se as parasitárias. Conhecemos a Amazônia como o paraíso da malária. Graças à ação profilática do DDT, aspergido nos domicílios, assistimos à sua decadência, e mercê de uma política sanitária bem orien-

tada luta-se atualmente pela sua erradicação. Trata-se porém de uma doença tipicamente ligada ao meio. Lendo as memórias de Alexandre Rodrigues Ferreira, de fins do século 18, vamos encontrar descrições típicas de epidemias de malária, contrariando a tese de Goeldi, adotada por Araújo Lima, de que o anofelino tinha sido trazido à Amazônia com o navio a vapor. O anofelino, principalmente o famoso e famigerado *Anophelis darlingi*, de alta antropofilia, encontrou aqui o melhor ambiente possível: e vai espalhando, ainda hoje, perigosamente, os plasmódios malfazejos, que debilitam, anemizam e matam especialmente o homem do interior.

Leishmaniose, que também requer um hospedador intermediário para o parasito, é outra doença da hinterlândia: deforma, corrói, inferioriza o homem.

Enquanto a febre amarela citadina passou à história, a febre amarela silvestre, que tem nos macacos o seu reservatório, faz vez por outra sua aparição. E ao lado dela deparamos, em surtos freqüentes, a hepatite a vírus e a leptospirose ictero-hemorrágica.

Denominador comum das populações amazônicas, especialmente os interioranos, são os protozooses e helmintoses intestinais, destacando-se entre as primeiras a amebiana, e entre as segundas a ancilostomose: causas de muito sofrimento e concausas da debilitação geral. Todas doenças que a água tratada, as fossas sanitárias e o uso do calçado evitariam, isto é, doenças dos meios incivilizados.

Juntem-se ainda aos fatores bióticos, as pragas. Sobre tudo os mosquitos, que têm nas águas estagnadas ou de

pequena correnteza, e alguns até nas pequenas corredeiras, os seus criadouros por excelência. Nelson L. Cerqueira catalogou 218 espécies nas várias localidades da área amazônica. De dia, o homem é atacado pelos demoníacos piuns, pelos insuportáveis maroins e catuquis e pelas temíveis mutucas; à noite, pelas ondas envolventes de *mansonia*, pela agressividade dos *Anophelis* e *Culex*, todos de insuportável capacidade sonora, quando alcançam o ouvido. Além das doenças que alguns transmitem, são grandemente molestos pelas picadas e prurido subsequente (ferradura, no caso das mutucas) e por se insinuarem pelos ouvidos, olhos, narinas e boca.

Os ofídios também comparecem, como elementos perturbadores do sossego e da segurança do homem planiciário: talvez nem tanto como no Sul, e nem tantas vezes peçonhentos como se supõe. Sempre temíveis, porém, por serem sorrateiros, de capacidade de constrição da parte do corpo atingida, além da repugnância que despertam.

Aparentemente a terra é rica, dadivosa, e fértil. Essa riqueza, porém, é representada pela floresta, que o homem explora desordenada e febrilmente, abatendo os melhores exemplares de madeiras de lei, para serraria; o caucho, a maçaranduba, a balata e a ucuquirana, para coletar o leite; o pau-rosa, para apurar uma essência fixadora de perfumes; ou sangrando as árvores da borracha, para obtenção de um látex alvíssimo, que, segundo um grande escritor da Amazônia, se torna preto ao contato da ambição humana. Em verdade só a castanheira não é depredada: os seus frutos se colhem quando maduros e tombados ao chão, num puro trabalho de garim-

pagem suave. Todos esses produtos vegetais realmente criam riqueza, são dádivas da terra, ao lado dos da fauna terrestre e aquática, sobre cujo saque já falamos.

Daí porém a considerar a terra boa como se apregoa, vai muito. Essa floresta exuberante – a maior atualmente existente no planeta – é de uma incrível heterogeneidade, e trabalhá-la constitui uma empresa de Hércules ou de Sísifo. Sobretudo porque o labor se faz em condições primitivas, quase segundo as técnicas do índio.

A infração reiterada dos princípios ecológicos tem conduzido na Amazônia a uma série de fracassos, que rapidamente passaremos em revista:

- *Colonização americana em Santarém, após a Guerra da Secessão* – Os imigrantes sulinos, vindos para viver numa nova pátria, às margens de um Mississipi sul-americano, nada produziram, terminando acabocados os seus remanescentes.
- *Colonização nordestina da zona bragantina* – É uma experiência dolorosa, realizada numa das melhores regiões da Amazônia, pela fertilidade do solo e pela proximidade de Belém, mercado natural para toda produção agrícola. O desmatamento imoderado e as culturas mal conduzidas criaram uma extensa área de terras degredadas, onde os colonos introduziram uma grave doença parasitária: a esquistossomose, que assola o Nordeste brasileiro. Na Bragantina sucedeu, aliás, um fato de suma importância cientí-

fica: Sioli, com a sua percuciência de investigador, estudando as águas dos rios e igarapés da região, previu a possibilidade da irrupção de um foco da grave doença, por ter encontrado águas alcalinas e ricas em cálcio. Poucos anos depois foram encontrados os primeiros caramujos e um número apreciável de enfermos autóctones.

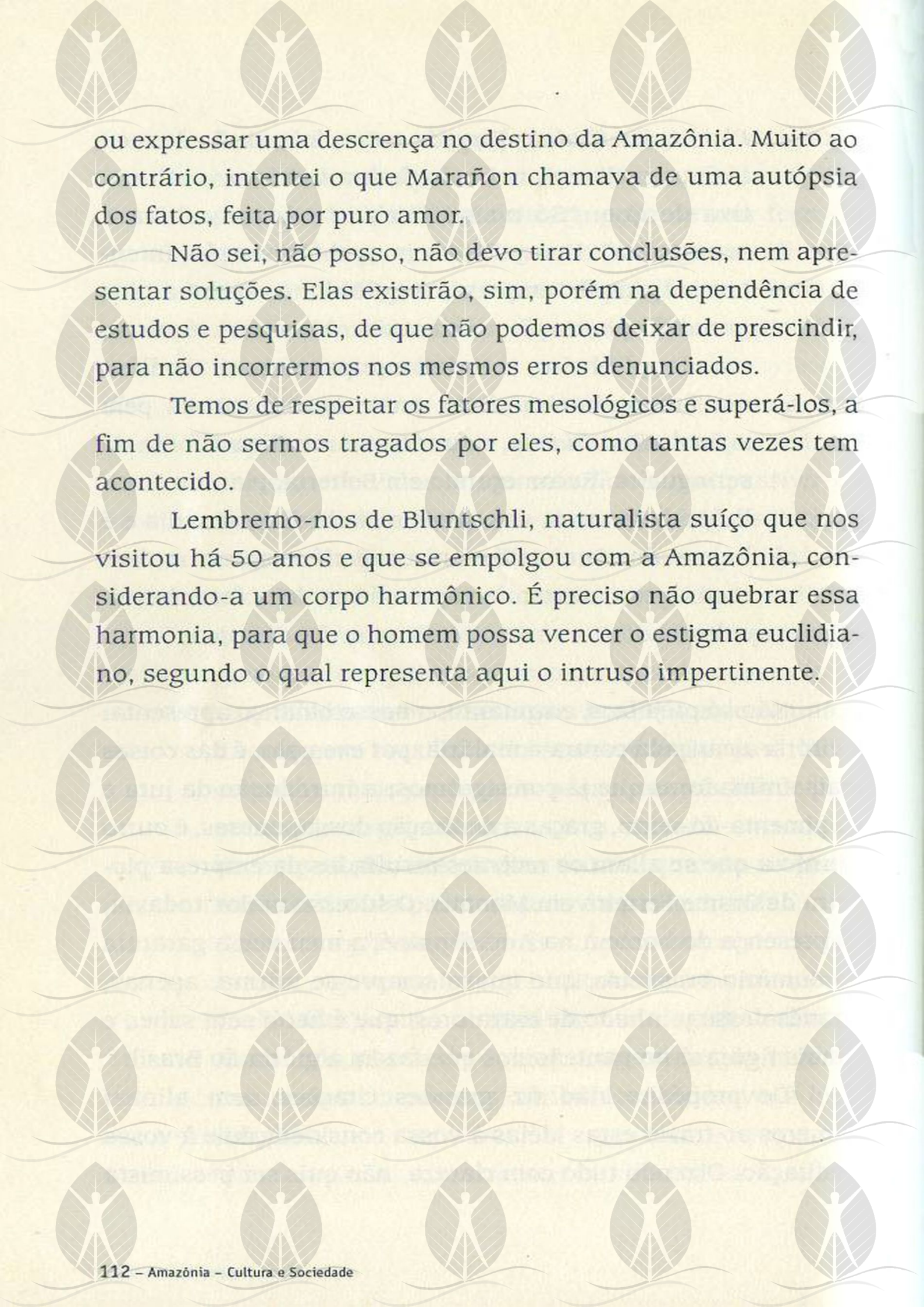
Estrada de Ferro Madeira-Mamoré – Inscrevo esta importante realização, que tão caro custou, em dinheiro, em vidas e em sacrifícios, no passivo da Amazônia. A ferrovia, que Manoel Rodrigues Ferreira crismou de ferrovia do diabo, não teve o sentido colonizador que se esperava, nem o sentido econômico que lhe fora atribuído. Nem a Bolívia teve produção gomífera ou gado bovino para exportar, através de suas linhas, nem os seringais brasileiros do Abunã, e da margem brasileira do Mamoré e Guaporé, tidos como dos mais produtivos, possuíram vitalidade para enfrentar a grande crise. E a estrada entrou em decomposição, até os dias atuais, quando se pensa em substituí-la por uma rodovia pavimentada.

Colônias agrícolas federais – Após uma série de fracassos, o governo federal instituiu uma no Amazonas (Bela Vista), outra no Pará (Monte Alegre) e outra no Maranhão (Barra do Corda). Estas têm sido também insucessos clamorosos, atribuídos, inclusive, à localização.

Plantações Ford do Tapajós – Cresci ouvindo de meu avô, um velho pioneiro do desbravamento, a afirmativa de que: “Só no seu *habitat* não se cultiva a seringueira”. Henry Ford seja qual for a razão, intentou a grande empresa, seguindo o sistema das grandes plantações orientais. Mandou técnicos, mandou dinheiro, mandou equipamento: e Fordlândia falhou inteiramente, entre outras causas pela ação da *Douthidella*, o fungo que inutiliza a folha da seringueira. Recomeçando em Belterra, plantou 3 milhões de árvores, das quais metade vingou sadia e é hoje o documento de uma experiência, em muitos casos, para atestar de como não se deve fazer heveicultura...

Não só prejuízos, entretanto, o nosso balanço apresenta: a vitória alcançada contra a malária, por exemplo, é das coisas mais animadoras que já conseguimos; a introdução da juta e da pimenta-do-reino, graças à dedicação dos japoneses, é outro triunfo a que se aliam os recentes resultados da empresa pioneira de Cosme Ferreira em Manaus. O sucesso maior, todavia, da presença do homem na Amazônia, é, a meu ver, a garantia do domínio brasileiro, que quase sempre se afirma, apenas, através desse punhado de extratores, que é herói sem saber, e jamais figurará no panteão dos que fazem a glória do Brasil.

De propósito não fiz grandes citações nem alinhei números ao trazer estas idéias à vossa consideração e à vossa meditação. Dizendo tudo com clareza, não quis ser pessimista



ou expressar uma descrença no destino da Amazônia. Muito ao contrário, intentei o que Marañon chamava de uma autópsia dos fatos, feita por puro amor.

Não sei, não posso, não devo tirar conclusões, nem apresentar soluções. Elas existirão, sim, porém na dependência de estudos e pesquisas, de que não podemos deixar de prescindir, para não incorrer nos mesmos erros denunciados.

Temos de respeitar os fatores mesológicos e superá-los, a fim de não sermos tragados por eles, como tantas vezes tem acontecido.

Lembremo-nos de Bluntschli, naturalista suíço que nos visitou há 50 anos e que se empolgou com a Amazônia, considerando-a um corpo harmônico. É preciso não quebrar essa harmonia, para que o homem possa vencer o estigma euclidiano, segundo o qual representa aqui o intruso impertinente.

Da habitabilidade da Amazônia*

Conceituação do problema

Atentando para o *mapa-múndi*, vemos que a Amazônia está quase toda localizada no hemisfério sul, onde as terras representam apenas 19% em relação aos mares, e na mesma situação geográfica do Gabão, Congo, Tanganica e Quênia, na África, e do arquipélago indonésio, na Ásia. Em números, temos o seguinte quadro comparativo:

* Trabalho apresentado no Fórum sobre a Amazônia, promovido no Rio de Janeiro, pela Casa do Estudante do Brasil, de 25-30 de setembro de 1963. Publicado pelo Inpa em 1965, na série Cadernos da Amazônia, n.º 4.

Superfície e população (relativa e absoluta) dos países da África e Ásia, localizados na mesma posição geográfica da região amazônica continental:

Região ou País	Superfície	População (1950-1956)	Densidade
Amazônia Continental	6.288.000	4.841.000	0,7
Gabão	167.000	403.000	2,4
Congo (ex-Belga)	2.400.000	12.811.000	5,3
Tanganica	939.000	8.456.000	9,0
Quênia	583.000	6.150.000	10,6
Indonésia	1.491.500	81.900.000	54,9

Fontes: 1. SPVEA – *Primeiro Plano Quinquenal*, 1955.

2. Jack Woodis – *África: as raízes da revolta* – ed. bras., Zahar, 1961.

3. *Geografia Universal* – Instituto Gallach – 2.ª ed., 1953.

4. Pe. Geraldo J. Pauwels – *Atlas Geográfico* – Melhoramentos, 22.ª ed., 1964.

Preferimos trazer à discussão, inicialmente, a Amazônia como um todo, que poderíamos chamar de Amazônia Continental, compreendendo a parte colombiana, peruana e boliviana, juntamente com a brasileira. Maior que todas as demais nações do lado sul do cinturão equatorial reunidas, a Amazônia é, dentre elas, a de menor número absoluto de habitantes (excetuado o Gabão, que é pouco maior que o Acre, possuindo porém mais de 3 vezes o seu total de pessoas). A comparação é mais surpreendente quando feita com a Indonésia, que abriga, nas suas 3.000 ilhas, um dos formigueiros humanos. No que diz respeito à densidade demográfica, então, ficamos grandemente distantes de todas as regiões da mesma situação geográfica, tendo menos de $\frac{1}{3}$ da população relativa do Gabão e 78 vezes menos que a da Indonésia.

Dentro da Amazônia Continental, é o Brasil que possui a área mais extensa (80,4%) sem ser porém a mais desabitada, tendo 64% da população total.

É verdade que a exploração da Amazônia começou há apenas três séculos e meio, com a dominação e a dizimação do elemento nativo, que não foi substituído por grandes massas de imigrantes, enquanto nas nações equatoriais da África e da Ásia os autóctones, datando de tempos imemoriais, são ainda uma maioria superior a 95%. Na Amazônia, a população indígena propriamente dita anda por umas 60.000 almas, atualmente, encontrando-se diluída nos "caboclos", que representam, na planície, a reafirmação da tradição brasileira da miscigenação, enquanto na África, negro continua a ser negro, e na pátria de Sukarno, ai de quem tiver sangue holandês.

De todos os países que se encontram na posição geográfica da Amazônia, o que mais se aproxima dela é a atual República do Congo, com suas florestas famosas e cortado por um rio caudaloso. A grande diferença porém é a altitude: na Amazônia, uma planície; no Congo, um planalto.

Na realidade, dentro da faixa de 23° 27' ao norte e ao sul da linha do Equador, poucas são as regiões adiantadas, todas situadas ou na América ou na Austrália e sempre nas vizinhanças dos paralelos de Câncer e Capricórnio; nenhuma na África e na Ásia.

Em suma, a parte equatorial americana é um vazio demográfico, enquanto as regiões correspondentes asiáticas e africanas são superpovoadas, e suas características comuns,

talvez extensivas às zonas tropicais, são a presença de uma população culturalmente atrasada e a vigência de uma economia tipicamente subdesenvolvida. Para Pierre Gourou,⁵ os habitantes das regiões tropicais “atingiram um desenvolvimento intelectual e político muito modesto”.

Que há, portanto, na ecologia do homem amazônico, em face da diluição deste, de que decorre não ter sido ainda a terra dominada, justificando, nesta altura do desbravamento da planície, a inquietadora pergunta: possui a hinterlândia amazônica satisfatórias condições de habitabilidade?

É isto que tentaremos responder neste trabalho preliminar, passando a apresentar dados e discutir fatos, tanto quanto possíveis concretos, que esteiem um raciocínio mais claro sobre o palpitante assunto.

Procuraremos trazer a debate resultados de trabalhos e estudos realizados na própria Amazônia, através de seus homens de ciência, quer isolados, quer, felizmente, nos últimos anos, atuando nos órgãos de pesquisa agora existentes.

Dados demográficos

Um dos fatos que mais impressionaram Pierre Gourou,⁶ analisando a geografia da planície, foi a baixa ocupação das suas terras, que apresentava (os raciocínios do famoso geógrafo foram feitos na base do Censo de 1940), em 90,6% da área, menos de 1 habitante por quilômetro quadrado e localizando-se nessa área imensa apenas 25,9% da população. Isto corrobora, para Gourou, o conceito de que “habitualmente, as

civilizações atrasadas acompanham-se de densidades fracas", o que, para nós, é verdade inconcussa, embora possamos contra-argumentar com o exemplo dos países africanos e asiáticos da zona do Equador, que têm densidade populacional alta e civilizações também atrasadas.

Queremos fixar-nos porém nos dados do gráfico 1 em que vemos a evolução dos números absolutos da população através dos recenseamentos e das unidades políticas.

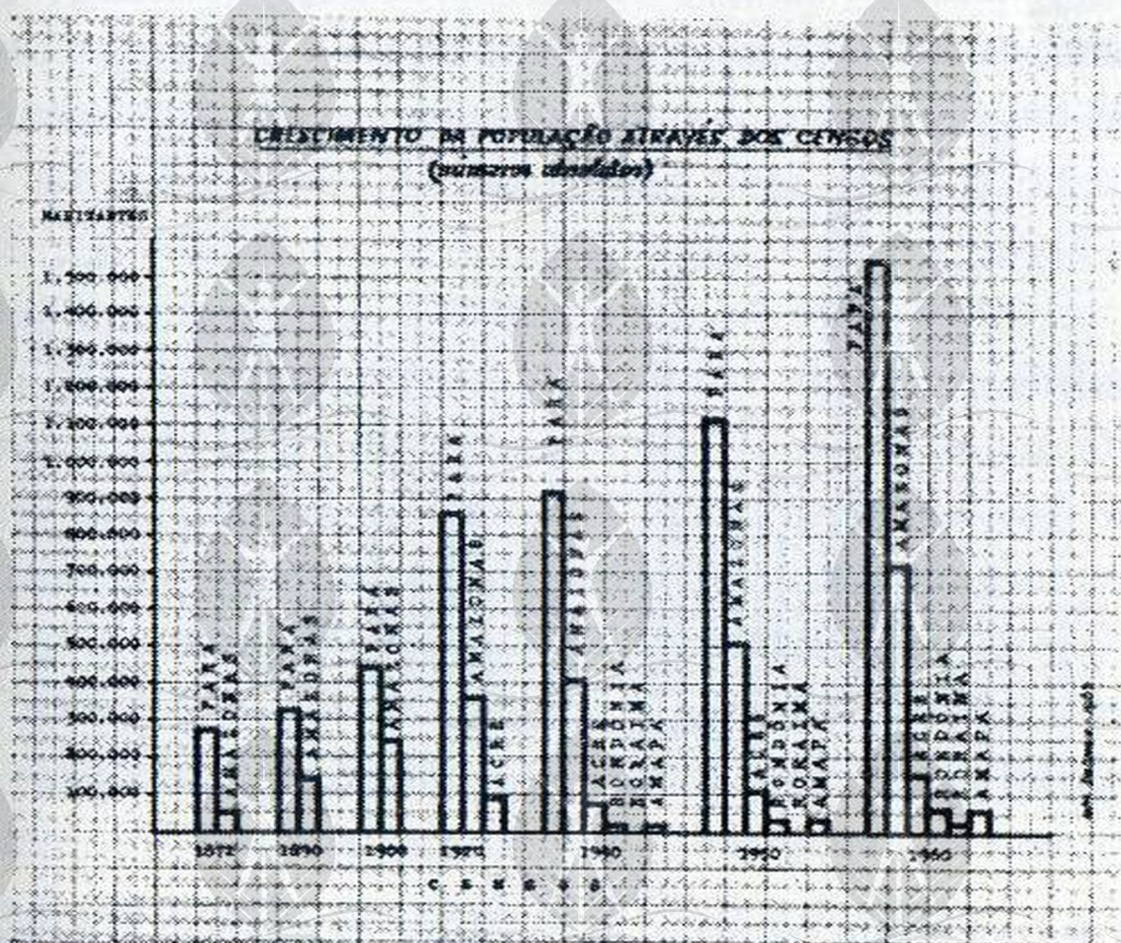


GRÁFICO 1
Crescimento da população da Amazônia (Estados e Territórios), em números absolutos, através dos 7 recenseamentos realizados no Brasil (de 1872 a 1960).

tributários mais distantes, no último quartel do século 19, e a redução impressionante dessa taxa de crescimento entre 1920 e 1940. De 1940 em diante assistimos a um revigoramento populacional. As colunas altas entre 1872 e 1920 se devem à imigração nordestina; as dos últimos 20 anos decorrem evidentemente do crescimento vegetativo da população.

No gráfico n.º 3, está assinalada comparativamente a evolução da população brasileira e da amazônica, mostrando uma certa correlação entre as duas curvas, exceto no período do *rush* gomífero, quando houve o pico relativo ao crescimento de 107%, e na fase de depressão, quando a percentagem caiu a 1,6. No último elemento das curvas, nota-se um paralelismo entre a evolução populacional do Brasil e da Amazônia, com ligeira vantagem para a última.

De todos estes dados, inferem-se algumas conclusões importantes: a 1.ª é a relação entre evolução econômica e demografia; depois se patenteia um crescimento vegetativo apreciável, que não se afasta, nos últimos decênios, do crescimento considerado explosivo da população brasileira. O que há, portanto, é a má distribuição da população, concentrada em parte em torno de São Luís, Belém e Manaus, e na ilha de Marajó, e a restante localizada nas margens dos rios, como bem expressa o sugestivo mapa do CNG (gráfico 4).

Tentaremos explicar a persistência do vazio demográfico da Amazônia, invocando algumas razões: não houve imigração sistematizada para a região, apenas a vinda de contingentes humanos derrotados pela seca do Nordeste ou impulsionados pela ambição; essa gente cultural e biológica-

mente atrasada, da qual temos pessoalmente a honra de **descender**, só pôde se afirmar através da seleção natural, ou de **uma assimilação** do *modus vivendi* do homem primitivo da **região**, que se mantinha graças à disseminação em pequenos **grupos sustentados** pelos bens naturais e pela agricultura itinerante.

Depois da imigração nordestina, só houve mesmo o contingente dos soldados da borracha, durante a Segunda Grande Guerra, constituído de pouco mais de 20.000 pessoas, que **melhor seria não** tivessem sido mobilizadas.

Dados raciais

Não contou muito, na formação da Amazônia, a **contribuição direta** do negro. O escravo, mesmo, foi o índio, que **cruzou porém** com o português, sob o estímulo de **recomendações do próprio rei**, e depois com os nordestinos, que eram **produtos da fusão** das três etnias de que se originou o mestiço **brasileiro**. E foi através especialmente do nordestino que se fez **a introdução do** sangue negro na planície.

Por exemplo, a siclização das hemácias, que é fenômeno **exclusivo da etnia** negróide, observada em cerca de 9% dos **mulatos e negros** do Brasil, tem sido constatada na Amazônia **por Luiz Montenegro**,⁷ que assinalou em Codajás, na **população em geral**, 4,9% de positivos em caboclos e 3% em **descendentes de nordestinos**.

Mais sugestivo ainda é o que encontraram P. C. **Junqueira**, F. Ottensooser, L. Montenegro *et al*,⁸ estudando grupos

sangüíneos em pacientes de Codajás, Manaus, Pernambuco e Bahia: Bahia apresentou maior componente de pretos. Pernambuco o de brancos e as duas séries amazonenses de índios, mais pronunciados ainda em Manaus (frequência de 40,5) que em Codajás (frequência de 27,4). Quanto aos pretos, usando uma fórmula estabelecida por Ottensooser para o cálculo da mistura racial dupla, a percentagem foi a seguinte: em Codajás 51,3; Manaus 35,8; Pernambuco 17,3; Bahia 60,3.

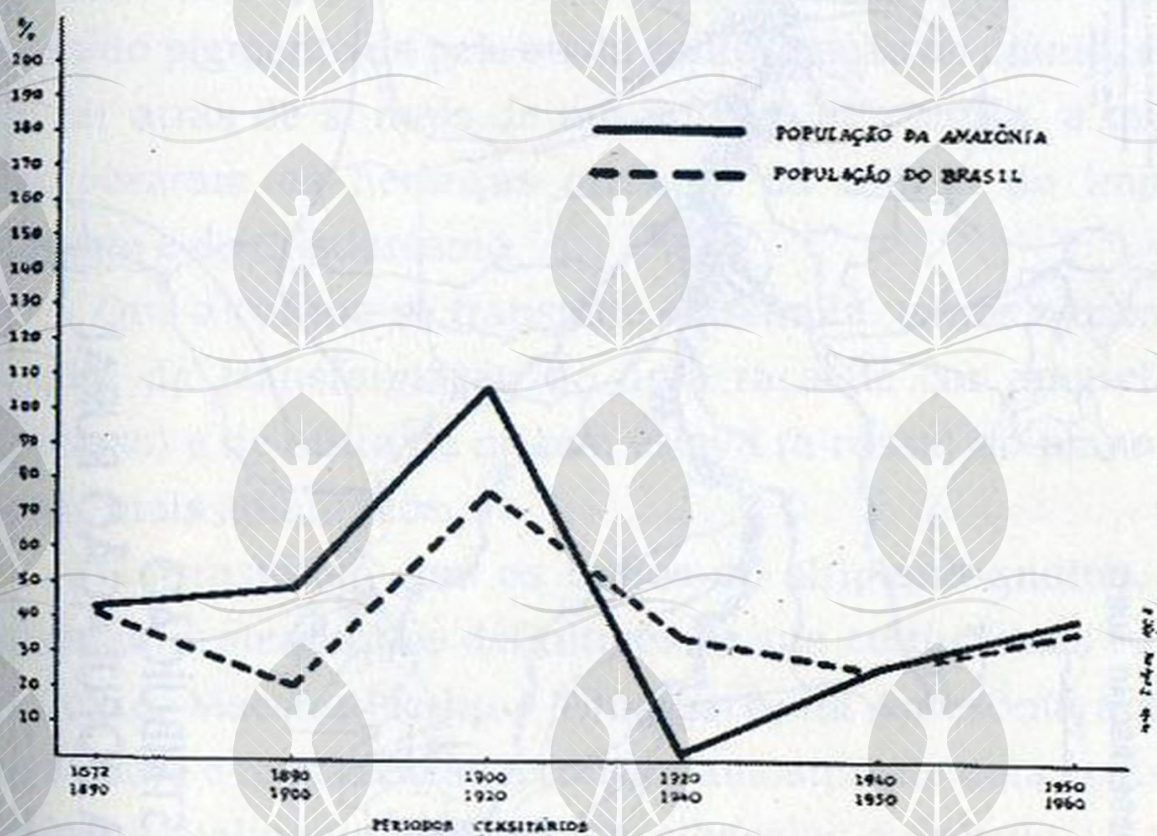


GRÁFICO 3
Evolução comparativa da população do Brasil e da Amazônia de um recenseamento para o outro (1872 a 1960).

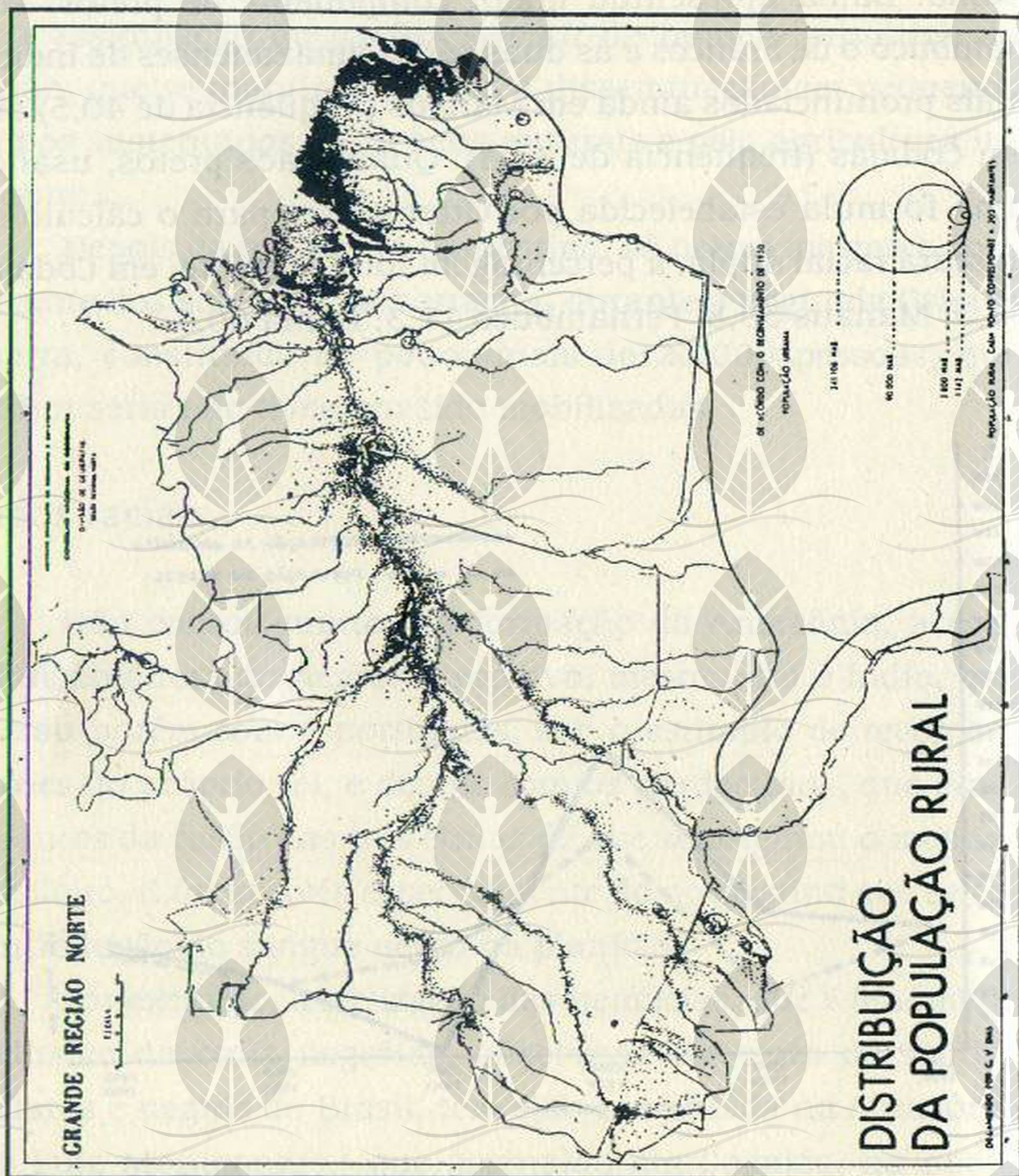


GRÁFICO 4
 Distribuição da população da Amazônia (Grande Região Norte) baseada no recenseamento de 1950 (Publicado pelo Conselho Nacional de Geografia).

Portanto, embora predominando o sangue índio, na população da Amazônia, podem ser considerados presentes elementos das três etnias (caucasóide, mongolóide e negróide) da mesma forma que na população brasileira, em geral.

E será isto um mal? Decorrerá daí o atraso da Amazônia e a dificuldade de dominá-la, pela fixação do homem?

Excluindo a concepção da superioridade das raças, que já levou a superdesenvolvida Alemanha a perder duas guerras, é preciso convir que há uma superioridade cultural das raças. O branco da Europa e da América do Norte é civilizado não por causa do pigmento da pele ou da conformação do crânio, e sim por ter atrás de si mais de um milênio de cultura, a que se incorporaram as heranças oriental, da Grécia, do Império Romano e do Cristianismo.

Que a cultura se transmite e assimila, temos o exemplo recente da transformação de uma raça de cor amarela (a japonesa) e de outra de origem eslava (a russa) ao plano dos povos mais adiantados.

Contrastando com os índios do altiplano andino, que deixaram testemunhos definitivos de sua cultura, nas ruínas de Cuzco, Macchu-Picchu e Tihuanaco, na Amazônia apenas em Marajó e Santarém se recolhem amostras de uma cerâmica indígena realmente artística. Os silvícolas do século 17, e os que ainda hoje se encontram com características tribais, pertenciam e pertencem à Idade da Pedra Polida, isto é, são um pouco mais novos apenas, culturalmente, que os homens que primeiro apareceram sobre a Terra.

Dados fisiológicos

Haverá, sob a pressão dos fatores ambientais, alguma modificação na fisiologia do homem amazônico, que contribua para o atraso no povoamento?

Os estudos de Álvaro Ozório de Almeida,⁹ sobre a baixa do metabolismo basal do homem do trópico, levantaram uma grande controvérsia científica, vigorante ainda em nossos dias. Partindo desse princípio e da observação freqüente na Amazônia de taxas de hemoglobina abaixo das 15 g consideradas normais, em pessoas sem maiores alterações de saúde, o grupo médico do Inpa formulou uma hipótese de trabalho: se há menos hemoglobina no sangue é porque menos oxigênio precisa ser carregado aos tecidos, para as combustões orgânicas, que as influências climáticas reduziriam; daí o metabolismo basal ser de menos de 1.600 calorias, tudo isso justificando a proposição de regimes alimentares de menor conteúdo calórico para as pessoas da Amazônia. A hipótese foi trabalhada por vários elementos do grupo.

Samuel Aguiar¹⁰ minudeou o assunto do metabolismo, fazendo uma série de 119 determinações, sob o mais rigoroso controle, achando um desvio de - 6% e - 2,4% para os homens, e - 5% e - 8,1% para as mulheres, em relação aos padrões de Boothby e DuBois, respectivamente, números considerados normais, dentro da variação de 10% para menos e para mais, em relação aos habitantes dos países temperados. Foi encontrada uma média de 38,9 cal. m²/hora, para os homens, e 34,4 para as mulheres. Estes achados não confirmaram, portanto,

as experiências de Álvaro Ozório, no Rio de Janeiro, repetidas por Josué de Castro, no Recife.

Luiz Montenegro *et al*,¹¹ de outro lado, estudaram, em militares da Polícia do Estado do Amazonas, as relações entre o quadro vermelho do sangue e a presença de vermes intestinais (especialmente os Ancilostomídeos), verificando que só se obtinham melhorias significativas das taxas de hemoglobina e de glóbulos vermelhos, quando se administrava um vermífugo antes da medicação ferruginosa. Este resultado contradiz outro antigo princípio, estabelecido por Walter Oswaldo Cruz,¹² de que não há necessidade de eliminação de helmintos intestinais se a pessoa parasitada recebe medicação ou alimentação com uma cota suficiente de ferro. Esta pesquisa acaba de ser confirmada, na região peruana de Iquitos, por Bradfield e colaboradores,¹³ que só obtiveram aumentos significativos das taxas de hemoglobina e do hematócrito, associando o anti-helmínico ao ferro: nem mesmo o elemento-traço e suplementos vitamínicos tiveram efeito positivo. O grande e surpreendente achado de Montenegro,¹⁴ porém, foi de que, tomando o sangue de indivíduos de alto nível econômico e vivendo dentro de condições satisfatórias de higiene, inclusive alimentar, a hemoglobinometria se apresentava sempre próxima dos 15 g dos padrões clássicos (14,96 g para os homens e 13,83 para as mulheres).

Ruiu dessa maneira a hipótese de trabalho estabelecida, fecunda nos ensinamentos que puderam ser tirados para a fisiologia do homem amazônico, que não tem diferença da do homem de outras latitudes.

Dados nosológicos

Uma série de doenças de massa, umas endêmicas, como a malária e as disenterias; outras epidêmicas, como a varíola, a febre amarela e ultimamente a hepatite infecciosa; outras crônicas, de longo ciclo, como a lepra; e ainda outras carenciais, como o beribéri, têm constituído realmente um sério entrave à adaptação do homem ao meio amazônico. Deste são fundamentalmente dependentes os transmissores invertebrados de algumas doenças.

De todas elas, porém, a malária tem sido a mais grave. Araújo Lima,¹⁵ apoiado em Goeldi, sustentou que o navio a vapor foi introdutor dos Anofelíneos na região, permitindo o seu transporte em viagens rápidas, a partir de Belém. Numa das memórias inéditas de Alexandre Rodrigues Ferreira,¹⁶ porém, encontramos a descrição de febres intermitentes ou "sezões e maleitas", claramente palustres, no rio Madeira, há cerca de dois séculos nas quais se descrevem todos os sintomas dos acessos e preconizando a quina que é o melhor febrífugo. Daí parecer-nos razoável a conjectura de que a malária já existia entre os índios, antes do descobrimento, sendo um forte argumento favorável, invocado por Gourou, o conhecimento da casca de quina, como remédio curativo, pelos nativos do Peru.

Realmente só há na Amazônia um vetor por excelência da malária, que é o *Anopheles darlingi*, embora na zona da foz do Amazonas se ajunte a ele o *Anopheles aquasalis*. Dezenas de outros Anofelíneos têm sido assinalados, potencialmente

transmissores, porém sem significação epidemiológica até agora comprovada. O *darlingi* se desenvolve em coleções de água ensolaradas e correntes, ao contrário de outros mosquitos, que querem sombra e água parada. Sua maior proliferação é que explica a manutenção da endemia e os surtos epidêmicos vez por outra verificados, como o de 1911, na antiga cidade de São Felipe, hoje Eirunepé, no rio Juruá, ao fim do qual “não se conheciam pessoas nascidas no lugar”;¹⁷ e o de 1940/41, na região de Maués, cujo saldo foi uma alta mortalidade. Assistimos, porém, depois da experiência vitoriosa do Sesp em Breves, um como que ocaso do impaludismo, graças à ação antianofelínica do DDT e à ação antiplasmódica da cloroquina e dos novos medicamentos específicos. Apesar da impossibilidade de atingir todas as moradias da hinterlândia, e de borrifá-las, quando atingidas, pela inexistência de paredes onde se aplique o milagroso inseticida, apesar disto, a malária decaiu espetacularmente.

O grande significado da malária porém não é a alta letalidade, e sim o depauperamento e a anemia que ocasiona, justificando plenamente o conceito de João de Barros Barreto,¹⁸ de que “um malárico é, via de regra, enquanto lhe dura a doença crônica, um homem a valer apenas metade do que era”.

Correndo parêlas com a malária, nas capitais, havia uma outra terrível causa de morte: a tuberculose, que não só invalidava, como matava impiedosamente. O advento de drogas curativas eficientes (estreptomocina, hidrazida e ácido paramino-salicílico) deteve a mortalidade da peste branca, que um programa intensivo de luta direta e indireta poderá con-

seguir fazer com que bata em retirada (Batista;¹⁹ Miranda²⁰). Realmente a tuberculose não pode ser considerada como doença ligada ao meio: depende mais de condições epidemiológicas e econômico-sociais.

As doenças diarréicas e disentéricas, rotuladas de gastroenterites, intoxicações alimentares, infecções intestinais, disenterias, etc., estão relacionadas em parte, com educação sanitária e condições econômicas da população, e de outra parte, com as condições de saneamento da localidade e do ambiente doméstico. Sempre foram uma terrível causa de morte, tanto nas capitais como no interior. O Sesp as tem estudado cuidadosamente, cumprindo citar os trabalhos de pesquisa de Raynero Maroja e Wilma Dean Lowery,²¹ realizados em Santarém, onde foram isolados, em 320 casos de diarreia aguda, 153 (48%) causadas por *Shigellas* e 24 (8%) por *Salmonellas*.

Para mostrar a evolução da mortalidade por malária, tuberculose e doenças diarréicas e disentéricas em Manaus e Belém, apresentamos, de um trabalho que o bioestatístico Benedito Bezerra²² está organizando no Inpa, sobre dados vitais da Amazônia, de 1940 a 1959, os gráficos 5 e 6, em que se vê que os coeficientes de mortalidade de malária e tuberculose caíram fortemente; em Belém a partir de 1945, e em Manaus a partir de 1947, a tuberculose deixou de matar tanto, coincidindo o fato com a introdução de estreptomicina na terapêutica; o início da queda da mortalidade por malária começou em 1946, nas duas capitais, contemporaneamente ao início da dedetização. Já o mesmo fato animador não se cons-

tatou com as diarréias e disenterias, que continuam, tanto em Manaus como em Belém, com coeficientes altos, entre 200 e 300 por 100.000 habitantes, com dois grandes picos nas curvas, o de 1953, em Manaus (ano da grande enchente) e o de 1955 em Belém (invasão da cidade por ondas de moscas).

Consideremos agora dados relativos à malária e doenças diarréicas e disentéricas, no interior, no período de 1940 a 1949. Quanto à malária, no gráfico n.º 7, referente ao Estado do Pará, vemos que a percentagem de óbitos sobre a mortalidade geral era alta em 1940 nas regiões oeste e norte, tendo baixado acentuadamente na região norte (em que se incluem dados do atual Território do Amapá, e provavelmente mercê das providências de ordem sanitária tomadas pelo governo que lá se instalou); na região oeste houve um surto importante em 1944 (ano anterior do DDT). Na região leste (em que se situa Belém), a curva mostra desde o início do decênio uma inclinação oblíqua para baixo, direção em que se encontravam, em 1949, as curvas das 4 regiões (infelizmente não foi possível completar os cálculos e incluir no gráfico os dados do decênio seguinte, que estão sendo trabalhados). No Estado do Amazonas (gráfico n.º 8), na região leste (onde se situa o município de Maués, teatro de uma exacerbação epidêmica já assinalada), tivemos a malária matando tanto quanto todas as outras doenças, em 1940 e 1941. De 1945 em diante a percentagem da mesma região caiu ao nível das demais, que mostraram na tendência da curva de inflexão para baixo o benefício trazido pela aplicação do DDT.

COEFICIENTES DE MORTALIDADE POR MALÁRIA, TUBERCULOSE
E DOENÇAS DIARRÉICAS E DISENTERIAS, EM BELÉM.

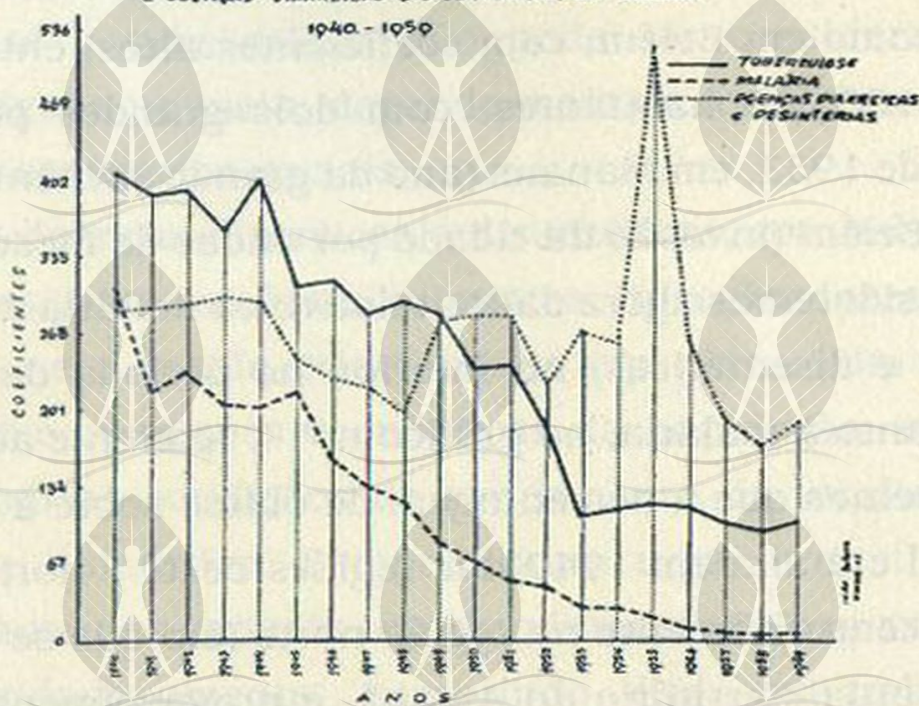


GRÁFICO 5

Coeficientes de mortalidade por malária, tuberculose e doenças diarréicas e disenterias, em Belém (1940-1959).

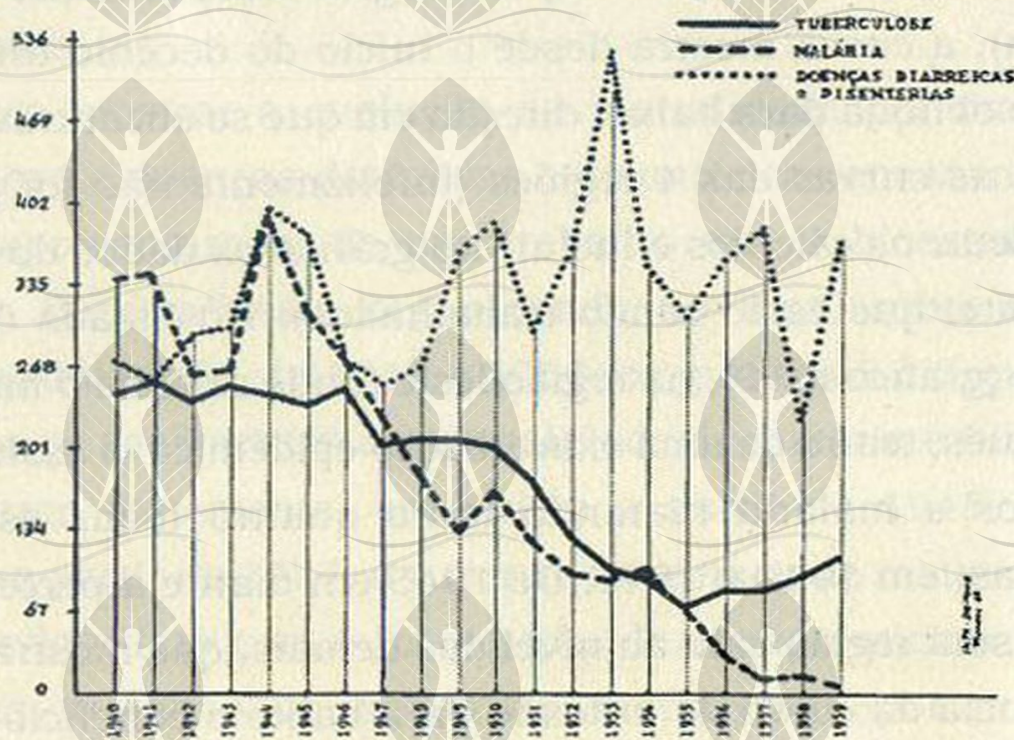


GRÁFICO 6

Coeficientes de mortalidade por malária, tuberculose e doenças diarréicas e disenterias, em Manaus (1940-1959).

Quanto à mortalidade por diarreias e disenterias, no Pará (gráfico n.º 9), continuou alta na região leste (que compreende Belém), tendo apresentado exacerbações nas regiões oeste e norte, nos anos de 1944, 1945 e 1946. No Amazonas (gráfico n.º 10), vemos que a região norte (que engloba Manaus) paga alto tributo, logo seguida pelas regiões leste e oeste, parecendo a região sul a mais poupada.

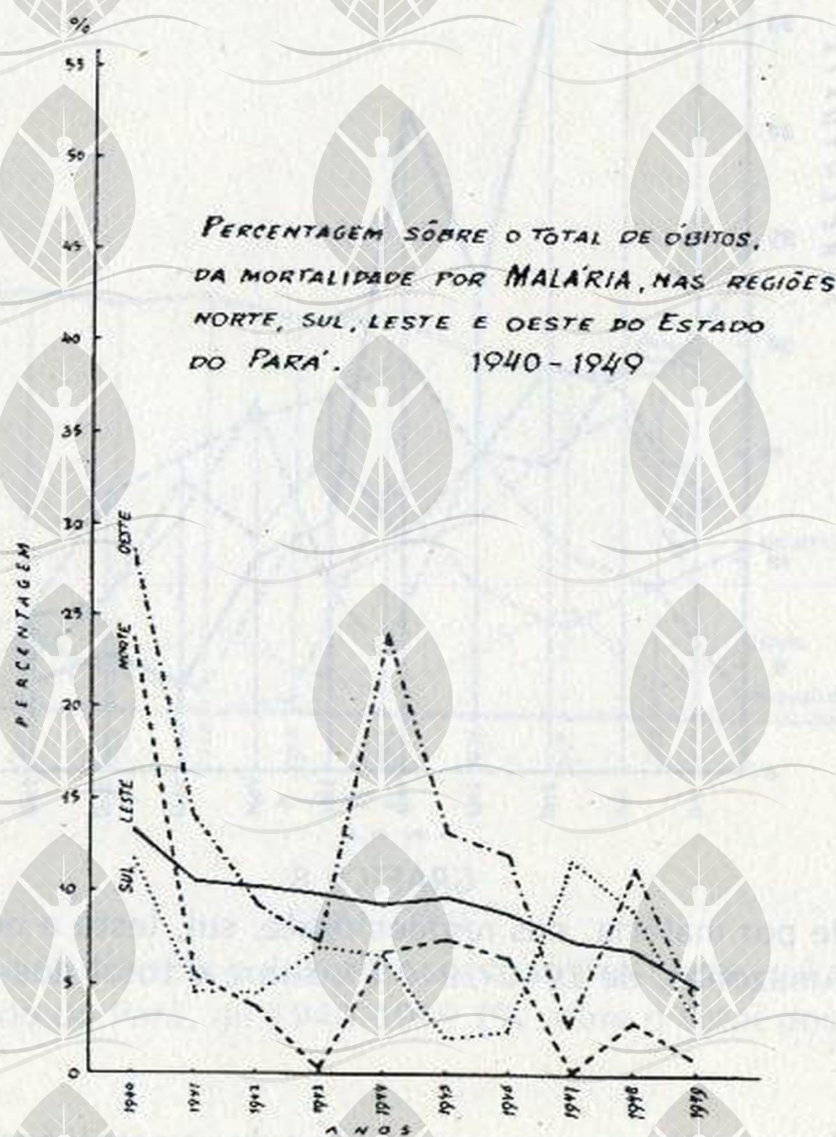


GRÁFICO 7

Mortalidade por malária, nas regiões norte, sul, leste e oeste do Estado do Pará, de 1940-1949 (% sobre o total de óbitos).

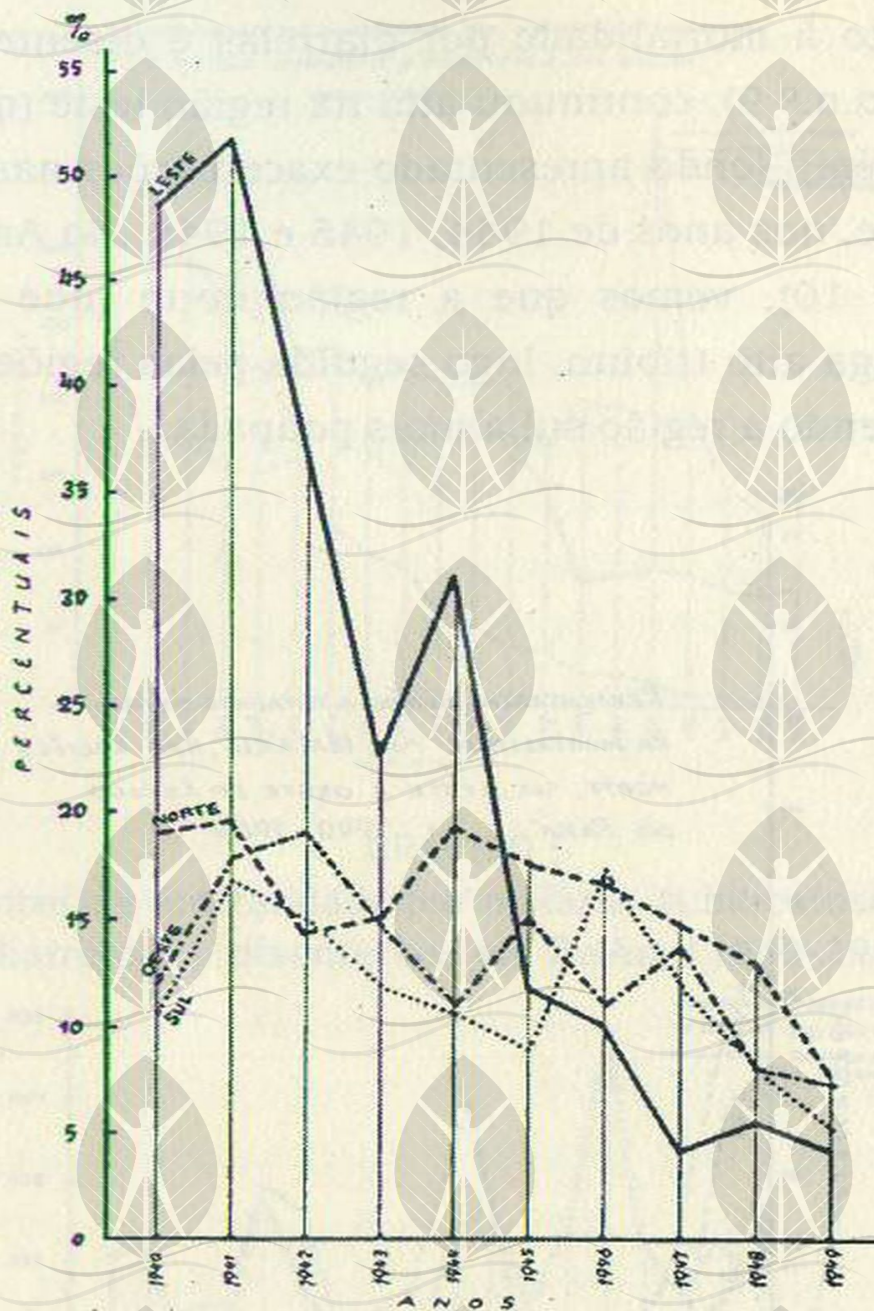


GRÁFICO 8

Mortalidade por malária, nas regiões norte, sul, leste e oeste do Estado do Amazonas, de 1940-1949 (% sobre o total dos óbitos).

Releva salientar que os dados de mortalidade no interior são sempre precários, servindo apenas de ilustração, sem grande valor estatístico, por estarem, na maioria das vezes, fora do controle médico.

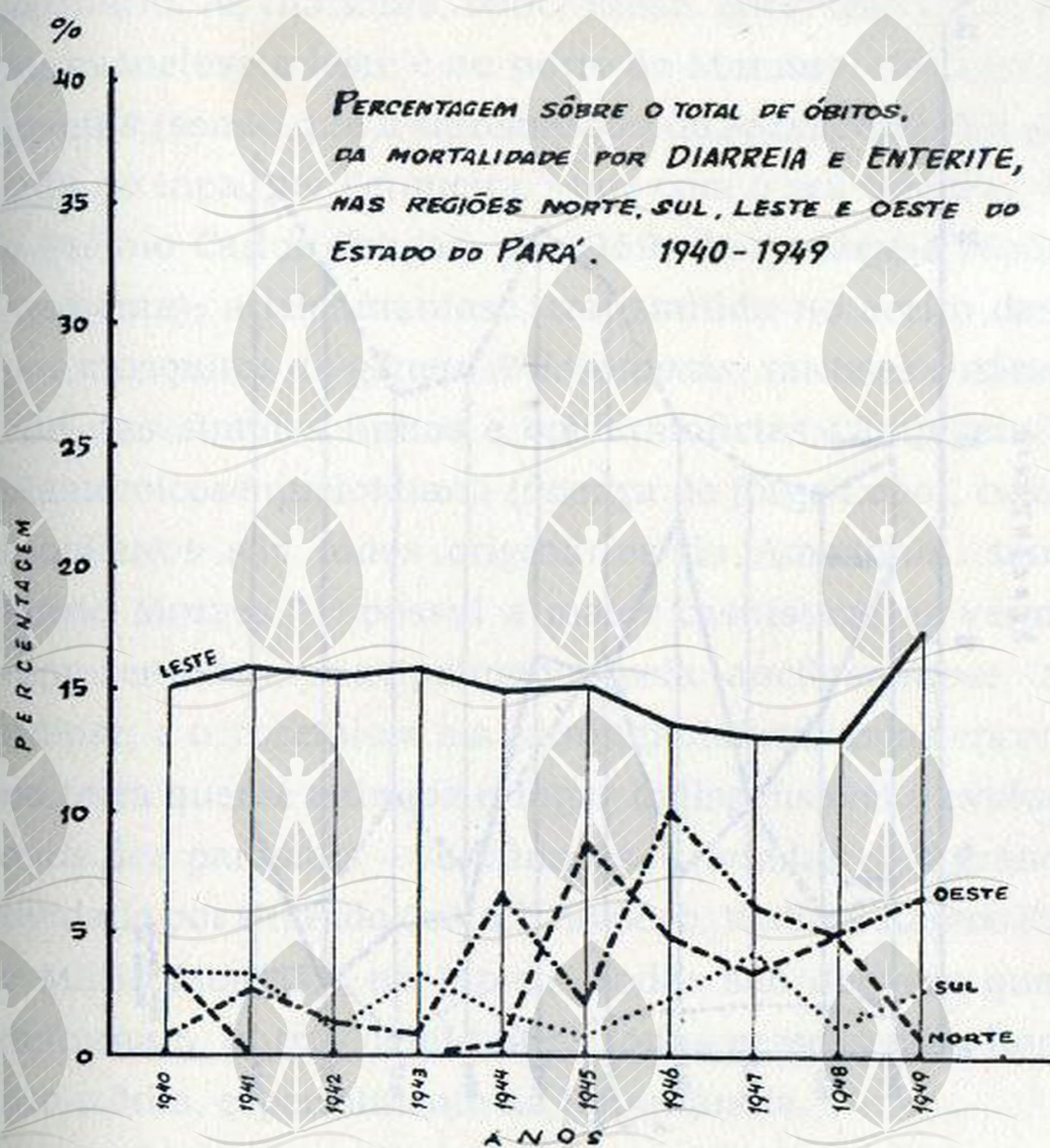


GRÁFICO 9

Mortalidade por diarreia e enterites nas regiões norte, sul, leste e oeste do Estado do Pará, de 1940-1949 (% sobre o total dos óbices).

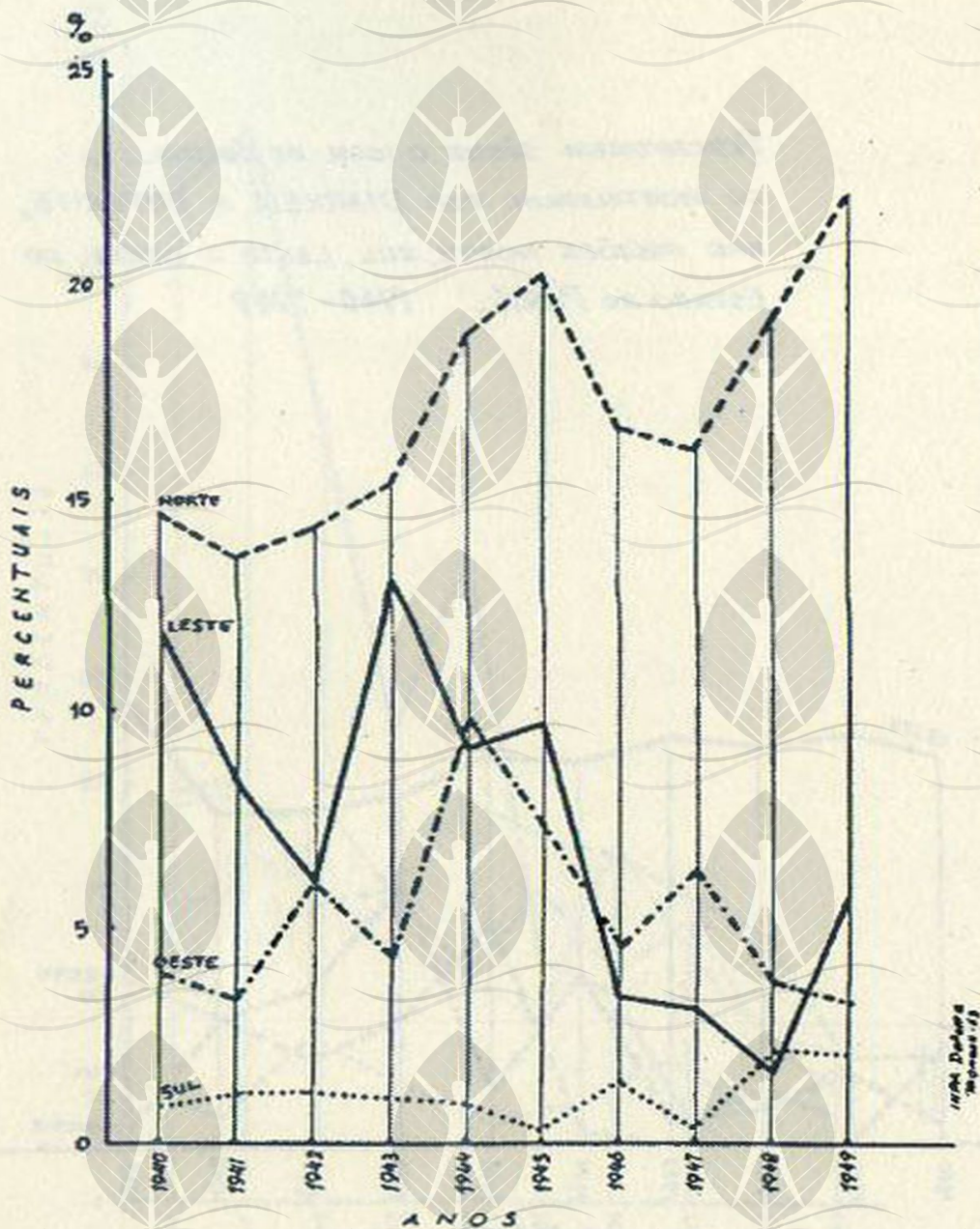


GRÁFICO 10

Mortalidade por disenteria e outras doenças diarréicas nas regiões norte, sul, leste e oeste do Estado do Amazonas, de 1940-1949 (% sobre o total dos óbitos).

Além dessas, outras doenças há, na Amazônia, das consideradas de massa, que se ligam diretamente ao meio; embora não mortíferas, são importantes, do ponto de vista médico-

sanitário. As filarioses, bancroftose, entre Manaus e Belém, e mansonelose a leste e ao norte de Manaus, transmitidas por insetos (sendo que a transmissão da *Mansonella* foi estabelecida no Inpa, por Cerqueira,²⁵ que com o seu trabalho mereceu o Prêmio Carlos Chagas, de 1959, da Academia Nacional de Medicina); a leishmaniose, transmitida no aceiro das matas por mosquitos do gênero *Phlebotomus*; micoses cutâneas, que vão das simples tinhas e epidermofícias (“impigens”) até a blastomicose queloidiana (doença de Jorge Lobo), cujos casos brasileiros são todos originários da Amazônia, sendo que Mário Moraes,²⁴⁻²⁵ possui a maior casuística; as verminoses, representadas principalmente pela ancilostomose, a ascarirose, a tricocefalose e a estrogiloidíase, todas encontrando na terra quente e úmida o lugar indispensável à evolução dos ovos dos parasitas – verminoses estudadas com grande objetividade por Orlando Costa,²⁶ no Sesp, Wallace Ramos Oliveira²⁷ e Mário Moraes,²⁸ no Inpa: – todas são doenças que, umas deformam, outras debilitam, e todas perseguem o homem da Amazônia, especialmente na hinterlândia.

Já pertencem à história as grandes epidemias, como a de varíola, que em meados de 1700 matou 40.000 pessoas, quando os habitantes não seriam muitos múltiplos deste número; ou como as de febre amarela, de meados do século passado e princípios deste; a primeira assistida por Bates em Belém, e todas estudadas na capital paraense, com percuciência, por Arthur Viana.²⁹

Se está erradicada das capitais a febre amarela transmitida pelo *Aedes aegypti* (o famoso mosquito rajado que

Oswaldo Cruz e mais tarde Clementino Fraga derrotaram no Brasil), anda a febre amarela silvestre, transmitida por *Hae-magogus*, vez por outra faz a sua aparição. E ao lado dela, outras viroses, como a hepatite infecciosa, têm surtos sazonais em toda a planície. Neste terreno, entretanto, é preciso assinalar que a Amazônia tem se revelado um celeiro inesgotável de novos vírus, isolados de animais silvestres por Ottis R. Causey,⁵⁰ no Instituto Evandro Chagas, em colaboração com a Fundação Rockefeller. O Dr. Causey, que sempre contou com a dedicada colaboração da Dra. Causey, está agora mesmo saindo para a África, depois de cerca de 25 anos de Brasil, merecendo o casal uma referência especial, de reconhecimento e admiração, que muito nos apraz fazer neste momento. Ainda não se sabe até que ponto as arboviroses que estão sendo reveladas se refletem sobre a patologia humana: o certo é que o homem faz parte do conjunto ecológico de que resultam as infecções e doenças comuns a vários animais; é certo também, que todos nós, médicos da Amazônia, deparamos com freqüência quadros infecciosos cuja causa não conseguimos descobrir.

Influindo no bem-estar da população, temos ainda de mencionar os mosquitos em geral, que infernizam a vida, uns de dia, como os Simulídeos ("piuns"), a maioria de noite, rotulados englobadamente de "carapanãs", e que são dos gêneros *Culex*, *Mansonia* e *Anopheles*. Cerqueira,⁵¹ renomado entomologista, estudou a sua distribuição geográfica na Amazônia, assinalando 218 espécies.

Há uma legião de pragas prejudiciais às lavouras. Citaremos apenas as formigas, de que o prof. William Brown, da Uni-

versidade de Cornell, acaba de recolher, em Belém e Manaus, acima de 450 espécies diferentes.

Dados climatológicos

A definição do clima da Amazônia dentro do sistema de Koeppen, com a caracterização de sub-regiões, foi apresentada em excelente mapa do Conselho Nacional de Geografia.³²

Não pudemos reunir os dados climatológicos de todas essas sub-regiões: considerando, porém que Manaus é o centro geográfico da Amazônia, e que por isto reúne as condições ecológicas regionais (levando por isto o botânico Adolf Ducke a indicar a capital amazonense para sede do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica, que não vingou, e semente do atual Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), tivemos oportunidade de consultar um surpreendente gráfico resumindo os dados climatológicos da capital amazonense, de 1902 a 1960, organizado pelo pe. Bruno Herzberg,³³ salesiano, chefe da Estação Meteorológica. Releva indagar se tais dados obedeceram a um único critério de observações e anotações, e se o instrumental utilizado foi devidamente aferido.

Verificamos que 1906 foi o ano de menor precipitação pluviométrica, enquanto 1959 foi o de maior, ultrapassando 2.500 mm.

O ensolejamento só foi registrado a partir de 1955, tendo sido maior no ano de 1957, quando atingiu a 2.500 horas.

Vemos que a temperatura máxima apresentou números mais altos no princípio do século, até 1909, quando também

maiores foram a evaporação (que alcançou até 1.500 mm) e a umidade por cento. A temperatura mínima absoluta, no longo período observado, andou sempre entre 22 e 25°, sendo a temperatura média uma linha com poucos desvios da horizontal. Atentando nas indicações sobre temperatura, umidade e evaporação, tem-se a impressão de uma discreta diminuição da intensidade desses fatores, no correr dos anos, o que contrasta com a impressão geral de que as condições climáticas de Manaus se agravaram ultimamente, o que poderá ser levado à conta do desmatamento grande e da pavimentação com asfalto das ruas e estradas.

A direção média do vento foi predominante, até 1928, no sentido leste-oeste, desviando-se para sudeste-noroeste, durante 10 anos seguidos, passando depois a nordeste-sudoeste, com raras exceções, até 1959; até 1921 a velocidade média do vento foi de 3 a 4 m/seg, menos em 1904 e 1905; depois foi diminuindo, em muitos anos não alcançando nem 1 m/seg.

Até 1922 a nebulosidade média foi menor que nos anos seguintes, notando-se nos anos posteriores a 1954 um fechamento do ângulo que representa a limpeza do céu.

Cartogramas como o de Manaus, organizado pelo padre Bruno Herzberg, estão fazendo falta para toda a planície, como orientação para a agricultura, a pecuária e todos os estudos de ecologia.

Os dados de Manaus caracterizam o clima Amw'i.

É preciso porém salientar que o Equador geográfico não corresponde ao Equador térmico, que passa bem ao norte, nas

alturas do Mar das Antilhas, onde as temperaturas elevadas são amenizadas pelas brisas marinhas. Considerar também que a altitude da região, em relação ao nível do mar, é surpreendentemente baixa: 6 m em Belém, 26 em Manaus e 65 em Tabatinga. Em Quito, bem em cima da linha do Equador, trememos de frio, mas a 2.600 m de altitude.

Aceitemos portanto a realidade: o regime térmico da Amazônia é equatorial, e conquanto as afirmações de que o clima da região é "caluniado" (o mais recente a defender este ponto de vista foi o sanitarista Celso Caldas³⁴), não podemos fugir à verdade de que as temperaturas elevadas e constantes, sem as variações tonificadoras das estações dos climas temperados, acompanhadas de alta umidade relativa, ensolejamento impiedoso, às vezes baixa da pressão atmosférica e ventos de pouca velocidade, levam o organismo à fadiga precoce, especialmente ao exercer um trabalho sob o sol, ensejando a perda de litros de suor, com que se eliminam também grandes cotas de cloreto de sódio, que é o estimulador químico das glândulas supra-renais.

Teríamos, para vencer ou minorar a ação dos fatores climáticos, de racionalizar certos hábitos: trabalhar em horários mais próximos do nascer do sol, quando os raios emitidos (ultravioletas) são particularmente de natureza química, ao contrário dos da segunda metade do dia, que são essencialmente caloríficos (infravermelhos), obedecendo à trégua tradicional da sesta no meio do dia. A casa e o vestuário precisam se modificar urgentemente, abrigando, a família e o corpo, sem dificultar a aeração, etc.

Alimentação e ecologia

Ainda não se fez um grande inquérito alimentar na Amazônia, para determinar o que realmente come a população nem o potencial de alimentos. Os estudos esparsos até agora realizados mostram, como M. B. Lira³⁵ teve oportunidade de relatar, em material recolhido em Codajás, pelo Inpa, uma terrível monotonia de dietas basicamente constituídas de peixe fresco, farinha de mandioca, bananas, pão e banha, entrando como alimentos secundários peixe salgado, leite em pó, arroz e laranja, e como alimentos periféricos ovos, refresco de açaí, óleos comestíveis e frutas diversas. Assinalando também o baixo poder aquisitivo da população. Não havendo consumo, senão esporádico, de carne e ovos, o ingesta de ferro é diminuto, explicando, pela associação com as verminoses espoliadoras, a baixa do teor de hemoglobina sanguínea a que já nos referimos. Carência em cálcio talvez exista, também não deve ser grande, entretanto, se considerarmos que o sol, ativando o ergosterol da pele, que é a pró-vitamina D, promove o aproveitamento das quantidades ingeridas, por mínimas que sejam. As cáries dentárias, largamente espalhadas, talvez traduzam uma pobreza em flúor das águas da região.

Tomando amostras de sangue da população de Codajás, Lira³⁶ verificou ainda que apenas em 6,5% havia baixa das proteínas de soro, o que estava de acordo com a observação clínica, que não assinalou casos de carências protéicas manifestas.

No trabalho de Souza Contente,³⁷ que examinou amostras de crianças dos bairros periféricos de Manaus, a deficiência nutritiva mais assinalada foi provavelmente a de riboflovina. Os sintomas que poderiam ser incriminados de etiologia carencial foram: cáries dentárias, palidez dos tegumentos e mucosa visíveis, língua fissurada e gengivites.

Os rebanhos bovinos da Amazônia, localizados em Marajó, no baixo Amazonas, nos campos do Território de Roraima e no Acre, não bastam para o fornecimento de carne e leite à população. São rebanhos atacados por epizotias frequentes e alguns, como os dos campos do Rio Branco, decadentes por carências minerais e fatores genéticos. Um grande passo para a melhoria da situação foi dado pelo Instituto Agrônomo do Norte, ao tempo da direção de Felisberto Camargo, trazendo búfalos para a Estação de Maicuru e um importante plantel de gado Nelore para o local das antigas plantações de Fordlândia.

Estamos convictos de que as crianças são as grandes sacrificadas, por não disporem de leite para a sua alimentação nos primeiros anos de vida. Na verdade, do leite de nutrizas insuficientemente alimentadas, saem as crianças diretamente para as rações pobres e deficientes dos adultos.

Já se tentou calcular a área da Amazônia cultivada com gêneros alimentícios: lembro o trabalho de Dante Costa,³⁸ apresentado ao 1.º Congresso Médico da Amazônia em 1939, calculando que, naqueles idos, havia 2,70 ares cultivados por habitante, o que representava menos 40 vezes a média então considerada necessária. É impossível entretanto calcular a pro-

dução local de alimentos, por fugir a mesma ao controle da estatística, uma vez que é, em parte, isenta de impostos, e por outro lado de origem peridomiciliar. Sabemos, porém, que a agricultura predominante é da mandioca, cuja farinha é fundamento dos cardápios; muito fraca é a produção de feijão, milho e arroz, sendo que o cereal americano não faz parte dos hábitos alimentares, da mesma forma que os legumes e as verduras. As frutas mais plantadas e consumidas são realmente as bananas; também são largamente consumidas as frutas do mato (cada uma na sua estação), especialmente de palmeiras, a cuja conta creditamos a complementação das dietas (buriti, açaí, bacaba, pupunha, tucumã, pajurá, sorva e tantas outras).

Tais frutas e o peixe, que é a grande fonte de proteínas, estão sujeitos, porém, à época e muitas vezes ao acaso. Daí cada pessoa precisar, atualmente, de uma área muito larga para a coleta de alimentos naturais. Ainda a mencionar que os rios de água preta, pela pobreza de seu plâncton, são de baixa piscosidade, o que explica porque o rio Negro, por exemplo, é dos rios mais despovoados.

Creemos que era e é devido a essa necessidade de uma grande extensão de terras e águas para alimentar cada pessoa, que as comunidades indígenas do passado e do presente raramente atingem 200 componentes.

Creemos também que aí está uma das razões que não se concentraram as populações amazônicas, com o aumento, senão em determinadas áreas, da densidade demográfica.

Há um contraste entre a fartura de outros tempos a que se referiam os cronistas e naturalistas, em seus relatos de

viagem (a exemplo de Wallace³⁹) e a atualidade amazônica. Até certo ponto isto se explica: tem havido uma destruição sistemática de valiosos alimentos, como o peixe-boi, hoje uma raridade; as tartarugas, que ainda agora, quando já escasseiam, não têm ao menos respeitados os seus ovos, depois de depositados nas praias; com os peixes não tem sido melhor o tratamento, pescados que são além das possibilidades de aproveitamento, criminosamente, na época da desova, e por cima de tudo, com a explosão de dinamite; a caça aos animais silvestres, que também sempre foram bons participantes das refeições da população, tem dizimado os bandos, algumas vezes só para o aproveitamento dos couros, vendidos a alto preço.

Inexiste portanto na Amazônia uma base alimentar para a exígua população atual, que tem de comprar em larga escala gêneros de importação para se manter; para comprar esses gêneros precisaria ter rendimentos muito altos, o que de maneira alguma ocorre. Mas a fome obriga a uma importação extensa de conservas de carne e peixe, chegadas muitas vezes deterioradas, e fonte de intoxicações alimentares temíveis. É certo que a melhoria dos processos industriais já não permite que isto aconteça com tanta freqüência como nos tempos passados. O homem do interior esqueceu o método indígena do *moquém* e não assimilou completa e satisfatoriamente a técnica da salga, da dessecação e da transformação em farinha do pescado (esta é uma tradição nativa).

Por outro lado, o clima quente e úmido apressa o amadurecimento dos frutos e a deterioração dos alimentos pro-

téicos, cujo consumo portanto tem de se fazer num prazo muito mais curto que nos lugares frios. Não existe, para a grande massa da população, especialmente a do interior, a possibilidade de conservar alimentos refrigerados alargando o seu período de utilização.

Uma esperança, embora modesta, no horizonte, acaba de surgir no Inpa, onde Nelson Maravalhas,⁴⁰ partindo do princípio de que não é possível modificar, de chofre, os hábitos alimentares de um povo, idealizou e conseguiu praticamente a tradicional farinha de mandioca, adicionando-lhe farinha de soja: obteve um produto magnífico, sem aparente modificação de cheiro e de gosto, contendo apreciáveis proteínas de alto valor biológico. Resta agora introduzir a soja na região e convencer o povo, especialmente os fabricantes de farinha, de que é vantajoso adotar o processo Maravalhas. Temos notícia de que esse enriquecimento também foi tentado no Rio de Janeiro, utilizando as próprias folhas da mandioca, o que seria ideal, do ponto de vista econômico, se o produto obtido pudesse ser aceito de bom grado.

Formação econômico-social

Arthur Cézar Ferreira Reis⁴¹ caracterizou 5 sociedades formadas na Amazônia, não isoladas, às vezes até entrelaçadas, todas dependentes dos gêneros de vida e em função do meio: extrativista, pesqueira, agrícola, pastoril e mineiradora, nas quais não se incluem os habitantes de Manaus e Belém (exceto, dizemos nós, os pescadores).

Essas atividades, que todas já se tinham iniciado, com os elementos locais, sob a direção dos governadores portugueses e dos padres missionários, antes da avalanche nordestina, têm definido a posição histórica do homem da Amazônia, dentro do processo da economia colonial. No princípio só se queria da Amazônia, como em geral de todas as terras descobertas, aquém e além-mar, a famosa especiaria, com que os europeus do século 16 começaram a requintar o paladar de sua alimentação; a agricultura e o criatório incipientes, que se seguiram às primeiras pilhagens do ciclo da droga do sertão, foram cedo superadas com o advento da era da borracha silvestre, que está agonizante, com pouco mais de um século de erros clamorosos; e ainda agora, quando a economia regional se revigora de maneira surpreendente, o homem está plantando juta e pimenta-do-reino, garimpando ouro e cassiterita, minerando manganês, isto é, produzindo bens que não trouxeram desenvolvimento permanente às regiões de onde provêm, mantendo a Amazônia na chave da economia colonial. A não ser a juta, nenhum desses produtos entrou a ser industrializado na própria região. É uma esperança o surto de progresso, devido a ela, em Parintins e Itacoatiara, como é uma surpresa e um modelo o padrão de vida dos que trabalham na concessão da Icomi, no Amapá.

Cabe repetir Araújo Lima,¹⁵ cujos conceitos esclarecidos são de surpreendente oportunidade, quando situa com precisão o homem que enfrentou a região: "...só, escoteiro, sem guia; sem saúde nem cultura; sem defesa nem proteção; sem preparo nem prévio trabalho adaptativo..."

O fator educação conta muito pouco na formação social da Amazônia: tem sido uma pobre alfabetização. Não se ensina a trabalhar a floresta e o rio e a evitar as doenças, nem a respeitar as dádivas da natureza e a bem aproveitá-las.

Portanto, material humano primitivo, a serviço de interesses de fora da região e falta do aprimoramento a que a educação conduz. E o resultado é o que vemos: sociedades em estágio primário de evolução, à procura de um destino social e econômico.

Lições da experiência

Em resumo, podemos dizer: o meio tem agido desvantajosamente sobre o homem, porém este tem sido um depredador constante do ambiente, em vez de dominá-lo, valendo-se apenas dele, especialmente de algumas facilidades por ele proporcionadas: as correntes de água (para transporte), as várzeas férteis (para as plantações), os troncos de árvores e as palhas para a construção das casas, etc.

O extrativismo e a agricultura itinerante das queimadas têm sido um mal permanente, retratando porém um aspecto da cultura da população. Para a antropóloga Betty J. Meggers⁴² o exemplo da bacia amazônica confirma a doutrina do determinismo mesológico: "Até agora, não foi encontrada melhor solução que a da população indígena, especificamente, derruba, queimada e cultivo itinerante".

Nossa impressão pessoal, de longos anos de meditação no assunto, como descendente de pioneiros, é de que o extra-

tivismo trouxe realmente para a Amazônia um único bem, que foi a posse da terra: onde não foi nem poderia ir o soldado, estão o seringueiro, o madeireiro e os outros coletores de essências. Isto ainda traduz um outro aspecto da ecologia: a terra, para ser possuída, teve de separar o homem, de pulverizar a sociedade.

Não podemos nem devemos permitir a repetição de erros como o do povoamento, nem que se reproduza o desastre da colonização da zona bragantina, onde, por cima de tudo, instalou-se, a esquistossomose, que tem em Quatipuru um foco de relativa importância, levado o parasito com certeza pelos nordestinos, tendo lá encontrado, graças às condições geológicas da Formação Pirabas, o caramujo hospedador intermediário do verme.

Na época atual, quando só a borracha resultante da heveicultura poderá sobreviver, não vemos outra solução que a da divisão da terra e da concentração das populações, não em *plantations*, porém em médias propriedades de produção mista. A experiência vitoriosa de Cosme Ferreira, nas cercanias de Manaus, continuando o espírito pioneiro de José Cláudio de Mesquita, está indicando esta solução.

A recomendação de Felisberto Camargo,⁴⁵ de utilização das várzeas para as culturas de ciclo rápido, deixando a terra firme para os vegetais de longo ciclo, parece-nos de grande alcance prático.

A experiência exige também que não tenham descontinuidade os programas de saúde pública: aquela vitória sobre a malária, que tivemos oportunidade de mostrar, está ou esteve

ameaçada de se perder, por causa da suspensão da dedetização, aí por 1958, quando começaram os preparativos para a campanha do sal cloroquinado (método Pinotti). O processo técnico da mistura do sal não foi satisfatório e as infrações se amiudaram, logo seguidos da suspensão da experiência. E o resultado é que vemos: a malária está fazendo uma *rentrée* ameaçadora, e o que é pior, com formas clínicas cloroquinorresistentes. É oportuno lembrar que a aplicação do sal cloroquinado foi de apreciável sucesso na Guiana Britânica, como relataram Giglioli e Rutten,⁴⁴ no recente Congresso Internacional de Medicina Tropical, tendo sido constatados, em 26 meses de campanha, somente 2 casos de infecção por *P. vivax*.

A grande lição da experiência, porém, é a construção e o desenvolvimento das cidades de Belém e Manaus, que se tornaram centros de civilização e de progresso, embora, no papel de agentes centrípetos, realizem como que uma sucção da riqueza criada no interior, donde estão a absorver, também nos últimos 20 anos, grandes contingentes da população. Não esquecer, ainda, a observação de Vianna Moog⁴⁵ sobre Manaus: "é a menos amazonense das cidades amazônicas"...

Caminhos a percorrer

Fala-se muito em riquezas da Amazônia, mas tudo que delas se conhece é quase nada, diante das incógnitas que ainda estão pela nossa frente. Donde se conclui que a primeira providência deverá ser a intensificação de pesquisas, de caráter pragmático, que inventariem os recursos da floresta, subsolo e águas, visando

ao seu melhor aproveitamento e à sua revalorização (exemplo dos óleos vegetais, guaraná, reservas ictiológicas, minérios, etc.) Entidades portanto como o Instituto Agrônomo do Norte, o Instituto Evandro Chagas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e Museu Goeldi precisam de todo apoio, incentivo e colaboração para multiplicarem as suas atividades.

Um roteiro urgente a seguir, dentro do campo das pesquisas, é intensificar estudos antropossociais das comunidades típicas, de modo a recolher, enquanto é tempo, como já o fez Charles Wagley¹⁸ na região das Ilhas do Pará, a experiência acumulada através de gerações, da qual não poderemos prescindir, para abrir novos caminhos ao homem.

O ensino exige uma reforma radical nos métodos e currículos, de modo a se tornar ligado a terra (e os artesanatos que começam em Manaus, ao lado da escola primária, representam uma louvável experiência a ser seguida e multiplicada). O período escolar não pode coincidir com a época das colheitas, porque os alunos todos os anos abandonam as classes para ajudar a família, que muitas vezes se transporta de um lugar para outro, a fim de não perder a oportunidade de cortar e macerar a juta, de coletar castanhas, de fazer as fari-nhadas, etc.

Há que coordenar e intensificar o trabalho das instituições atuantes no campo de saúde pública: DNERu, Campanha de Erradicação da Malária, Sesp e Governos Estaduais.

Continuamos a aceitar a idéia do primeiro planejamento da SPVEA, de estabelecer empreendimentos piloto, em áreas selecionadas (não as 28 do 1.º Plano Quinquenal), onde se ten-

tasse uma aglutinação de populações, sob a assistência de técnicos em extensão rural que orientassem a introdução de métodos renovadores, como da heveicultura, visando à formação de comunidades produtivas e estáveis, a servirem de exemplo e modelo para o processo de nucleamento progressivo de populações. Parece-nos ser este ainda o caminho seguro, embora a longo prazo – e é preciso que aceitemos que na Amazônia as coisas têm de ser mesmo a perder de vista – para a formação de uma nova mentalidade em relação à terra, preconizada por Eidorfe Moreira,⁴⁷ que assim a conceitua: “uma certa capacidade econômica em função de um novo e mais alto padrão cultural”.

Paralelamente, um outro caminho tem de se abrir, e felizmente está sendo aberto: o da transformação industrial, na região, dos produtos primários. Já há cimento com os calcários de Capanema, como teremos aço e gusa com os minérios ferrosos do Jatapu; mas é preciso que o manganês do Amapá se exporte ao menos como liga de ferro-manganês, e a cassiterita de Rondônia só saia pelo menos depois de laminada. Com os produtos vegetais, temos madeiras que já estão se transformando em compensados, mas que precisam produzir também papel e celulose; essências aromáticas devem ser aplicadas *in loco* em perfumaria, etc. Finalmente, dos produtos animais, como o peixe, conservar os excessos em farinhas ou enlatados, para reforço e garantia do consumo interno, nas épocas de escassez.

Resposta à pergunta

Possui a hinterlândia amazônica satisfatórias condições de habitabilidade?

Sim, respondemos afinal, considerando que a terra pode e deve ser dominada, pela técnica e pela ciência, e o homem pode e deve aprimorar a sua cultura, pela educação e pela higiene, dentro de uma sociedade regida por novas diretrizes econômicas.

Não parece verdade que o homem tenha sido “o intruso impertinente” do anátema euclidiano.

Resumo

Em face da diluição do homem na Amazônia, de que decorre não ter sido ainda a terra dominada – justificando a inquietação de saber se há nela satisfatórias condições de habitabilidade – o autor, ao conceituar o problema, mostrou que a região equatorial americana é um vazio demográfico, embora sozinha tenha uma extensão territorial maior que as regiões correspondentes da África e da Ásia, que são superpovoadas, havendo de comum, entre elas, apenas, uma população culturalmente atrasada e a vigência de uma economia tipicamente subdesenvolvida. Para explicar a disparidade demográfica, argumentou que a exploração da Amazônia começou há 3 séculos e meio e tem sido acompanhada da dominação e dizimação do elemento nativo, que não foi substituído por grandes massas de imigrantes, enquanto, nas

nações equatoriais da África e da Ásia os autóctones datam de tempos imemoriais e são uma maioria superior a 95%.

Estudando o assunto específico da Amazônia Brasileira, o autor apresentou e discutiu dados demográficos, raciais, fisiológicos, nosológicos, climáticos, alimentares e econômico-sociais, fazendo ainda uma rápida revisão das lições da experiência, tanto quanto possível baseado no resultado de pesquisas e observações realizadas na região, por cientistas nacionais e estrangeiros.

Assinalando caminhos a percorrer, sugeridos também pela experiência, conclui respondendo afirmativamente à indagação. Sim, a Amazônia pode e deve ser dominada pela técnica e pela ciência, e o homem pode e deve aprimorar a sua cultura, pela educação e pela higiene.

Summary

In view of the thin settling of man in Amazonia, brought about by the territory not as yet dominated, resulting in an uncertainty as to satisfactory living conditions in the region and man's ability to adapt himself to those conditions, the author, upon considering the problem, pointed out that the equatorial region of America is a vast demographical void, although it alone comprises a far greater territorial extension than all the corresponding regions of Africa and Asia, which are overpopulated. They have only one feature in common among them; that is, a culturally backward population, and the existence of a typically underdeveloped economy. Toward

explaining the demographic disparity, the author argued that the exploration of Amazonia began three and one half centuries ago, and has been accompanied by domination and decimation of the native element, and not substituted by mass immigration, while in other equatorial nations of Africa and Asia, the natives date back to time immemorial, and are today in a majority as high as 95%.

Dealing with the specific study of Brazilian Amazonia, the author presented and discussed on a broad scope statistics and data, demographic, racial, physiological, nosological, climatic, alimentary and socio-economic, and furthermore exposed a rapid revision of the lessons learned by experience, as much as possible, based on the findings from research and observations made in the region, by national and foreign scientists.

Pointing out new roads to follow, suggested by experience, the author concluded by answering in the affirmative the old question: Yes, Amazonia can, and must be conquered by science and technic. Man can, and must perfect his culture, through education and hygiene.

Referências

- 1 – BRASIL. Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, *Primeiro Plano Quinquenal*. Imp. Nacional, 1955, 2 vols.
- 2 – WOODIS, Jack. *África, as raízes da revolta*. Rio de Janeiro: Zahar Edit., 1961.

3 – GEOGRAFÍA Universal. *Descripción moderna del mundo*. 2 ed. rev. unif, y reorg. Barcelona: Inst. Gallach de librería y ediciones, 1953, 4 vols.

4 – PAUWELS, padre Geraldo José. *Atlas Geográfico*. Melhoramentos. 22.^a ed., 1964.

5 – GOUROU, Pierre. Um programa geográfico de experimentações e pesquisas em zona tropical. *Rev. Bras. de Geografia*. Rio de Janeiro, 10 (3): 381-396, 1948.

6 – _____. Observações geográficas na Amazônia (2.^a parte). *Rev. Bras. de Geografia*. Rio de Janeiro, 12 (2): 173-250, 1950.

7 – MONTENEGRO, Luiz. *Índice ciclêmico em uma comunidade do interior do Amazonas*. *Hospital*, Rio de Janeiro, 55 (2): 273-278, 1959.

8 – JUNQUEIRA, P. C., OTTENSOOSER, F., MONTENEGRO, L. *et al.* Grupos sanguíneos de Nordestinos. *Anais da Acad. Bras. de Ciências*, 34 (1): 143-152, 1962.

9 – ALMEIDA, Álvaro Ozório de. Le metabolisme minimum et le metabolisme basal de l'homme tropical de race blanche; contribution a l'étude de l'acclimatation et de la loi des surfaces de Rubner-Richet. *Journal de Physiologie et de Pathologie Générale*, 18: 713-730, 1921.

10 – AGUIAR, Samuel. 119 determinações de metabolismo basal em Manaus, Amazonas. *Trabalho do X Congresso Nacional Medicina*, Rio de Janeiro, 1926 (inédito).

11 – MONTENEGRO, Luiz, AGUIAR, Samuel & VIEIRALVES, Gilson. Ação do ferro sobre o quadro eritrocitário de indivíduos aparentemente sãos. Apresentado ao Congresso Extraordinário

de Hematologia, Rio de Janeiro, 1960. Aceito para publicação pela *Revista Medicine Tropicale*, da França.

12 – CRUZ, W. O. Patogenia da anemia na ancilostomose. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, 28 (3): 390-439, 1934.

13 – BRADFIELD, R., DIAS, C., GONZALES, M., L., GARAYAR, & HERNANDEZ, V. The effect of small amounts of iron and trace elements on a tropical anemia condition. *Resumos dos trabalhos dos Sétimos Congressos Internacionais de Medicina Tropical e Malária*, p. 357, Rio de Janeiro: Graf. Olímpica, 1963.

14 – MONTENEGRO, Luiz. Considerações sobre as taxas de hemoglobina e de hemácia na Amazônia. *Hospital*. Rio de Janeiro, 60 (6): 889-893, 1961.

15 – LIMA, José Francisco de Araújo. *Amazônia, a terra e o homem*, com uma "Introdução à antropogeografia"; pref. de Tristão de Athayde. Rio de Janeiro: Editorial "Alba" Ltda., 1933.

16 – FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Enfermidades da Capitania de Mato Grosso*. Memórias inéditas copiadas pelo Inpa: 107-261 (Documento n.º 1 – 11, 2, 6 – n.º 2 da Biblioteca Nacional).

17 – PEIXOTO, Afrânio. *Clima e saúde: introdução biogeográfica à civilização brasileira*. São Paulo: Comp. Editora Nacional, 1938, p. 265 (Biblioteca Pedagógica Brasileira, sér. 5.ª Brasileira, vol. 129).

18 – BARROS, João Barreto. *Malária – Doutrina e prática*. Rio de Janeiro: Edit. A Noite, 1941, p. 8.

19 – BATISTA, Djalma. Queda da mortalidade por tuberculose: suas causas e conseqüências. *Rev. Bras. Tuber. e Doenç. Torác.* Rio de Janeiro, 24 (169): 619-630, 1954.

20 – MIRANDA, Oscar. Queda da mortalidade tuberculosa em Belém, Estado do Pará: suas causas. *Rev. Bras. Tuber. e Doenç. Torác.* Rio de Janeiro, 23 (158): 97-108, 1955.

21 – MAROJA, Rainero C. & LOWERY, Willa Dean. Estudos sobre diarreias agudas. II. Frequência de *shigellas* e *salmonellas* nos casos de diarreia aguda em Santarém, Pará. *Rev. Serv. Espec. Saúde Pública.* Rio de Janeiro, 8 (2): 585-589, 1956.

22 – BEZERRA, Benedito. Dados vitais da Amazônia nos decênios 1940-49 e 1950-59, trabalho em elaboração no Inpa.

23 – CERQUEIRA, N. L. Sobre a transmissão da *Mansonella ozzardi* (I e II notas). *Jornal Bras. Med.* Rio de Janeiro, 1 (7): 885-914, 1959.

24 – MORAES, Mário A. P. Blastomicose tipo Jorge Lobo. *Rev. Inst. Med. Trop.* São Paulo, 4 (3): 187-197, 1962.

25 – MORAES, Mário A. P. & OLIVEIRA, Wallace Ramos. Novos casos da micose de Jorge Lobo encontrados em Manaus, Amazonas (Brasil). *Rev. Inst. Med.* São Paulo, 4 (6): 403-406, 1962.

26 – COSTA, Orlando Rodrigues da. *Contribuição ao conhecimento dos helmintos e protozoários intestinais na Amazônia.*

Tese de concurso para a Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, Belém, 1949, 125 p.

27 – OLIVEIRA, Wallace Ramos. Contribuição ao estudo coprológico na cidade de Manaus. *Brasil Méd.* Rio de Janeiro, 73 (10/13): 123-125, 1959.

28 – MORAES, Mário A. P. Inquérito sobre parasitos intestinais na cidade de Codajás, Estado do Amazonas. *Rev. Bras. Med.* Rio de Janeiro, 16 (7): 488-491, 1959.

- 29 – VIANA, Arthur. *As epidemias no Pará*. Pará: Imp. do “Diário Oficial”, 1906, 157 p.
- 30 – CAUSEY, O. R.; CAUSEY, C. E. Inquérito sorológico na Amazônia. *Rev. Serv. Esp. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 10 (1): 143-150, 1958.
- 31 – CERQUEIRA, N. L. Distribuição geográfica dos mosquitos da Amazônia. *Rev. Bras. Ent.* São Paulo, 10: 111-168, 1961.
- 32 – BRASIL. *Conselho Nacional de Geografia*. Seção Regional do Norte – Grande Região Norte – Mapas publicados em janeiro de 1957.
- 33 – HERZBERG, padre Bruno. *Climatograma de Manaus (1902 a 1960)*. Inédito.
- 34 – CALDAS, Celso. Amazonas, clima caluniado. *Arq. de Higiene*. Rio de Janeiro, 13 (3): 45-51, 1943.
- 35 – LIRA, M. B. Levantamento de dados alimentares em cidade do interior amazônico. *Rev. Bras. Med.* Rio de Janeiro, 17 (7): 636-638, 1960.
- 36 – LIRA, M. B. Protidemia em amostra populacional de Codajás (Amazonas). *Rev. Bras. Med.* Rio de Janeiro, 17 (3): 264, 1960.
- 37 – CONTENTE, J. J. Souza. Estudo clínico nutricional em Menores da Cidade de Manaus. *Rev. Ass. Méd. Bras.* São Paulo, 9 (5): 169-180, 1963.
- 38 – COSTA, Dante. O problema da alimentação na Amazônia. *Med., Cirurg., Farm.* Rio de Janeiro, 60: 101-116, 1941.
- 39 – WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Tradução de Orlando Torres. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1939, 670 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, sér. 5, Brasiliana, vol. 156).

40 – MARAVALHAS, Nelson. Panorama alimentar da Amazônia. In: *5 Estudos sobre a farinha de mandioca*. Manaus: Inpa, série Química, n.º 6, 1964.

41 – REIS, Arthur César Ferreira. As Sociedades amazônicas: formação e peculiaridades. *Síntese Política, Econômica e Social*. Rio de Janeiro, II (5): 39-56, 1960.

42 – MEGGERS, Betty J. Environment and culture in the Amazon Basin: an appraisal of the theory of environmental determinism. In: *Studies in Human Ecology*. Social Science, monographs, III – Pan American Union. Washington, D.C. 71-89, 1957.

43 – CAMARGO, Felisberto C. Report on the Amazon Region. In: *Problems of Humid Tropical Regions*. P. 11-24. Paris: Unesco, 1958.

44 – GIGLIOLI, G. & RUTTEN, E. J. The cloroquinised salt campaign in the interior of British Guyana. *Resumos de trabalhos dos Sétimos Congressos Internacionais de Medicina Tropical e Malária*. P. 469. Rio de Janeiro: Gráf. Olímpica, 1963.

45 – MOOG, Viana. *O ciclo do ouro negro*. Edit. Globo, 1936.

46 – WAGLEY, Charles. *Amazon town*. New York: The MacMillan Company, 1953, 305 p.

47 – MOREIRA, Eidorfe. *O fator social na consideração do solo*. 2.ª edição. Belém, 1963.

Brancos e índios na formação da Amazônia*

...os padrões culturais indígena-americanos persistem em todo o país.

No vale amazônico, com seu ambiente típico de chuvas e florestas e seu magnífico sistema entrelaçado de vias fluviais, mais do que em qualquer outra região, persistiu a herança do indígena do Brasil.

Charles Wagley

Primeiro choque: as culturas

O homem branco, representado fundamentalmente pelos portugueses e seus descendentes, tinha sido mandado para a Amazônia, em 1616, com Francisco Caldeira Castelo Branco, para ficar e explorar a terra, expulsando os concorrentes europeus que desde o século anterior tentavam dominar a região.

Daí surgiu o conflito entre a cultura que chegava e a tradicional dos senhores da

* Ensaio publicado originalmente na *Revista da Academia Amazonense de Letras*, n.º 16, dezembro de 1974.

terra. Essa luta para o índio foi sumamente grave: com ela veio a mudança dos métodos de trabalho e dos hábitos alimentares, a imposição de novas crenças, embora absurda a pretensão de que o nativo pulasse (ou pule), de um salto, do politeísmo ao monoteísmo, o propósito de subordinação aos novos senhores e as modificações profundas na estrutura familiar.

O equilíbrio ecológico então existente começou também a se romper e se acentuou pelos anos afora, até se agravar, há pouco menos de um século, se intensificou quando imigração dos mestiços nordestinos.

Mas desde o início os gentios estavam condenados, por força histórico-ecológicas, analogamente ao que acontecera sempre nos confrontos entre culturas de níveis diferentes. Apesar disso a luta vem sendo renhida, inclusive porque o homem da terra teve na natureza a sua grande aliada.

Se o branco era numericamente reduzido e não trazia grande preparo intelectual, tinha sido portador de "um complexo que compreende os acontecimentos, as crenças e as artes, a moral, as leis, os costumes e todos os demais hábitos e aptidões adquiridos pelo homem na qualidade de membro de sua sociedade" (Tylor, citado por Fernando Azevedo, 1943: 2), isto é, tudo aquilo que representava a supremacia de sua cultura. Trouxe também uma língua estruturada e que se difundiu pela colônia portuguesa da América, contribuindo, decisivamente, para a unidade do Brasil, e que substituiu, na Amazônia, paulatinamente, os mil e um dialetos monossilábicos usados pelos incolos. No período colonial, esses dialetos ficaram reduzidos ao *tupi, nheengatu* ou *língua geral*, que chegou a ser falado pre-

dominantemente no vale, até meados do século 18, quando os missionários foram obrigados a ensinar o português (Arthur C. F. Reis, 1958: 495; Jarbas G. Passarinho, 1971: 9).

Os missionários, eles mesmos, representaram outra contribuição destacada do homem branco, no seu choque cultural com a bugrada. Os resultados de sua ação permanecem controversos. Mas se os padres falharam na catequese, foram, desde o princípio, os condutores da educação do povo.

Ao reverso disso, porém, os desvirginadores da Amazônia trouxeram, de muito mau, o espírito de superioridade que tentou fazer do índio um escravo, a exemplo do negro no Nordeste e nas Minas Gerais, a serviço de sua ambição desenfreada; os hábitos eufóricos, principalmente o alcoolismo devastador, que dissimularam; e a larga e letal contribuição das doenças infecciosas, que não encontraram resistência na população local.

Tais qualidades negativas, juntando-se às da indiada, pesaram muito na formação interétnica, estimularam o espírito de vingança e foram muito nocivas ao homem da Amazônia.

Não que o ameríndio fosse aquele ser bom e puro, imaginado por J. J. Rousseau e que, segundo Afonso Arinos de Melo Franco (1939), influenciou na Revolução Francesa. Cultivava (e cultiva) ódios intertribais e vivia (e vive) intermináveis disputas intestinas. Se era desprendido de bens materiais, isso talvez decorresse (ou decorra) do nomadismo. Usada (e usa) também bebidas excitantes à base do álcool, fermentando a mandioca para o *caxiri* das grandes celebrações, e era (e é)

estimulado às custas de plantas alucinógenas, como a coca (*Erythroxylum coca* Lamk., Eritroxilácea), o paricá (*Anadenanthea peregrina*, L. Speg., Leguminosa) e o caapi, iagé ou aiaausca (*Banisteria caapi* Spruce, Malpighiácea). E já padecia, a seu lado, de doenças epidêmicas graves, como a malária, cujos acessos típicos são registrados nos rastos dos cronistas e cientistas que nos visitaram, incluindo Alexandre Rodrigues Ferreira (1858: 8; 1966: 43).

Esse bárbaro da América era, entretanto, um homem exposto a todos os ataques. E tanto esse confronto se repetiu, ao longo dos tempos, que o índio na Amazônia ficou entre dois fogos: ou se confinava, para continuar lutando, ou se degradava, aceitando o domínio do branco. Sucedeu-lhe, porém, o pior: confinou-se e degradou-se.

Aconteceram na Amazônia, porém, dois fatos singulares: primeiro, apesar do grande espaço físico ter sido conquistado pelo branco, o espírito do índio permanece e sobrevive, nas suas grandes dimensões culturais, o que constitui, a meu juízo, a lição maior da luta racial secular; segundo, a evidente regressão social e cultural dos índios, após o contato com o branco. Podem-se apurar os dois fatos lançando os olhos sobre o panorama histórico e sobretudo o atual da Amazônia: os nativos estão se acabando, completamente involuídos, no físico e na organização social, porém a terra é substancialmente índia na alma e muito no aspecto de seus habitantes.

Lutas e guerras

Orellana, descendo pela primeira vez o rio, enfrentou lutas e guerras, à procura de alimentos, ao passar pelas aldeias indígenas, e Carvajal (ed. de 1941), escriba da expedição, não falou, senão de passagem, nas mortes resultantes desses encontros. Não pôde escapar, todavia, ao relato (*Op. cit.*: 46) de que houve índios enforcados e outros atingidos mortalmente pelos *arcabuzeiros* e *balhesteiros*, revidando guerreiros munidos de arco e flecha, no máximo flechas envenenadas com curare.

Segundo Arthur C. F. Reis (1956: 36), os nativos preferiram, nos primeiros tempos, os ingleses, irlandeses e holandeses aos portugueses (e as disputas entre eles duraram mais de 50 anos), “dado o tratamento mais afetivo que aqueles lhe dispensavam”. Segue-se os lusitanos não começaram com habilidade.

Na verdade, desde o princípio, houve a disputa física entre brancos e selvagens, cuja vitória já estava previamente decidida a favor dos portadores de armas municionadas com pólvora – pólvora que tinha sido, exatamente, uma das invenções que assinalaram, a partir do franciscano Rogério Bacon (século 13) ou do frade alemão Bertoldo Schwartz (século 14), o dealbar dos Tempos Modernos, que culminaram com o Renascimento e as Descobertas.

As guerras e guerrilhas, na Amazônia, tiveram início nos 1500, e desde então não parariam mais, até agora, quatro séculos e meio transcorridos, para que se estabelecesse a

“frente extrativista” a que se refere Darcy Ribeiro (1970: 21), em confronto com a “fronteira agrícola” e a “fronteira pastoril” do restante do Brasil. “O período colonial foi aqui um contínuo motim”, diz o historiador, que acrescenta ter sido a evolução política caracterizada por “uma turbulência permanente”, salientando, ademais, a reação constante do indígena desde o advento do português.

A todos nós, nos dias atuais, por exemplo, repugna o feito do capitão Pedro da Costa Favela, em 1665, revidando tribos do rio Urubu com o incêndio de 300 malocas, a liquidação de 700 pessoas e o aprisionamento de 400, assim como a crueldade do cabo Belchior Mendes de Moraes, que no ano de 1729 disse ter passado pelas armas 28.000 índios, em comunicado ao capitão-general e governador do Pará. Também nos repugna o que fez o famoso fr. José dos Santos Inocentes, que é figura histórica e tem nome em rua de Manaus: apesar da pureza do onomástico, iniciou, no século 19, lançando vestes de bugres convalescentes de varíola sobre tribos do alto rio Negro, a luta bacteriológica que os grandes criminosos de guerra dos nossos tempos não tiveram coragem de utilizar.

A sabedoria do ameríndio

Os diversos povos que, nos primeiros séculos, procuraram dominar a Amazônia nada teriam conseguido sem recorrer à aliança do índio, que tinha a sabedoria da terra. Era ele que conhecia onde estava e como conseguir o alimento; movimentava-se em ubás pela superfície das águas (e a água é um

componente decisivo da natureza); colhia e sabia onde estava a especiaria com que os europeus abriam os olhos e a cupidez sobre a nova terra; e era a grande esperança do braço para as lavouras, cedo trazidas com a introdução de espécies exóticas como a cana-de-açúcar e o fumo.

O gentio se aliou, negociou ou reagiu, até ensinar os segredos reveladores da Amazônia.

Mulher, a atração e o drama de sempre

A mulher foi outro ponto de atrito constante no passado e continua sendo no presente. Vindo sempre desacompanhado, o devassador da Amazônia, mesmo sem ter pela índia a atração física que o português sentiu pela negra, no Nordeste, de certo resultante da organização social, que estabeleceu logo as “senzalas” ao lado das “casas-grandes”, não resistiu à tentação, vendo, em todo Brasil, consoante o dito de Gilberto Freyre (1938), “muita mulher nua diante dos olhos”.

As crônicas registraram choques violentos entre as duas partes, de que resultavam para os índios a servidão e para as índias a promiscuidade ou a mancebia.

Todavia, o português continuou a realizar na Amazônia o processo de miscigenação, que singularizava a ocupação do resto do Brasil, e que na região fora sucessivamente condenada e estimulada pela Corte.

A dizimação lenta porém com glória

Felizmente a resistência secular e a capacidade de luta redimem o ameríndio, que vai sendo dizimado aos poucos, porém gloriosamente, enquanto se aproxima a extinção, que é fatal.

Certos episódios ocorridos dão à história acentos épicos. Um deles foi a revolta de Ajuricaba, tuxaua dos Manaus e chefe das tribos federadas do rio Negro, contra os portugueses. Em 1717, perto da localidade de Carvoeiro (então Aracari), no baixo rio Negro, apanhado de surpresa, foi aprisionado com 1.600 rebeldes desarmados por uma tropa superior a 800 homens. Informações colhidas por Alípio Bandeira (Álvaro Maia, 1952: 22), dizem que, aprisionado ao cavername de uma barcaça, Ajuricaba conseguiu se libertar e arremessar-se à água, sendo por ela tragado. Sua bravura e seu desprendimento tornaram-se um símbolo para o Amazonas, sendo seu nome cultivado em vários lugares.

Outro episódio típico da "fricção interétnica" foi a maior rebelião de que se tem notícia na Amazônia, ocorrida de 1835 a 1839 e que inundou de sangue toda a região entre Manaus e Belém: a Cabanagem. Foi a reação nativista, de índios e caboclos, contra o português colonizador, que não concordava em aceitar, na Amazônia, a nova ordem decorrente da Independência do Brasil. Muitas vezes estudada e discutida, a Cabanagem ainda é assunto para historiadores, sociólogos e ficcionistas. Um dos mais sugestivos trabalhos a seu respeito, da autoria do oficial superior do Exército, Gustavo Moraes

Rego Reis (1965), começa citando Engels, para quem “a insurreição é uma arte”, salienta “a efetiva e dominante participação das massas; a ascensão e direção de líderes oriundos das mais modestas camadas da população”, tudo examinado à luz da moderna conceituação e do método de análise dialética da guerra insurrecional.

O que restou do gentio

Quando a “fronteira extrativista” se alargou, na segunda metade do século passado, com o início do ciclo da borracha, o gentio fugiu para os lugares mais distantes a fim de poder resistir. Diante das massas nordestinas, apoiadas em cunhetes de bala, não havia outra solução. E do fato tenho um testemunho fidedigno: meu avô paterno, que veio do Ceará para ser seringueiro num aflente do Juruá, tomou parte em caçada a índios, por sorte não tendo encontrado nenhum: a reação porém afugentou, pela intimidade, a tribo que brigara pelo chão em que vivia ou se refugiara.

Restam hoje alguns milhares de silvícolas espalhados pela vasta superfície da Amazônia, principalmente nos altos rios: Negro, Branco, Guaporé, Tapajós, Xingu e seus afluentes. Galvão (1960: 14) avaliou-os, em 1960, em 100.000. Para a *Enciclopédia Universo* (1970 (I): 210), mal chegavam a 60.000 indivíduos. Nos baixos rios ainda se encontram alguns, perdida a capacidade de enfrentar a natureza e inteiramente *descultu-rados*, expressão muito mais precisa, na minha interpretação, que a infame “aculturação”, porque sucede precisamente o

despojamento da cultura do ameríndio. Tenho seguros depoimentos de que os que atingem essa situação estão inteiramente degradados, sendo o mais importante o de Noel Nutels, que dedicou 30 anos de sua vida aos problemas indigenistas e afirmava: “índio pacificado é índio liquidado”. Na entrevista que teve com Fernando Sabino (1964: 126), declarou: “O índio que se civiliza anda para trás, retrocede culturalmente. Integrado, torna-se um pária”.

A transfiguração étnica

Integração, mesmo, do silvícola na sociedade brasileira, nunca houve e já é tarde para ser ainda esperada. Houve, sim, a transfiguração étnica a que se refere Darcy Ribeiro, resultante, fundamentalmente, do processo de miscigenação.

Enquanto no Nordeste o mulato resultou do cruzamento do branco com a preta, na Amazônia o caboclo traduz a mistura do branco com a índia. E os mestiços surgidos desse processo biológico vêm sendo repostos aos poucos na sua condição de herdeiros de qualidades positivas das etnias originais, revigoradas pela mistura genética, uma vez que mulatos e caboclos vêm continuando abençoadamente o cruzamento.

Tanto o mulato como o caboclo e seus diversos tipos têm um papel histórico e social destacado, pela sua adaptação ao meio e pela maneira por que sabem superar dificuldades.

Do Nordeste, recebeu a Amazônia, especialmente a partir da seca de 1877, grandes contingentes de imigrantes, avaliadas (pura avaliação, sempre) entre trezentas e quinhentas mil

peças, que se incorporaram à humanidade planiciária. Esses nordestinos se uniram aqui com os caboclos, misturando diversos caracteres.

Luiz Montenegro (1960: 191) realizou importantes pesquisas hematológicas, documentando a situação em Manaus e Codajás, podendo levantar, por amostragem, um panorama geral da Amazônia. Classificando sangues, no sistema ABO, obteve 61,06% do grupo O; 29,42% do grupo A; 8,56% do grupo B e 0,96% do grupo AB (Manaus) e 59,6% de O; 32,4% de A, 7,3% de B e 0,8% de AB (Codajás), números perfeitamente concordantes. Sabe-se que os índios são predominantemente do grupo O e têm Rh (Do) positivo, enquanto os brancos são mais do grupo A e os negros do grupo B, todos dois com valores intermediários do fator Rh. Em Manaus, foram encontrados 92,6% de Rh+ e 7,4% de Rh-, em Codajás 89,8% de Rh+ e 10,2 de Rh-. Tais dados foram comparados com duas cidades brasileiras de grande fluxo migratório europeu (Porto Alegre e São Paulo) e Duque de Caxias (Estado do Rio de Janeiro) e Salvador (Bahia), de influência negra. Em Porto Alegre havia 47,5% de pessoas do grupo O e 88,3% de Rh+; em São Paulo 48,78% de O e 85,7% de Rh+; em Duque de Caxias 46,87% de O e 89,5% de Rh+, e em Salvador 53,8% de O e 87,1% de Rh+. Entre índios Tucanos (Montenegro, 1967: 90) do alto rio Negro, as pessoas do grupo O atingiram 97%, sendo 100% Rh+. Além disso, Montenegro (1959: 273) pesquisou a alteração siclêmica ou falciforme, defeito próprio dos indivíduos de etnia negróide ou que tenham sangue negro em sua constituição. Pois em índios Maués (Montenegro, 1958: 85) a

determinação da siclemia foi negativa em 100% dos pacientes, enquanto em amostras de sangue da população de Codajás, entre pessoas classificadas como caboclas havia 9% de positividade, e em descendentes de nordestinos 12%.

Os resultados obtidos, todos estatisticamente significantes, demonstram o alto teor de sangue índio e a presença de sangue negro, originário dos nordestinos, existentes na população.

Traços da psicologia e da morfologia do caboclo

Tais dados confirmam, realmente, o que se vê no Pará, no Amazonas e em Roraima, olhando para o tipo físico das pessoas encontradas nas ruas das cidades ou na beira dos rios, especialmente nas localidades do baixo e médio Amazonas e no alto rio Branco, onde mais intensamente predominou a cultura ameríndia.

No Pará, sobretudo, que foi o palco por excelência da Cabanagem, o fato se confirma no sobrenome das famílias tradicionais ("trezentonas" ou "ducentonas"): Acatauassu, Apinagé, Conduru, Parijó, Capinussu, Maranhão e muitas outras. E na psicologia do paraense, então, a presença do índio é insofismável: o espírito extremado de luta que tem o povo, sua permanente participação dos problemas políticos locais, além de uma fidelidade aos chefes, que são a encarnação dos morubixabas. Em abono da observação, citarei os fenômenos do *laurismo*, *lemismo* e *baratismo*, datando deste século, em diferentes épocas, e que assinalaram a liderança marcante de

Lauro Sodré, Antônio Lemos e Magalhães Barata, respectivamente, no comando de uma agitada política estadual. E quem mais representativo da cultura paraense que o caboclo Paulo Maranhão, que dirigiu a opinião pública do Estado através da *Folha do Norte*, durante decênios, falecendo aos 92 anos, sempre altivo e indobrável?

No Estado do Amazonas, muito mais novo, parece que maior foi a penetração do nordestino. Tanto assim que os números do Censo de 1872 podem servir de termo de comparação: no Pará, 275.237 habitantes e no Amazonas apenas 57.160, isto pouco antes da chegada dos novos elementos tangidos pela seca e atraídos pela miragem da borracha. Mesmo assim, o mesmo achado do tipo físico sugestivo da proximidade do ancestral indígena se repete a cada passo. Também uma certa reação nativista contra elementos estranhos, que se traduziu nos anos 30 pelo *movimento glebarista*, considerado uma "atitude de inconformação... dado subjacente de nossa cultura" (Agnello Uchôa Bittencourt, 1962: 42). Na Cabanagem brilhou um herói amazonense: o caboclo Apolinário Maparajuba. No Amazonas, os Nery, os Monteiro de Souza, os Bittencourt, os Sevalhos e outros, foram autênticos caboclos, inteiramente absorvidos pelos problemas da terra. O Barão de Sant'Anna Nery foi morar em Paris, onde teve projeção não apenas na vida mundana, mas como homem de letras; lá agenciava colonos europeus para o governo do Pará e escreveu e publicou um livro famoso, *Le pays des amazones*. Exemplos importantes da miscigenação amazônica temos, nos nossos dias, com o aparecimento de uma mulher cuja beleza

há 20 anos vem impressionando o Brasil e o mundo, que foi a 2.^a colocada no concurso de Miss Universo, e era filha de português com índia do rio Negro. Entre as famílias mestiças privilegiadas, há a de esclarecido magistrado, natural de Pernambuco, que desposou cabocla do Solimões, senhora de altas virtudes morais, entre cujos filhos se destacou recentemente um ex-senador amazonense, que teve grande projeção no Parlamento Nacional.

Já no Acre, em cujos rios se refugiaram muitas tribos, e cuja história começou em meados do século passado, não se pode falar em caldeamento de raças. Alfredo Lustosa Cabral (cit. por Arthur C. F. Reis, 1953: 123), em seu livro *Dez Anos no Amazonas*, referiu-se ao fato. Ocorrido no alto Juruá: "A aquisição de uma donzela da selva era tarefa temerária, porque raramente a índia se sujeitava ao regime doméstico. Isso ainda podia acarretar o perigo de ser a moça levada pelos da tribo ou haver choques violentos... Sob esse aspecto, as uniões de seringueiros com selvagens eram quase nulas". Revisei várias fontes, encontrando apenas a referência de Raimundo Moraes, que foi grande conhecedor da natureza e da vida da Amazônia, embora fraco romancista: seringalista do alto Yaco recebeu de presente uma remanescente da tribo dos Ipurinãs, ainda em cueiros, a quem criou com desvelo, fazendo-a educar em colégio belemense, com ela se casando depois e levando-a de volta ao seringal. Pois a bela Corina, quando descobriu sua crônica, reencontrando um grupo de sua tribo, escolheu a volta aos ancestrais, unindo-se ao tuxaua Cauré.

Restaram na Amazônia, ainda, apreciáveis mostras de herança ameríndia no comportamento do povo. Uma delas, das mais típicas, é uma dose visível de preguiça reinante entre os habitantes do vale, uma indisposição para o trabalho sistemático, um conformismo com o resultado dos esforços realizados e uma permanente despreocupação com o dia de amanhã. E eu sempre me pergunto: será que a razão não está do lado do caboclo? Outras heranças são o hábito do banho de imersão freqüente; as preferências alimentares pelo peixe, pela farinha de mandioca, pelo tacacá e pelo açaí; as vestimentas de cores berrantes, tão ao gosto das mulheres, que ainda se enfeitam de muitos adereços, com o que estão em dia com a moda atual; a fé evidente em tratamentos por meio de injeções, que traduzem o gosto pelas novidades, e da aplicação das mesmas injeções na veia, pela crença de que atuam diretamente no meio interno.

Também quero registrar, sem que isso importe em nenhum demérito para os hábitos dos caboclos, na falta de respeito pela propriedade, que acredito vir do índio: tomam-se emprestadas, com a maior sem-cerimônia, objetos de uso pessoal, alimentos e até dinheiro, sem nenhuma preocupação de reposição. O caboclo compra tudo que o comerciante lhe queira vender, com a condição de ser fiado.

Agnello Bittencourt (1962: 25) salienta mais um aspecto psicológico do homem regional: a dubiedade, em que o *talvez* substitui sistematicamente o *sim* e o *não*.

Rondon, um paradigma

No ano de 1865, à margem do rio Cuiabá, na fazenda Mimoso, à altura dos limites da Amazônia Legal, nasceu um mestiço de índio que adotou o sobrenome de Rondon, do padrinho que o criou. Morreu marechal, realizando uma carreira gloriosa sem disparar tiros. Em sua honra, o Território Federal entre o rio Madeira e o sul da serra dos Parecis passou, em 1956, a se chamar "Rondônia", neologismo criado, em livro celebrado, de Roquette-Pinto (1938: 19), que assim lhe traçou o perfil: "...conquistou pacificamente alguns milhares de quilômetros quadrados, agora em condições de fácil valorização. De cada índio, cuja ferocidade não era lenda vã e cuja animosidade sacrificou tantos homens, fez um amigo. Abriu à ciência um campo enorme de verificações e descobertas; à indústria, todas as riquezas de florestas seculares. Soube coroar sua atividade estendendo o fio telegráfico, que os Parecis chamam *língua de Mariano*, em homenagem ao seu grande amigo, entre pontos extremos de sua pátria, que ligou por uma gigantesca estrada de rodagem. E mostrou à Humanidade irmãos primitivos, que mais uma vez lhe recordam a modéstia de sua origem".

A Rondon, deveu o Brasil uma nova atitude em face dos silvícolas, adotando, para o antigo Serviço de Proteção aos Índios (hoje Fundação Nacional do Índio – Funai), criado sob sua inspiração, um slogan: "Morrer sim; matar nunca", que representou uma atitude bem mais humana que a dos ameri-

canos em face dos peles-vermelhas, diante dos quais o preceito seguido era: “índio bom é índio morto”.

Graças a Rondon, talvez melhores tenham sido os últimos 60 anos dos “bárbaros” do Brasil, o que não impediu, contudo, que o processo de exterminação continuasse, pelo menos não oficialmente, até os nossos dias. Ele foi o grande exemplo da transfiguração étnica.

Leandro Tocantins (1963: 21) tinha razão: “Ninguém será capaz de parar o relógio da história”.

Dois depoimentos

Falei de homens maus e em alguns homens bons que têm estado às voltas com o problema do índio. Quero dar também o meu testemunho pessoal a respeito de um sertanista que conheci no Acre, e cujos relatos constituíram um dos encantos de minha meninice. Refiro-me a Felizardo Cerqueira, que tinha a capacidade de se entender, apaziguar e defender a indiada fugidia do alto Juruá e do alto Purus. Era um caboclo legítimo, cuja origem e cujo fim ignoro, mas que representava uma nova era surgida com Rondon.

Ainda há outro depoimento sobre o atual caboclo do rio Negro, que, na Amazônia, sempre foi considerado dos seres menos evoluídos, social e intelectualmente. Sobre ele me declarou pessoalmente o botânico Richard E. Schutes, da Universidade de Harvard, que por 12 anos viveu na Amazônia Colombiana e na Amazônia Brasileira, que o melhor homem com quem tinha deparado em toda sua vida, porque mais

inteligente, mais honesto, mais bondoso, mais resistente e mais capaz, era exatamente esse caboclo malsinado.

O genocídio na Amazônia e no Brasil é uma tradição

Não tem sentido a propaganda que se faz atualmente no exterior, de que no Brasil se perpetra genocídio contra os ameríndios. Tomar terras por eles ocupadas e muitas vezes trucidá-los, começou desde os anos 1500, pelos europeus que vieram colonizar a Amazônia e o restante do Brasil, e com eles os brasileiros aprenderam a cometer o crime.

Matias Olímpio, que foi grande juiz e um eminente homem público do país, contou-me que certa vez interrogava um criminoso no Acre, e dele ouviu esta pergunta desconcertante: "E matar índio é crime?"

Não adianta parar o desenvolvimento da Amazônia por causa dos índios, que são, paradoxalmente, segundo reportagem do jornalista Carlos Roberto da Silva (1973) "os últimos seres livres".

Referências

AZEVEDO, Fernando (1943). *A Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Serv. Gráf. IBGE. BITTENCOURT, Agnello (1962). *Subsídios para uma ecologia da Amazônia*. *Rev. da Acad. Amaz. de Letras* (11): 16-33, Manaus.

BITTENCOURT, Agnello Uchôa (1962). *Aspectos sociais e políticos do desenvolvimento regional*. Manaus: Sergio Cardoso & Cia. Editores.

CARVAJAL, Gaspar *et alii*. (1941). *Descobrimientos do Rio das Amazonas*. Trad. de C. de Melo Leitão. Col. Brasiliana (203). São Paulo: Cia Ed. Nacional.

ENCICLOPÉDIA UNIVERSO (1971). Verbete sobre *Amazônia* 1: 210, Rio de Janeiro: Edit. Três.

FONSECA, Olímpio de Oliveira R. (1958). *Alexandre Rodrigues Ferreira, o patólogo*. Pub. do Inpa, série Viagem Filosófica (1).

Graf. Lux, Rio Fontes, Glória Marly D. Carvalho (1966). *Alexandre Rodrigues Ferreira* (Aspectos de sua vida e obra). Com reprodução integral da memória *Enfermidades Endêmicas da Capitania de Mato Grosso*. Cadernos da Amazônia (10). Pub. do Inpa. Rio de Janeiro: Ed. Artenova.

FREYRE, Gilberto (1938). *Casa-Grande & Senzala*. 3.^a edição. Rio de Janeiro: Schmidt Editor.

GALVÃO, Eduardo (1960). Áreas culturais indígenas do Brasil: 1900-1959. *Bol. do Museu Goeldi*, sér. Antropologia (8). Belém.

MAIA, Álvaro (1952). *Pela Glória de Ajuricaba*. Manaus: Pub. do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

MELO FRANCO, Afonso Arinos (1937). *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*. Col. Documentos Brasileiros (7). Rio de Janeiro: Liv. José Olympio Editora.

MONTENEGRO, Luiz (1958). Siclemia em índios Maués. *Rev. Clínica de S. Paulo XXXIV* (4): 85-86.

_____. (1959). Índice siclêmico em uma comunidade do interior do Amazonas. *O Hospital* 55 (2): 273-278, Rio de Janeiro.

_____. (1960). Frecuencia de los grupos sanguineos del sistema ABO e del fator D (Rh) em Manaus. *Sangre* 5: 191-196. Barcelona.

_____. (1967). Blood groups in Tucano indians. *Human Biology* 39 (2): 89-92. Detroit.

MORAIS, Raimundo. *Ressuscitados* (romance do Purus). São Paulo: Cia. Melhoramentos.

NUTELS, Noel (1974). *Memórias e Depoimentos*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio.

PASSARINHO, Jarbas G. (1971). *Amazônia – o desafio dos Trópicos*. Rio de Janeiro: Ed. Primor.

REGO REIS, Gustavo Moraes (1965). *A Cabanagem – um Episódio Histórico da Guerra Insurrecional na Amazônia (1835-1839)*. Edições Governo do Estado do Amazonas, sér.*Torquato Tapajós (4), Manaus: Ed. Sergio Cardoso.

REIS, Arthur C. F. (1953). *O Seringal e o Seringueiro*. Serv. de Informação Agrícola do Minist. da Agricultura. Documentário da Vida Rural (5). Rio de Janeiro: Serv. Graf. IBGE.

_____. (1956). *A Amazônia que os Portugueses Revelaram*. Col. Vida Brasileira. Rio de Janeiro: Minist. da Educação e Cultura.

_____. (1958). A língua portuguesa e a sua imposição na Amazônia. *Rev. de Portugal*, sér. A (XXIII): 491-500, Lisboa (separata).

RIBEIRO, Darcy (1970). *Os índios e a Civilização*. Col. Retratos do Brasil (77). Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira.

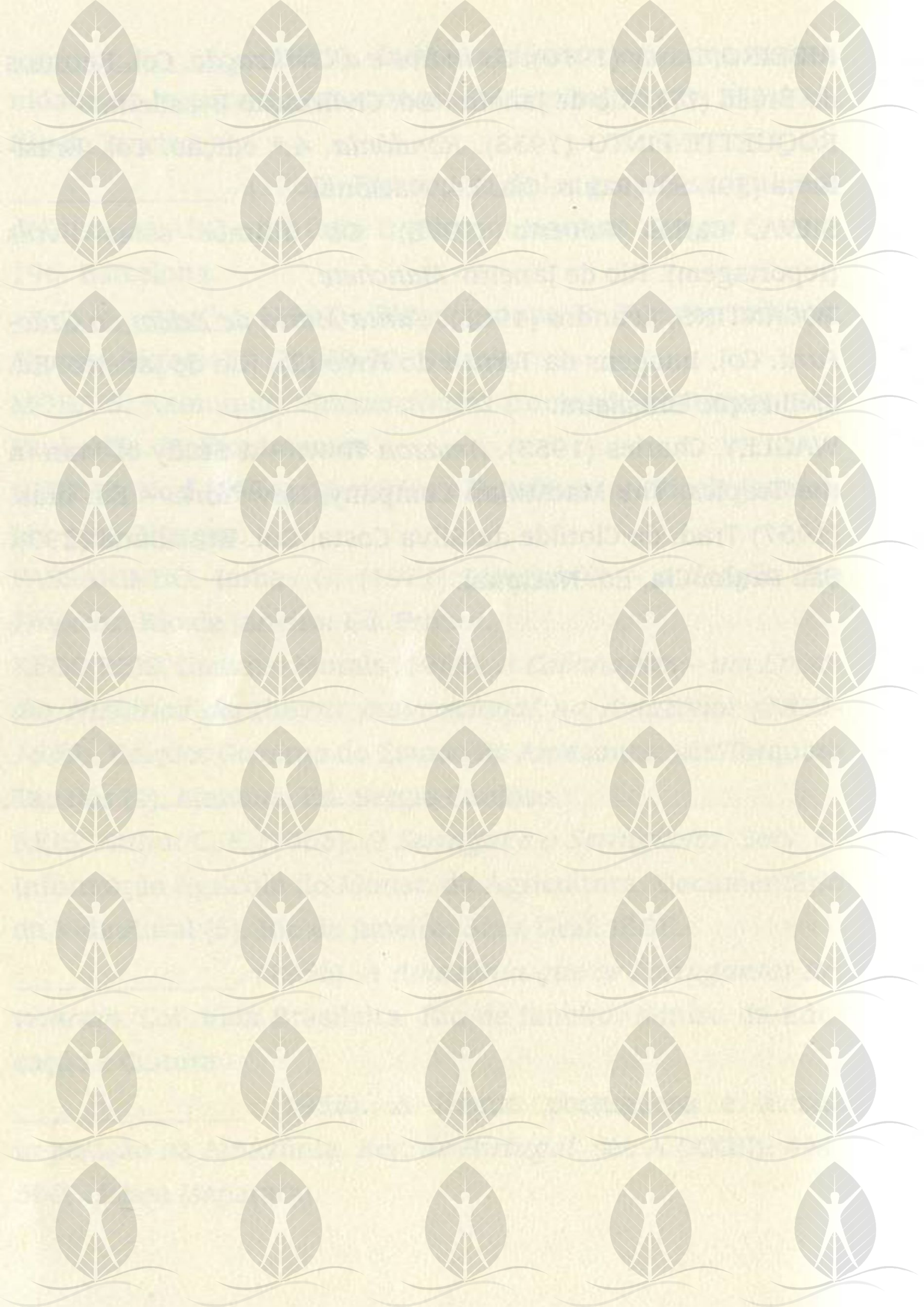
ROQUETTE-PINTO (1938). *Rondônia*. 4.^a edição. Col. Brasileira (39). São Paulo: Cia. Ed. Nacional.

SILVA, Carlos Roberto (1973). Os últimos seres livres (reportagem). Rio de Janeiro: *Manchete*.

TOCANTINS, Leandro (1963). *Santa Maria de Belém do Grão-Pará*. Col. Imagens da Terra e do Povo (2). Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira.

WAGLEY, Charles (1953). *Amazon Town – a Study of Man in the Tropics*. The MacMillan Company, New York. – Ed. bras.

(1957) Trad. de Clotilde da Silva Costa. Col. Brasileira (290). São Paulo: Cia. Ed. Nacional.



coleção  poranduba

Aspectos Sociais e Políticos do Desenvolvimento Regional

Agnello Uchôa Bittencourt

Em Memória de Stradelli

Câmara Cascudo

Flora Médica Brasiliense

Dr. Alfredo da Matta

Os Intérpretes da Amazônia

Péricles Moraes

A Contribuição do Índio à Economia da Amazônia

Eurico Fernandes

Introdução à Sociologia da Amazônia

André Vidal de Araújo

Amazônia – Cultura e Sociedade

Djalma Batista

Textos sobre a Amazônia

Euclides da Cunha

Súmula de História do Amazonas para Professores

Arthur César Ferreira Reis

A Crise Amazônica e a Borracha


J. A. Mendes

Apontamentos sobre a Revolução Acreana

Plácido de Castro

Os Índios Maués

Nunes Pereira



Este livro foi impresso na cidade de Erechim/RS, em julho de 2003, pela Gráfica Edelbra. A família tipográfica utilizada na composição do texto foi Caxton Lt BT 11/16. O projeto gráfico – miolo (editoração/fotolitos) e capa – foi feito pela Valer Editora.

É o próprio Djalma Batista quem define o alcance de sua obra: *apenas impressões das minhas viagens através da bibliografia amazônica, do que eu conheço dos homens de letras e de artes da baricêia, presentes todos eles, sempre, na minha lembrança e na minha admiração fervorosa.*

É claro que a sua obra vai muito mais longe, pois, mesmo ao afirmar que as suas palavras não envolvem o sentido de crítica, os intérpretes da Amazônia, citados por Djalma Batista, o fazem de forma contundente, como é o caso de Araújo Lima, que sempre atacou de forma incisiva o preconceito climático que ainda ocupa espaço no pensamento regional. Como afirmava: *Não é inferno, nem paraíso, não é terra misteriosa nem paradoxal: é simplesmente uma terra fraudada e saqueada.*

E a fraude persiste juntamente com o saque. Pois ao fazer um ensaio de interpretação sobre a cultura amazônica "temos de convir que chegamos a um nível muito baixo de cultura, como resumo de mentalidade geral". Ele nos alerta para as chamadas causas especiais: *detenhamo-nos de relance nas causas rotuladas de especiais, principalmente pela falta de estímulo: um estudante ou um estudioso, não tem quase aproximação intelectual com o outro. Cada qual cuida silenciosamente de sua vida, sem querer que alguém descubra suas veleidades literárias ou artísticas.* Esse tipo de atitude continua até os dias de hoje.

Uma outra questão, posta por Djalma como causa especial, merece ainda a nossa reflexão: para que estudar? E Djalma tenta uma resposta tímida: *na nossa subversão de*

valores a cultura não é condição sine qua para ocupar boas posições! Como escritor, propriamente, ninguém vive nestas bandas, até os jornalistas militantes, em sua maior parte, têm encostos no funcionalismo, exercendo o periodismo quase como um hobby. Portanto, primo viveri, e para viver às vezes se recorre à fraude e à calúnia.

Em vez de se falar em isolamento geográfico, que sempre foi um preconceito, é preciso falar de um isolamento cultural: "Não participamos em realidade do que se faz e do que se pensa no mundo".

No final do seu artigo "Branços e índios na formação da Amazônia", Djalma faz referência àquilo que é indispensável para se compreender a Amazônia: "o genocídio na Amazônia e no Brasil é uma tradição". Não seria exagero acrescentar, inclusive, que a tradição cultural regional tem se desenvolvido sob o signo do genocídio e da autofagia.

Manoel Galvão





A contribuição de Djalma Batista para a constituição do pensamento social sobre a Amazônia destaca-se entre as demais pelo fato de haver acontecido em dois planos que se completam e se combinam. O primeiro deles é a sua própria contribuição ao enfrentar questões relacionadas com campos de conhecimento como a Sociologia, Antropologia, Geografia, Economia e para todos eles estar propondo novas abordagens teóricas e de método, em particular o tratamento transdisciplinar dos problemas. A segunda contribuição igualmente importante está relacionada com a identificação do pensamento dos autores vinculados em algum grau à Amazônia e que ele incorporou desde cedo ao seu horizonte de intelectual e pesquisador.

Renan Freitas Pinto



Btca

ISBN 85-7512-097-2



9 788575 120972

Valer
EDITORA

CULTURA

Edições
Governo do Estado

EDUA



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA